



## Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade

**Luís Alberto De Boni**

Os “velhos escolásticos” continuam presentes

**Giuseppe Tosi**

Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo  
e filósofo da libertação

**Alessandro Ghisalberti**

A influência de Ockham na Segunda Escolástica

E mais:

>> **Lucia Ortiz e Bruna Engel:**  
Grandes grupos industriais  
são donos do Rio Uruguai

>> **Jacqueline Lima  
Dourado:**  
Passione e a indústria  
da telenovela

## Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade

A realização do 17º Colóquio Anual Direito e Natureza na primeira e na segunda escolástica, da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval (SIEPM), inspira a edição desta semana da IHU On-Line a debater essa importante corrente filosófica da Idade Média.

Entrevistamos vários dos conferencistas do evento. Na opinião do filósofo **João Madeira**, da UFMS, existe uma relação entre alguns postulados da escolástica e os direitos humanos. **Paula Oliveira e Silva**, da Universidade do Porto, analisa as ligações entre o *ius gentium*, o direito das gentes, e a Segunda Escolástica. O conceito de domínio na escolástica espanhola é o tema de **Jorge Alejandro Tellkamp**, que leciona na Universidade Nacional Autônoma do México. **Alessandro Ghisalberti**, professor de História da Filosofia Medieval na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade Católica del Sacro Cuore de Milão, examina a influência de Ockham na Segunda Escolástica, e percebe reflexos desse pensador na filosofia moral de Kant. **Alfredo Culleton**, professor do PPG em Filosofia da Unisinos e organizador do evento, menciona que a filosofia do jesuíta Francisco Suarez foi a base dos atuais direitos humanos. O filósofo **Giuseppe Tosi**, professor de filosofia na Universidade Federal da Paraíba, debate o legado de Bartolomeu de Las Casas, que considera o primeiro teólogo e filósofo da libertação. O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), **Alfredo Storck**, fala sobre o ser humano repensado pela escolástica. Para **Luís Alberto De Boni**, os “velhos escolásticos” continuam presentes.

Também contribuem na discussão do tema central desta edição os pesquisadores **José Luís Herreros**, **Santiago Orrego**, **Ludger Honnefelder**, **Jacob Schmutz**, professor de filosofia na Universidade Paris-Sorbonne (Paris-IV) e diretor dos estudos de filosofia e sociologia na nova Universidade Paris-Sorbonne Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, a pesquisadora **Jaqueline Hamesse**, e o filósofo espanhol **Angel Poncela González**.

*Passione! A indústria da telenovela no balizamento entre o merchandising social e o comercial* é o título do artigo de **Jacqueline Lima Dourado**, professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e líder do Grupo de Pesquisas COMUM.

Uma entrevista com **Bruna Cristina Engel** e **Lucia Ortiz**, da Organização Não-Governamental Amigos da Terra Brasil, analisando o impacto da construção das hidrelétricas no Rio Uruguai, tema da IHU On-Line da semana passada, completa a edição.

A todas e todos um bom feriado, uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Luís Alberto De Boni: Os “velhos escolásticos” continuam presentes

PÁGINA 11 | Alfredo Culleton: O pensamento de Suarez como base dos direitos humanos

PÁGINA 13 | Santiago Orrego: A importância da Segunda Escolástica no Ocidente

PÁGINA 17 | Giuseppe Tosi: Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação

PÁGINA 19 | Jorge Alejandro Tellkamp: O conceito de domínio na escolástica espanhola

PÁGINA 21 | Paula Oliveira e Silva: O *ius gentium* e a Segunda Escolástica

PÁGINA 24 | Alessandro Ghisalberti: A influência de Ockham na Segunda Escolástica

PÁGINA 26 | Jacqueline Hamesse: A importância da Escolástica para a paleografia

PÁGINA 28 | Alfredo Storck: O ser humano repensado pela escolástica

PÁGINA 30 | João Madeira: A escolástica e os direitos humanos

PÁGINA 33 | Angel Poncela González: A Escola de Salamanca e a Segunda Escolástica

PÁGINA 35 | José Luís Fuertes Herreros: O papel de Salamanca na Segunda Escolástica

PÁGINA 38 | Ludger Honnefelder: A contribuição dos jesuítas à Segunda Escolástica

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 40 | Lucia Ortiz e Bruna Cristina Engel: Grandes grupos industriais são donos do Rio Uruguai

» Coluna do Cepos

PÁGINA 44 | Jacqueline Lima Dourado: Passione! A indústria da telenovela no balizamento entre o merchandising social e o comercial

» Destaques On-Line

PÁGINA 46 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Evento

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Hélio Paz



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

# 17º Colóquio Anual Direito e Natureza na primeira e na segunda escolástica - Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval

POR ALFREDO CULLETON

O 17º Colóquio Anual da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval - SIEPM, sob o tema *Direito e Natureza na primeira e na segunda escolástica*, será realizado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, em Porto Alegre-RS, Brasil entre os dias 15 e 17 de setembro de 2010. A reunião do conselho da SIEPM realizar-se-á durante o sábado, dia 18 de setembro.

O presente colóquio é o evento anual mais importante da filosofia medieval no mundo. A SIEPM foi fundada em 1958 em Louvain, na Bélgica, com o objetivo

de promover o estudo do pensamento medieval. Conta atualmente com mais de 750 sócios ativos em 45 países. Cabe destacar que todos os filósofos medievalistas brasileiros são membros da SIEPM e que cada um dos cinco programas de pós-graduação em Filosofia com que conta o estado do Rio Grande do Sul, tem no mínimo um professor-pesquisador medievalista. A SIEPM organiza regularmente congressos internacionais e estimula o intercâmbio entre pesquisadores e acadêmicos auxiliando nos contatos e oferecendo bolsas. Com o intuito de manter os especialistas em comunicação constante, oferece o *Bulletin de Philosophie Médiévale*, uma

publicação anual com artigos científicos e informações de relevância, e a série *Rencontres de Philosophie Médiévale* (Editora Brepols, Bélgica), que publica os resultados do Colóquio Anual promovido pela Sociedade.

Este evento tem por objetivo reunir e desenvolver a mais alta pesquisa internacional que se ocupa da história de filósofos, de teólogos e de juristas ibéricos que trabalharam os aspectos legais e políticos da primeira escolástica, assim como com a maneira sob a qual estes conceitos foram recebidos e a geração de novas filosofias políticas e idéias de filosofia do direito na história das Américas.

## O que é a escolástica e a Escola de Salamanca

POR ALFREDO CULLETON

Ao nos referirmos à escolástica, estamos nos referindo ao método de ensino teológico e filosófico desenvolvido nos primórdios da universidade durante a Idade Média, entre os séculos IX e XVII. No método escolástico debatiam-se questões e opiniões, fundamentando-as com a razão. Os escolásticos procuravam conciliar os sagrados ensinamentos da doutrina cristã com o platonismo e o aristotelismo. Esse termo não significa exclusivamente filosofia medieval nem religiosa. É um método de produção de conhecimento fundado na disputa, no confronto de perspectivas visando respostas sustentadas na razão.

Quando falamos de Segunda Escolástica, nos referimos ao pensamento desenvolvido segundo a metodologia escolástica durante os séculos XVI e começos do XVII, durante os quais esta forma de pensamento alcança um grande nível intelectual. Seu principal foco de desenvolvimento, ainda que não o único, é a chamada escola de Salamanca, movimento intelectual iniciado por Francisco de Vitória<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Francisco de Vitória (1483-1512): teólogo espanhol neo-escolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada "Escola de Salamanca", sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da IHU On-Line)

(1483-1546) e projetado por seus discípulos para diversos centros de ensino da Europa e América. Destacados teólogos e juristas de diversas nacionalidades teriam o desafio de escrever comentários sobre os aspectos teológicos, metafísicos, lógicos, jurídicos, legais e políticos da obra do Aquinate e de outros destacados pensadores antigos, medievais e renascentistas. Nesta empresa não só atualizaram as ideias de seu mestre como introduziram uma nova filosofia política e do direito que influenciou significativamente a história da América.

A maneira como este vivo diálogo teológico-político-jurídico se desenvolveu na Península Ibérica e em outros lugares de Europa, a maneira como teve continuidade no continente Americano, a maneira como os conflitos políticos e sociais nas Américas encontraram um eco teórico na Espanha, assim como a significativa influência destes pensadores - e dos conceitos desenvolvidos por eles - sobre os movimentos revolucionários que levaram à independência dos estados americanos, são todos novos tópicos não apenas de interesse histórico mas de extrema importância filosófica.

## Os “velhos escolásticos” continuam presentes

Em temas como Metafísica, Ética e Política, os filósofos da Escolástica seguem tendo relevância, pontua Luís Alberto De Boni. Universidades brasileiras foram instituídas tardiamente porque Portugal assim o quis

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON

“**M**ovimento filosófico e teológico, que teve seu apogeu nos séculos XVI e XVII, dentro das universidades, principalmente da Espanha e Portugal, mas também da Itália e de alguns outros países. Partindo do estudo dos escolásticos medievais, principalmente de Tomás de Aquino, esses autores procuravam dialogar com a sociedade de seu tempo na qual haviam surgido alguns fatos novos, como as descobertas científicas na área da Física, que haveriam de culminar com os nomes de Copérnico (+1543), Galileu (+1642) e Newton (+1727); as descobertas marítimas que levaram os europeus a contatar novas civilizações, nas Américas e no Oriente; e a Reforma protestante”. Assim o filósofo gaúcho Luís Alberto De Boni define a Escolástica. Ele analisa, também, os motivos pelos quais a formação das universidades brasileiras foi tão tardia, comparativamente à Espanha e Portugal. De acordo com ele, “no período colonial não tivemos universidades porque Portugal não as quis instituir”. E provoca: “Se Suárez, em vez de ser um espanhol católico, fosse um alemão luterano, ou um holandês calvinista, ou um inglês anglicano, seria muito mais citado e o apresentariam como um dos grandes filósofos da História, o que ele, de fato, foi”. Em seu ponto de vista, “em questões de Metafísica, de Ética e de Política aqueles velhos escolásticos estão presentes” até hoje. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

De Boni é graduado em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí e em Teologia pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindisi. É doutor em Teologia pela Universidade de Münster (Westfälische-Wilhelms), orientado por Johann Baptist Metz. É pós-doutor pelas Universidades Alberto Magno e Bonn, ambas na Alemanha. Publicou e organizou mais de trinta obras, dentre as quais citamos: *Lógica e linguagem na Idade Média* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995); *Guilherme de Ockham* (Porto Alegre: Edipucrs, 2000) e *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média* (2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Poderia situar a Segunda Escolástica no Brasil?

**Luiz Alberto De Boni** - Creio que convém, inicialmente, explicar o que foi a assim chamada Segunda Escolástica. Tratou-se de um movimento filosófico e teológico, que teve seu apogeu nos séculos XVI e XVII, dentro das universidades, principalmente da Espanha e Portugal, mas também da Itália e de alguns outros países. Partindo do estudo dos escolásticos medievais, principalmente de Tomás de Aquino<sup>1</sup>, esses autores procuravam

dialogar com a sociedade de seu tempo na qual haviam surgido alguns fatos novos, como as descobertas científicas na área da Física, que haveriam de culminar com os nomes de Copérnico<sup>2</sup> (†1543),

Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

2 Nicolau Copérnico (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, além de cânone da Igreja, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica - o geocentrismo (que consi-

derava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Copérnico, em específico, o Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud, da PUC-Rio, proferiu palestra em 03-08-2005, intitulada Copérnico e Kepler: como a Terra saiu do centro do Universo. (Nota da IHU On-Line)

1 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja

Galileu<sup>3</sup> (†1642) e Newton<sup>4</sup> (†1727); as descobertas marítimas que levaram os europeus a contatar novas civilizações, nas Américas e no Oriente; e a Reforma protestante.

Os missionários que vieram para o Brasil haviam recebido uma formação fundamentada na Segunda Escolástica. Aqui, eles não precisaram muito debater noções da nova ciência, nem combater os protestantes, mas foi de suma utilidade o que aprenderem em questões de Ética, como, por exemplo, a respeito da dignidade dos indígenas, que não poderiam ser escravizados. Infelizmente, com relação à escravidão negra, não fizeram - ou não conseguiram fazer - o que seria de esperar.

### IHU On-Line - Como se deu a formação das universidades no Brasil?

**Luiz Alberto De Boni** - A universidade é uma instituição tardia no Brasil. Se olharmos para a América Espanhola, constataremos que já desde os primeiros tempos de colonização foram sendo criadas universidades. Assim, a Universi-

3 **Galileu Galilei** (1564-1642) físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, idéias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

4 **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos **Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada **A cosmologia de Newton**. (Nota da IHU On-Line)

## “A universidade é uma instituição tardia no Brasil”

dade de São Marcos, em Lima, foi fundada em 1551. Universidade Autônoma de Santo Domingo, na República Dominicana, teria sido fundada antes, em 1538, mas só mais tarde recebeu a documentação real; a Universidade do México, em 1551; a Universidade Santo Tomas em Bogotá, em 1580; a Universidade de Córdoba, na Argentina, em 1621; a Universidade Maior de São Francisco Xavier em Chuquisaca, na Bolívia, em 1624; a Universidade de Rosário, Argentina, em 1654; a Universidade de São Carlos de Guatemala, em 1676; a Universidade de Havana em 1721; a Real Universidade de São Felipe, Chile, em 1747.

Como se pode ver, cerca de 250 anos após o descobrimento, os espanhóis já haviam criado 10 universidades. Isso significou muito para aquela época, como se constatou quando, no início do século XIX, aconteceu a independência política da América Espanhola: havia naquelas jovens nações uma elite intelectual apta a assumir a direção dos negócios públicos.

### “Universidade do Brasil”

No Brasil, o caso foi bem diferente. Estou falando sério, não é piada o que vou contar a respeito de nossa primeira universidade. Ela surgiu em 1922. Naquele ano, comemorava-se o centenário da independência e, entre os convidados para os festejos, encontrava-se o rei Alberto I, da Bélgica, um monarca que se transformou em mito, devido à luta em defesa da pátria invadida pela Alemanha, quando da Primeira Guerra Mundial. Entre outras coisas, pensou-se em conferir a ele título de doutor *honoris causa*. Todos concordaram com a ideia, mas então alguém deve ter observado que, para tanto, era necessário haver uma universidade. Então, às pressas, as diferentes faculdades existentes no Rio de Janeiro foram reunidas, constituindo a “Universidade do Brasil”. E a primeira e honrosa missão de nossa primeira

universidade foi a de conferir um diploma de doutor *honoris causa*.

Na verdade, a primeira universidade brasileira, de fato, foi a USP, a Universidade de São Paulo. Esta também possui uma história interessante. Como se sabe, em 1930 Getúlio Vargas<sup>5</sup> chegou ao poder no comando de uma revolução dirigida principalmente contra o estado de São Paulo, acusado de se haver “adonado” da República. Em 1932, os paulistas reagiram também com uma revolução, que chamaram de constitucionalista (pois Vargas estava governando sem constituição). Na realidade, era a tentativa de uma elite conservadora e superada voltar ao poder. Mas, felizmente, foram derrotados. Por que felizmente? Em primeiro lugar, porque o passado não voltou ao poder; em segundo, e principalmente, porque depostas as armas, os vencidos se reuniram para pensar o futuro do Estado e, entre outras coisas, criaram, em 1936, uma universidade, que teve entre os organizadores o antropólogo Paulo Duarte, a quem Getúlio enviou duas vezes para o exílio e, depois, em 1969 - creio por ser inteligente demais - foi cassado pelos militares. A França tinha, na época, uma grande ascendên-

5 **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o **Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004**, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a **Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios**, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16-08-2004, intitulada **A Era Vargas em Questão - 1954-2004**, disponível em <http://migre.me/QYAi>, e a edição 112, de 23 -08-2004, chamada **Getúlio**, disponível em <http://migre.me/QYBn>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://migre.me/QYCb>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista **O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista**, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU **Idéias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Ideias**, chamado **Getúlio, romance ou biografia?**, também de autoria de Juremir, disponível em <http://migre.me/QYDR>. Vale destacar o **Caderno IHU em formação** número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado **Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola**, disponível em <http://migre.me/QYEE>. (Nota da IHU On-Line)

cia cultural sobre o Brasil - Paul Claudel<sup>6</sup> e Darius Millaud<sup>7</sup> foram adidos culturais no Rio de Janeiro. Por isso a USP surgiu dentro de um modelo francês e diversos professores franceses se encontram entre os primeiros que lecionaram na nova universidade (Claude Levy-Strauss<sup>8</sup> foi um deles).

### Reforma do ensino superior

Sem dúvida, alguns leitores poderão reclamar ao lerem estas linhas. Os paranaenses, por exemplo, vão dizer, que a universidade deles foi fundada em 1912. E é verdade. Aconteceu, porém, que, na visão política do então governo federal, ela não devia existir e, por isso, em 1920, foi dissolvida em suas faculdades, só voltando a ser universidade após a redemocratização de 1945. Por reunião de faculdades foram criadas, antes da USP, algumas que hoje são universidades federais, tais como a UFMG, em 1927, e a UFRGS, em 1934. A partir de 1941, com a fundação da PUC-Rio, surgem as universidades particulares.

Cabe mencionar, enfim, que nossas universidades, tal como estão funcionando hoje em dia, são fruto da reforma do ensino superior empreendida pelo governo militar. Em 1964, após o

6 Paul Claudel (1864-1955): poeta e diplomata. Um dos maiores expoentes da literatura de sua geração. Foi embaixador da França no Brasil (Nota da IHU On-Line).

7 Darius Milhaud (1892-1974): compositor e professor francês. Sua obra é conhecida por conciliar o uso da politonalidade (múltiplas tonalidades ao mesmo tempo) e do jazz. Fez parte do influente Grupo dos Seis. (Nota da IHU On-Line)

8 Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da IHU On-Line)

## “No período colonial não tivemos universidades porque Portugal não as quis instituir”

golpe de estado, o governo percebeu que não conseguiria superar o gargalo que estrangulava a procura pelo ensino superior. Por isso, facilitou a criação de universidades particulares que, em pouco tempo, duplicaram o número de universitários no país. Depois, dentro do célebre e discutível acordo MEC-USAID, reformulou-se o sistema universitário: entre outras coisas, suprimiram-se as cátedras, foi criado o tempo integral, organizou-se o plano de carreira docente, foi instituída e regulamentada a pós-graduação.

### IHU On-Line - Por que essa formação é tão tardia em nosso país?

**Luiz Alberto De Boni** - No período colonial não tivemos universidades porque Portugal não as quis instituir. E tinha lá seus motivos. Portugal era uma nação pequena e relativamente pobre em seu solo, mas tinha administradores de visão. Eles sacrificaram os domínios no Oriente, entregando-os à Holanda e à Inglaterra, mas salvaram para si a mais rica e lucrativa colônia da época: o Brasil.

A extensão e a riqueza da colônia poderia, porém, transformar-se em tentação para os habitantes dela que, um dia, seriam levados a sonhar com a independência, como, de fato, aconteceu no caso da Inconfidência Mineira<sup>9</sup>. Contra este perigo foram tomadas certas medidas, entre as quais a de impedir a fundição de ferro (numa região que encontrava o minério à flor da terra e tinha escravos que, na África, haviam aprendido a fundi-lo), a de proibir a impressão de livros e a tecelagem, e a de manter um baixo nível cultural, tanto não promovendo o ensino primário como impedindo a

9 Inconfidência Mineira: um dos mais importantes movimentos sociais da História do Brasil. Significou a luta do povo brasileiro pela liberdade, contra a opressão do governo português no período colonial. Ocorreu em Minas Gerais no ano de 1789, em pleno ciclo do ouro. (Nota da IHU On-Line)

criação de universidades.

O pouco de cultura que a colônia conheceu esteve asilado em colégios religiosos, principalmente os dos jesuítas. Infelizmente não temos muita documentação a respeito aqui no Brasil, mas é de supor que em Portugal, no Arquivo da Torre do Tombo, esteja guardado material importante dos colégios da época. Para todos os efeitos, é bom recordar que o padre Antônio Vieira<sup>10</sup>, uma das mais brilhantes cabeças de nossa história, fez todos seus estudos, inclusive de Teologia, no colégio dos jesuítas, na Bahia.

### Riqueza financeira, pobreza cultural

Quando a corte portuguesa, no início do século XIX, fugindo das tropas de Napoleão, chegou ao Brasil, pôde ver de perto a situação calamitosa da colônia, sem dúvida a mais rica financeiramente e a mais pobre culturalmente de todo o mundo. Para suprir as necessidades mais agudas, foram então criados dois cursos de Direito, um em Recife e outro em São Paulo, e duas faculdades de Medicina, uma no Rio e outra em Salvador. Com isso, procurava-se formar administradores nativos da coisa pública e garantir um mínimo de assistência médica à população. E assim o país se tornou independente e conheceu quase 70 anos

10 Antônio Vieira (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Veio para o Brasil em 1915 e logo começou seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais tarde ingressou na Companhia de Jesus. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia as invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Envolveu-se, posteriormente, com a Inquisição, e chegou a estar detido por um ano. Voltou ao Brasil em 1681, para a Bahia, onde veio a falecer anos mais tarde, no Colégio de Salvador. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes e *Arte de furtar*, escrito em 1744, porém, de autoria duvidosa. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, Antônio Vieira. *Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/b8XEXF>. (Nota da IHU On-Line)

de império, tempo durante o qual quase nada se fez em favor do ensino superior.

Veio, enfim, a República, e novamente a desgraça. Os positivistas, com a queda da monarquia, talvez não obtiveram tanto espaço político como esperavam, mas foi importante sua contribuição ideológica. Baseados na doutrina comteana<sup>11</sup>, eles defendiam a obrigação de o governo abrir escolas primárias, porque, a seu modo de ver, se tratava de um ensino sem conteúdo ideológico. Ao mesmo tempo, porém, defendiam que o poder público não devia se imiscuir no ensino superior, porque este era ideológico, devendo ser promovido por grupos particulares que por ele se viessem a interessar.

Graças a essas ‘sábias’ medidas históricas, fomos criar nossas universidades 370 anos depois que os espanhóis fundaram as deles em continente americano. E só a partir das décadas de 1970 e 1980 do século passado, isto é, há 30-40 anos, é que o fluxo contínuo de formação de mestres e doutores passou a funcionar no Brasil.

### IHU On-Line - Qual é a relevância dos jesuítas na Segunda Escolástica?

**Luiz Alberto De Boni** - Os grandes nomes da Segunda Escolástica foram, quase todos, de dominicanos e jesuítas. De início encontramos mais dominicanos, e isso tem uma lógica, pois o texto que foi adotado para ser comentado em aula foi a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, um dominicano; havia também renomados frades desta ordem lecionando já antes que fosse fundada a Companhia de Jesus. Foram dominicanos, entre outros Silvestre Prierias (1456-1523); Tomás de Vio Caietano (1469-1534); o grande Francisco de Vitoria (1483-1546); Domingos de Soto (1494-1560) e Domingos Bañez (1528-1602). Aos poucos, porém, os jesuítas encontraram o próprio espaço e tiveram brilho próprio. Chegaram a tanto por dois motivos: em primeiro lugar, pela convicção da Companhia de Jesus de que, naquele momento histórico, era necessário investir pesado na educação

11 **Augusto Comte** (1798-1857): filósofo e pensador social francês. Fundou a escola filosófica conhecida como positivismo e criou um conceito de ciência social a que deu o nome de sociologia. O positivismo comteano afirma que a verdade da ciência é indiscutível e demonstrável universalmente. (Nota da IHU On-Line)

## “São as surpresas da história: protestantes de antanho aprendendo filosofia na obra de um papista!”

e, por isso, as melhores cabeças foram encaminhadas para as universidades; em segundo lugar, porque Tomás de Aquino foi adotado pela Companhia como o pensador a ser seguido como modelo. E assim surgiram nomes como os de Luís Molina (1535-1600); João Mariana (1536-1624); Roberto Bellarmino (1542-162); Francisco Suárez (1548-1617); Gregório de Valência (1549-1603); Gabriel Vasquez (1551-1604) e Leonardo Lessio (1554-1623).

Para falar da relevância desses jesuítas, dou apenas dois exemplos. Hugo Grócio<sup>12</sup>, calvinista, goza de grande consideração no mundo jurídico, como sendo aquele que sistematizou a teoria do direito natural. Pois bem, basta ver a quantidade das citações em *O direito da guerra e da paz* nas quais apela para esses nomes da Segunda Escolástica e se constatará que na leitura desses dominicanos e jesuítas ele encontrou quase todo o arcabouço teórico de que precisava. O segundo exemplo tem a ver com Francisco Suárez, o filósofo mais lido no século XVII e início do século XVIII. Ora, como os protestantes haviam criticado acerbamente os escolásticos, alegando que estes deram muita atenção aos filósofos e pouca à Bíblia, eles acabaram por não produzir nenhum grande pensador nas primeiras décadas de sua história. Daí, quando quiseram fazer Filosofia, descobriram que as *suarezianas Disputationes metaphysicae*

12 **Hugo Grócio** (1583-1645): filósofo, dramaturgo, poeta e jurista holandês. Aos oito anos de idade, já compunha versos. Com 11 anos, ingressou no curso de Direito da Universidade de Lyden, na Holanda. Em 1613 foi promovido a Governador da cidade de Rotterdam, o que lhe dava assento nos Estados da Holanda e nos Estados Gerais dos Países Baixos Unidos. Sua obra mais conhecida é *De iure belli ac pacis* (*Das leis de guerra e paz*, 1625), no qual aparece o conceito de guerra justa e do direito natural. (Nota da IHU On-Line)

(atualmente sendo traduzidas para o português) eram um excelente livro para tanto (e continua sendo). São as surpresas da história: protestantes de tempos passados aprendendo filosofia na obra de um papista! Aliás, costume dizer a meus alunos que, se Suárez, em vez de ser um espanhol católico, fosse um alemão luterano, ou um holandês calvinista, ou um inglês anglicano, seria muito mais citado e o apresentariam como um dos grandes filósofos da História, o que ele, de fato, foi.

### IHU On-Line - Com quais áreas do conhecimento a Segunda Escolástica dialoga atualmente?

**Luiz Alberto De Boni** - Há ciências nas quais os autores são sempre atuais; noutras, não. Um aluno, que tenta construir um pequeno telescópio, não irá pesquisar a obra de Al-Hazen, de Rogério Bacon ou de Galileu; ele vai logo procurar um manual atualizado que trata do tema. Do mesmo modo, os engenheiros que lançam uma sonda em direção a Marte não vão ler a obra de Newton sobre a lei da atração dos corpos, mas se valem de um programa de computador para fazer os cálculos. Isto é, não é preciso ler a obra de Galileu ou de Newton para ser um grande físico.

Já no Direito, por exemplo, Cícero<sup>13</sup>, Ulpiano<sup>14</sup>, Grócio continuam vivos e atuais; juristas, juízes e advogados os citam. O mesmo acontece com a Filosofia. Pobre do aluno que julgasse que, para ser um bom filósofo, seria suficiente dominar a obra de Heidegger<sup>15</sup>

13 **Marco Túlio Cícero** (106 a.C. - 43 a.C.): filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. (Nota da IHU On-Line)

14 **Eneo Domitius Ulpianus** (150-228 d. C.): jurista romano, reconhecido como importante político e estudioso, e considerado um dos maiores economistas de seu tempo. Deu os primeiros passos para o desenvolvimento do seguro de vida. Interessou-se pelo estudo de documentos sobre nascimentos e mortes dos romanos, publicando *Ulpian's Table*, provavelmente no ano 200 d.c, o que lhe valeu o título de primeiro atuário da História. (Nota da IHU On-Line)

15 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*,

ou de Wittgenstein<sup>16</sup>, Aristóteles<sup>17</sup>,

disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNty>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

16 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. (Nota da IHU On-Line).

17 Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

Agostinho<sup>18</sup>, Kant<sup>19</sup> são autores atuais que têm ainda muito a nos dizer. Umberto Eco<sup>20</sup> - o autor de *O nome da Rosa* -, ateu confesso, escreveu que, quando se depara com grandes problemas teóricos, costuma recorrer a Tomás de Aquino (morto em 1274).

O mesmo acontece com a Segunda Escolástica. Devem ser poucos os economistas que vão ler um autor

18 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

19 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

20 Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*; *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

desse período para saber o que ele escreveu sobre a teoria da moeda; poucos também os físicos que vão procurar lá o que se aventou a respeito do movimento. Entretanto, em questões de Metafísica, de Ética e de Política aqueles velhos escolásticos estão presentes.

E concluo com um exemplo. Quando George Bush<sup>21</sup>, o pai, resolveu invadir o Iraque, solicitou autorização ao senado, e este pediu parecer aos assessores jurídicos. Um colega da USP, numa conferência, mostrou que a resposta dos assessores seguia exatamente a argumentação de Francisco de Vitoria, nas duas *Relectiones de indis* (Conferências sobre os índios), ao tratar do direito natural, do direito dos povos e das relações entre as nações. Não é preciso dizer que Vitoria discordava frontalmente do furor bélico bushiano.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Luís Alberto De Boni à IHU On-Line.

\* *Repensando a política atual através da Idade Média*. Edição número 198, Revista IHU On-Line, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/bzaJpq>

21 George Herbert Walker Bush (1924): político dos Estados Unidos da América, o 41º presidente do país (1989-1993). Anteriormente, ele já tinha servido como embaixador na ONU (1971-1973), diretor da CIA (1976-1977), e o 40º vice-presidente dos Estados Unidos na gestão do presidente Ronald Reagan (1981-1989). (Nota da IHU On-Line)

# CICLO DE ESTUDOS EM EAD: SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

## ACESSE NO ENDEREÇO

## WWW.IHU.UNISINOS.BR

## O pensamento de Suarez como base dos direitos humanos

Conceito de *ius gentium*, o direito das gentes, de Francisco Suarez, está na raiz da concepção atual de direitos humanos, reflete Alfredo Culleton. Pensamento do jesuíta espanhol promoveu ruptura com tradição tomista

POR MÁRCIA JUNGES

Uma verdadeira ruptura com a hegemonia da doutrina de Tomás de Aquino. Esse foi o efeito do pensamento formulado pelo jesuíta espanhol Francisco Suarez, responsável por novas interpretações dos clássicos adequadas às necessidades históricas. A afirmação é do filósofo Alfredo Culleton, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. É importante lembrar, também, que, sob um prisma jurídico-político, Suarez “desenvolve uma série de conceitos que serão de grande relevância tanto no processo de ocupação das Américas, como na sua independência”. Entram aí o contrato social, muito antes de sua formulação específica por Thomas Hobbes, “a origem popular do poder, a doutrina do tiranicídio e de um direito internacional”. O tiranicídio, em específico, inspirou muitos processos libertários na América Latina, mesmo antes da Revolução Francesa, aponta Culleton. Outro aspecto importante do pensamento de Suarez é inaugurar o direito subjetivo, presente no direito moderno. Prova disso é o conceito de *ius gentium*, ou seja, o direito das gentes (ou dos povos), “que consiste num direito transnacional que independe de estar escrito ou não, que é formulado pelas culturas, numa consensualidade progressiva e que deve ser respeitado universalmente”. Este direito é, portanto, a raiz de onde brotam os modernos direitos humanos.

Culleton é graduado em Filosofia, pela Universidade Regional no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com a tese *Fundamentação ockhamiana do Direito Natural*. Atualmente, leciona nos cursos de graduação e mestrado em Filosofia na Unisinos. É colaborador na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, e na Universidade de Buenos Aires - UBA, Argentina. Atua como assessor do escritório da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval - SIEPM. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a importância de Suarez<sup>1</sup> na Segunda Escolástica?

1 Francisco Suarez (1548-1619): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi *Disputationes Metaphysicae* (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pre-

Alfredo Culleton - O jesuíta espanhol Francisco Suarez (1548-1617) representa uma ruptura com a hegemonia da doutrina de Tomás de Aquino desenvolvida pelos dominicanos e inaugura um alargamento no pensamento com a introdução de novas interpretações dos clássicos adequado às necessidades históricas. Ele vai inaugurar uma nova etapa onde é possível estar de acordo em alguns pontos com Tomás e em desacordo em outros. Este refinamento no seu pensar filosófico o tornaram o pensador mais influente dos seguintes dos séculos de fi-

gou o direito do povo derrubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. (Nota da IHU On-Line)

losophia católica e de alguns importantes filósofos do século XX, como Heidegger.

### IHU On-Line - Quais são os conceitos mais relevantes desenvolvidos por ele na formação latino-americana?

Alfredo Culleton - Desde o ponto de vista jurídico-político Suarez desenvolve uma série de conceitos que serão de grande relevância tanto no processo de ocupação das Américas como na sua independência. Nesse sentido destacamos a ideia do contrato social, mesmo antes de Hobbes<sup>2</sup>, a origem

2 Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens

popular do poder, a doutrina do tiranicídio e de um direito internacional. A premissa medieval sobre o poder soberano é a origem divina do poder terreno. O tiranicídio consiste no direito que todo povo tem de atentar contra o soberano caso este dê evidentes sinais de estar governando para seu próprio interesse, e não para o do povo. Esta ideia vai ser muito importante no processo libertário latino-americano, mesmo antes da Revolução Francesa.

**IHU On-Line - Que conceitos oriundos dessa filosofia podem ser significativos para o direito contemporâneo?**

**Alfredo Culleton** - Aquela ideia de Aristóteles de justiça como “dar a cada um o que é seu” será transformada por Suarez em “certo poder ou faculdade moral que cada um tem sobre o que é seu e sobre aquilo que lhe é devido”. Assim, ele inaugura o direito subjetivo, que será a grande marca no direito moderno. Um outro conceito refinado pelo nosso autor é o de *ius gentium*, ou direito de gentes, que consiste num direito transnacional que independe de estar escrito ou não, que é formulado pelas culturas, numa consensualidade progressiva e que deve ser respeitado universalmente. Trata-se de uma combinação entre a racionalidade da são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista IHU On-Line, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/bDUAj>. (Nota da IHU On-Line)

**“O jesuíta espanhol Francisco Suarez (1548-1617) representa uma ruptura com a hegemonia da doutrina de Tomás de Aquino desenvolvida pelos dominicanos”**

lei natural e a vontade expressa na lei civil. O direito de gentes confere às vontades consensuadas estatuto de lei, razoabilidade e uma dinamicidade que poderia estar na base dos direitos humanos como os entendemos hoje.

**IHU On-Line - Que importância tem a Segunda Escolástica no curso de filosofia da Unisinos em sua origem e atualmente?**

**Alfredo Culleton** - Uma das mais destacadas características do método escolástico foi a *Quaestio disputata*, que consistia em oferecer uma questão, submeter ela às mais variadas abordagens, talhar uma resposta fundada tanto quanto possível na razão e nos clássicos, e responder às objeções. Esta metodologia se estendeu até bem recentemente na formação dos jesuítas e certamente permeia o espírito do curso de Filosofia da Unisinos. Por sua vez, o acervo bibliográfico na área disponível na Unisinos é

um diferencial.

**IHU On-Line - Qual é o sentido da Unisinos sediar o 17º colóquio anual da SIEPM?**

**Alfredo Culleton** - Foi um grande esforço trazer pela primeira vez este evento ao hemisfério Sul, ao Brasil, e mais especificamente ao Rio Grande do Sul e à Unisinos. Responsável por isto é o prestígio adquirido internacionalmente pela pesquisa desenvolvida nas nossas instituições acadêmicas através dos seus programas de pós-graduação. Neste caso, o tema que foi proposto nos vincula ainda mais à história latino-americana e à sua contribuição filosófica. De modo especial, a Unisinos tem a vocação para sediar o evento por dois motivos: em primeiro lugar pela tradição jesuítica tão próxima à temática proposta, e pelo inestimável acervo bibliográfico que a Biblioteca Unisinos tem a respeito. Merecem destaque as obras da biblioteca do Cristo Rei, a qual, por gerações, os padres não só adquiriram como preservaram.

**LEIA MAIS...**

>> Confira outras entrevistas concedidas por Alfredo Culleton à IHU On-Line.

- \* *Em nome de Deus: um retrato de época*. Edição número 160, Revista IHU On-Line, de 17-10-2005, disponível em <http://bit.ly/dodKuV>
- \* *A interculturalidade medieval*. Edição número 198, Revista IHU On-Line, de 02-10-2007, disponível em <http://bit.ly/972H1W>
- \* *Ninguém aceita a morte por suposição*. Edição número 269, Revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/9duyo0>

**OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE EM WWW.IHU.UNISINOS.BR**



## A importância da Segunda Escolástica no Ocidente

Nossa formação histórica e cultural recebeu influência decisiva da Segunda Escolástica, analisa o filósofo Santiago Orrego. Paradoxalmente, sua importância “sociologicamente mensurável” é marginal

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON - TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**P**aradoxalmente, a importância da Segunda Escolástica é quase que “inversamente proporcional à atenção que de fato recebe esse pensamento em nossos países, e algo semelhante cabe dizer de Espanha e Portugal. Creio que isso tem a ver com o fato de que a Segunda Escolástica foi predominantemente ibérica e também com nosso lamentável complexo de inferioridade intelectual, que nos leva a estar sempre mirando as novidades que vem do Norte - o resto da Europa e Norte-américa”. A reflexão é do filósofo chileno Santiago Orrego, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Em sua opinião, a importância dessa corrente filosófica é decisiva para nossa formação histórica e identidade cultural. Mas completa: “Se me é perguntado pela importância, digamos, ‘sociologicamente mensurável’, que o estudo da Segunda Escolástica tem em nossos países, diria que é marginal, muito inferior ao que mereceria em razão de sua relevância histórica e, em minha opinião, também em relação com o que tem de valor atual para ensinar-nos”.

Santiago Orrego é professor do Instituto de Filosofia da Universidade Católica do Chile. É doutor em Filosofia pela Universidade de Navarra com a tese *Historia de filosofia del Renacimiento y Edad Media*. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a importância da Segunda Escolástica na América Latina?**

**Santiago Orrego** - São muitas as vertentes a partir das quais se pode abordar esta pergunta. Talvez seja adequado começar por ampliá-la e perguntar-se: qual é a importância da Segunda Escolástica no Ocidente - em seu pensamento e em suas instituições -, cultura que integra de maneira preponderante a identidade latino-americana? Seria difícil exagerar essa importância, inclusive para aqueles movimentos intelectuais que se apresentam a si mesmos como reações contra ela. Pode citar-se, a este respeito, o parágrafo 6 de *Ser e tempo* de Martin Heidegger que se refere à obra mais emblemática da Segunda Escolástica: “o essencial da filosofia grega passa à metafísica e à filosofia transcendental da época moderna pela via das *Disputationes metaphysicae* de Francisco Suarez e determina, no entanto, os fundamentos e fins da lógica de He-

gel<sup>1</sup>” (*Ser e tempo*, § 6, p. 22 [da Ed. De Niemeyer]).

O pensamento do próprio Descartes<sup>2</sup>, que pretendia filosofar “sem pres-

<sup>1</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/ZAON>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/ZAOX>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (suposta-

supostos” e é habitualmente considerado como o pai da filosofia moderna, se demonstrou que está marcado por uma grande dependência com referência às propostas filosóficas e teológicas dos escolásticos que precederam imediatamente. O mesmo caberia dizer de Malebranche<sup>3</sup>, Spinoza, Leibniz e outros. Aos trabalhos pioneiros de Gilson e Freudenthal seguiram muitos outros até a atualidade, os quais não fizeram mais do que confirmar e aprofundar a hipótese e que seria demasiado longo referir aqui. E isto não só em questões de metafísica, senão também e muito especialmente na área da filosofia jurídica e política, incluindo alguns dos teóricos mais importantes da Ilustração. Ambas as vertentes confluíram na independência dos países da América.

Portanto, se é verdade que nossa compreensão de nós mesmos e da re-

mente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Nicolas Malebranche (1638-1715): filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

alidade está muito condicionada pelas “teses implícitas” que assumimos junto com o aprender uma linguagem, que essas “teses implícitas” derivam de uma história cultural na qual não há verdadeiros saltos de qualidade e, finalmente, se é verdade que essas teses só podem tornar-se explícitas - controláveis e criticáveis, portanto, - mediante uma reconstrução de sua história - a história dos conceitos é verdadeira filosofia, diz Gadamer<sup>4</sup> -; se tudo isso é verdadeiro, resulta que não podemos saber realmente o que ou quem somos nós mesmos, se não é examinado diretamente - entre outras coisas - o pensamento da Segunda Escolástica.

### Paradoxo

Pois bem, esta importância é quase inversamente proporcional à atenção que de fato recebe esse pensamento em nossos países, e algo semelhante cabe dizer de Espanha e Portugal. Creio que isso tem a ver com o fato de que a Segunda Escolástica foi predominantemente ibérica e também com nosso lamentável complexo de inferioridade intelectual, que nos leva a estar sempre mirando as novidades que vem do Norte - o resto da Europa e Norte-américa. Também se relaciona com os combates ideológicos - sem querer usar a palavra em sentido pejorativo - que até não muito tempo atrás vinculava a escolástica com o tradicionalismo católico. Agora que isto está mais distante no tempo, se torna possível abordar este campo de estudo com mais serenidade e objetividade: sem objetivos apologéticos nem iconoclastas mais ou menos conscientes, reconhecendo suas grandezas e suas limitações.

Em resumo: se me é perguntado pela importância da Segunda Escolástica para nossa história e para a formação de nossa identidade cultural, eu diria que é decisiva. Se me é perguntado pela importância, digamos,

<sup>4</sup> Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://migre.me/DtiK>. (Nota da IHU On-Line)

**“O pensamento do próprio Descartes, que pretendia filosofar ‘sem pressupostos’ (...) se demonstrou que está marcado por uma grande dependência com referência às propostas filosóficas e teológicas dos escolásticos que precederam imediatamente”**

“sociologicamente mensurável”, que o estudo da Segunda Escolástica tem em nossos países, diria que é marginal, muito inferior ao que mereceria em razão de sua relevância histórica e, em minha opinião, também em relação com o que tem de valor atual para ensinar-nos.

**IHU On-Line - E no Chile, qual é a influência desta vertente filosófica?**

**Santiago Orrego** - Não creio que, neste aspecto, a situação do Chile seja muito distinta da do resto dos países da América Latina. Desde logo, não há ou quase não há pensadores nem acadêmicos que podem catalogar-se de “escolásticos”. Trata-se de um modo de fazer filosofia e de estruturar o pensamento que simplesmente já não se pratica e que não creio que seria nefasto querer reabilitar em seus modos e em muitas de suas ideias. Sim, há acadêmicos que estudam os escolásticos, porém muito mais os medievais do que os do Renascimento ou do Barroco (períodos nos quais se inscreve a chamada Segunda Escolástica). Destes, muitos o fazem a partir de um enfoque puramente histórico. Também há quem busque nos escolásticos ideias atuais, que consideram e defendem como verdadeiras; destes, a maioria são tomistas que,

por outro lado, tendem a desprezar os escolásticos posteriores. E não só os de “escolas rivais” - seguidores de Duns Escoto<sup>5</sup>, Guilherme de Ockham<sup>6</sup> ou Francisco Suarez, para citar os principais -, senão especialmente a escola tomista tradicional.

Creio que, pela influência de alguns tomistas do século vinte, como Etienne Gilson<sup>7</sup> ou Cornélio Fabro<sup>8</sup>, se generalizou entre eles a ideia de que a escola tomista - quase em bloco - caiu em esquecimento ou incompreensão do “autêntico pensamento” de Santo Tomás, ao qual concebem quase exclusivamente em torno ao ato de ser ou *esse* (em latim, pois já nem sequer se atrevem a traduzi-lo, para não deformá-lo...). E toda a escolástica pós-tomista, seja de que século for, se considera de saída como “decadente”

<sup>5</sup> John Duns Scot (ou Escoto Eriúgena - 1265-1308): frade franciscano escocês, foi um filósofo e teólogo da tradição escolástica, chamado de “Doutor Sutil”, em razão de ser um autor de acesso difícil, que lhe valeu essa reputação de sutileza. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Foi mentor de outro grande nome da filosofia medieval, William de Ockham. Foi beatificado em 20 de Março de 1993, durante o pontificado de João Paulo II. Formado no ambiente acadêmico da Universidade de Oxford, posicionou-se contrário a São Tomás de Aquino no enfoque da relação entre a razão e a fé. Suas principais obras são a *Opus parisiensis (Obra de Paris)* e a *Opus oxoniensis (Obra de Oxford)*, também conhecida como *Ordinatio*, ambas provavelmente compilações, por seus discípulos, de seus cursos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham’s Razor), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Étienne Gilson (1884-1978): filósofo francês tomista. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Cornélio Fabro (1911-1995): filósofo italiano, reconhecido por “devolver” o tomismo às suas raízes em relação com o pensamento moderno. Foi um dos primeiros estudiosos do existencialismo, e introduziu na Itália a obra de Kierkegaard, que traduziu diretamente do dinamarquês. (Nota da IHU On-Line)

e se olha para ela com receio. Se me é permitido expressar aqui minha opinião sem poder fundamentá-la, creio que se trata, sobretudo no caso de Fabro, de um remedo um tanto torpe do diagnóstico heideggeriano do “esquecimento do ser” no pensamento ocidental. Com esse gesto se pretendia dar atualidade ao pensamento de Santo Tomás, eximi-lo da crítica de Heidegger e, de passagem, talvez como motivação inconsciente, dar peso teórico e apoio no prestígio do pensador alemão ao programa da *Aeterni Patris* de Leão XIII<sup>9</sup>. Porém creio que em Santo Tomás há muito mais do que o *esse*; que muitas de suas concepções filosóficas originais não dependem para nada dessa doutrina; e que a escolástica - primeira ou segunda - tem valor muito além do tomismo.

### IHU On-Line - Qual é o impacto, a influência política da Segunda Escolástica na formação dos países latino-americanos?

**Santiago Orrego** - Convém distinguir aqui, como é natural, duas épocas (embora eu saiba que o Brasil tem um esquema distinto): o período colonial (incluindo a conquista) e o das repúblicas independentes. O principal foco de desenvolvimento da Segunda Escolástica foi a Universidade de Salamanca. Todo o movimento foi marcado pelos ensinamentos de Francisco de Vitoria entre 1526 e 1546, o qual criticou muito valentemente as justificações que se davam para a conquista espanhola da América. Não só defendeu a racionalidade dos aborígenes, senão também a plena validade de suas instituições políticas; com matizes relevantes negou os direitos políticos da coroa de Castilla sobre as terras descobertas e declarou ilegítimas as guerras de conquista. E não era um personagem irrelevante, senão o principal catedrático da principal universidade espanhola

<sup>9</sup> **Leão XIII (1810-1903)**: nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da IHU On-Line)

e, nesse momento, talvez também da Europa. Suas doutrinas, desenvolvidas por seus discípulos, chegaram a ser quase universalmente aceitas e de fato chegaram a ser recolhidas nas legislações espanholas referentes à América. É verdade que a obediência a essas leis foi limitada, porém, de fato, salvaram vidas e evitaram ou desfizeram escravidões. Poderia estender-me muito sobre este ponto, ilustrando-o com casos históricos concretos, porém creio que o espaço não o permite. O certo é que, sem os pensadores de Salamanca, teriam morrido muito mais índios e nossos povos seriam muito menos mestiços.

Outro capítulo é o da vida das colônias espanholas e portuguesas já estabelecidas. Muitos dos que assumiam cargos no governo e na administração americana, civil ou eclesiástica, se formavam no pensamento da Segunda Escolástica - pensamento jurídico, filosófico, político, teológico e até econômico - e, desse modo, essas idéias iam configurando as instituições. Essas idéias também empapavam a vida cultural e artística. A arte do Barroco se caracterizou como “conceitual”, e os conceitos que se encarnavam na arte se desenvolviam nas grandes universidades ibéricas e americanas. Por isso, Octavio Paz<sup>10</sup> pôde dizer que a literatura do barroco hispânico foi a única verdadeiramente filosófica, no sentido de que os conceitos e debates filosóficos “acadêmicos” - e também teológicos - tinham amplo cabimento, por exemplo, nas poesias, nas novelas e nas obras de teatro. Algumas delas dependiam essencialmente desses argumentos. A vida de nossos países na época colonial, em quase todas as suas áreas, seria incompreensível sem essa retaguarda intelectual.

### Sincretismo de ideias

O surpreendente é que as mesmas

<sup>10</sup> **Octavio Paz Lozano (1914-1998)**: poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

ideias políticas que se desenvolveram na Espanha e em Portugal nos séculos XVI e XVII e que eram moeda corrente nas universidades americanas, foram a principal base de justificação da independência dos países americanos. Certamente, o que dominava em começos do século XIX na América era um sincretismo entre as ideias da escolástica e as da Ilustração, - as quais também tiveram papel relevante, - porém, quase tudo o que se fez politicamente pela independência podia justificar-se perfeitamente a partir da filosofia de Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Francisco Suarez e de seus discípulos europeus e americanos, e, de fato assim ocorreu. Estou pensando agora num manifesto político firmado sob o pseudônimo de José Amor de la Pátria, intitulado *Catecismo político-cristiano*, que se difundiu amplamente no Chile em 1810 e habitualmente se considera um antecedente relevante de nossa independência ou, quando menos, um bom reflexo das ideias que guiavam os independentistas. Outros textos semelhantes se difundiram em outros países da América. Não depende, em suas propostas, nem de Locke<sup>11</sup> nem de Rousseau<sup>12</sup> nem de Montaigne, nem dos pais da pátria norte-americanos, senão dos autores que nomeei pouco antes. Por exemplo, as idéias, bem perfiladas e defendidas, de que a autoridade dos governantes provém de Deus, porém através do povo: que as leis humanas só valem para aqueles que lhe deram seu consentimento, direto ou indireto; que, por uma causa grave, existe o direito de rebelião e

<sup>11</sup> **John Locke (1632-1704)**: filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> **Jean Jacques Rousseau (1712-1778)**: filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line)

que o povo pode legitimamente revocar a autoridade do monarca: que, em ausência do governante legítimo - pensemos em Fernando VII<sup>13</sup> preso por Napoleão -, a potestade retorna ao povo para que este eleja seu governante e, eventualmente, outra forma de governo; que, em caso de tirania e sob certas condições, é legítimo inclusive dar morte ao tirano; que há tirania quando o governante não age para o bem dos governados. E, já Vitoria e Soto denunciavam que os espanhóis não estavam governando para o bem dos povos americanos submetidos. Enfim: tudo isso se encontra nesses pensadores, sobre os quais não recaía nenhum tipo de suspeita sobre sua ortodoxia doutrinária católica. Desse modo, um partidário da independência e da República não tinha por que sentir-se em conflito com suas convicções religiosas - nessa época, na América Latina, fundamentalmente católicas.

#### **IHU On-Line - A Segunda Escolástica apresenta alguma contribuição à discussão jurídica contemporânea?**

**Santiago Orrego** - Dos textos destes autores se poderiam extrair princípios bastante iluminadores sobre questões de grande atualidade. Não é em vão que Francisco de Vitoria é considerado por muitos como o pai do Direito Internacional moderno. Outros assinalam Hugo Grócio, porém a grande dependência a este respeito de Vitoria ou Suarez, por exemplo, está muito bem documentada. Abordarei esta questão com exemplos concretos. Pensemos, por exemplo, em suas doutrinas sobre a guerra e suas possíveis justificações; são muito mais radicais e matizadas do que as que se puseram em jogo, por exemplo, nos debates sobre a invasão dos Estados Unidos ao Iraque, que parece chegar ao seu fim. Ela não tem a simplicidade nem de um pacifismo *hippie*, nem de um pragmatismo "realista", nem de uma ingênua missão divina de lutar pela liberdade dos povos.

Outro dilema político e jurídico, muito vinculado ao anterior: Há certo tempo, o tribunal constitucional da

Alemanha declarou inconstitucional a disposição pela qual se autorizava às Forças Armadas derrubar um avião com passageiros do qual haveria certeza que fora raptado e que se utilizaria como projétil, como ocorreu com as Torres Gêmeas em 2001. A solução se apoiou fundamentalmente na filosofia moral de Kant e no pressuposto que derrubar o avião implicava considerar os passageiros inocentes como "coisas", como simples meios e não como fins - negando, portanto, sua dignidade que a constituição alemã declara "inviolável". Este é certamente um dilema tremendo. Porém, ao ler-se a fundamentação da decisão do tribunal, se vê que não se concebe uma alternativa entre o consequencialismo ético, que simplesmente põe na balança as consequências desejáveis de uma ação, e a moral da dignidade pessoal incondicionada, que não admite cálculos. Pois bem: um dilema parecido formulou para si Vitoria, há quase quinhentos anos, sob uma fórmula distinta: é lícito bombardear um barco de guerra turco no qual se encontram prisioneiros cristãos? Não se trata aqui de propor a solução dada por Vitória; mas, a mim resulta claríssimo que ele apresenta razões de peso não consideradas na discussão atual, que poderiam ser esclarecedoras e segundo as quais derrubar o avião seqüestrado não implicaria em considerar os reféns como simples meios sujeitos a cálculos de benefícios.

Em meu país me tocou intervir em alguns debates políticos, na mídia, como a determinação do salário justo - que se começou a chamar "salário ético" - ou a valoração moral dos saques que se produziram após o terremoto de 27 de fevereiro, ou o significado metafísico ou teológico que poderia ter o achado "milagroso" de 33 mineiros enterrados depois de 17 dias. Procurei dar realce a ideias emprestadas de meus amigos da Escola de Salamanca e elas têm sido consideradas aportes valiosos para o debate. E não tenho dúvidas de que aqui há muitas luzes que podem orientar-nos, porém nós, na América do Sul, as consideramos muitas vezes como alimentos para roedores nos fundos de nossas bibliotecas. Espero que o próximo colóquio ajude a mudar esta situação.

<sup>13</sup> Fernando VII (1784-1833): rei espanhol, filho de Carlos IV e Maria Luísa de Parma. (Nota da IHU On-Line)

Acesse [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação

Reconhecimento da alteridade dos indígenas e relação entre teoria e práxis libertadora tornam justo apontar Las Casas como “autêntico filósofo latino-americano da libertação”, assegura Giuseppe Tosi

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON - TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**R**econhecer a alteridade dos índios em sua condição de indivíduos e também de povos é um bom motivo para considerar Bartolomeu de Las Casas como “o primeiro teólogo e filósofo da libertação latino-americana”, acredita o filósofo italiano Giuseppe Tosi. Em sua opinião, “a compreensão que Las Casas adquiriu do encontro/desencontro, descobrimento/encobrimento entre o Velho Mundo e o Novo Mundo é uma das mais extraordinárias da nossa história”. E continua: “pela compreensão e o reconhecimento da alteridade oprimida, humilhada, ocultada dos povos indígenas, e pela relação constante entre a teoria e a práxis libertadora que ele soube realizar, podemos a justo título considerar Las Casas como um autêntico filósofo latino-americano da libertação”. Tosi pontua que ele conseguiu conjugar “o conhecimento da tradição e da linguagem filosófica do seu tempo com as trágicas e dramáticas questões do Novo Mundo, elaborando assim um pensamento ao mesmo tempo universal e autenticamente latino-americano”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Graduado em Filosofia pela Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano, Giuseppe Tosi é mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Padova, e pós-doutor pela Universidade de Firenze, ambas na Itália. Leciona na UFPB e é autor de *La Teoria della schiavitù naturale nel dibattito sul Nuovo Mondo (1510 - 1573). Veri Domini o Servi a natura?* (Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2002) e organizador de *Direitos humanos: história, teoria e prática* (João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005) e de *Bartolomé de Las Casas: De Regia Potestate* (Bari-Roma: Laterza, 2007). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são as ligações entre os direitos humanos e a segunda escolástica espanhola?**

**Giuseppe Tosi** - Os estudos que se dedicam à reconstrução da evolução histórica das doutrinas dos direitos do homem evidenciam uma genealogia quase “canônica”, que inicia com a *Magna Charta Libertatum* de 1215, passa pelo *Bill of Rights* da Revolução Gloriosa<sup>1</sup> de 1688 para chegar à Declaração do Estado da Virgínia de 1777, e finalmente à *Déclara-*

<sup>1</sup> **Revolução Gloriosa**: evento histórico que ocorreu na Inglaterra entre 1695 e 1740, na qual o rei Jaime II da dinastia Stuart (católico) foi removido do trono da Inglaterra, Escócia e País de Gales, substituído por sua filha, Maria II e pelo seu genro, o nobre holandês Guilherme, Príncipe de Orange. Marcou o declínio do parlamento sobre a coroa. (Nota da IHU On-Line)

*tion des droits de l’homme e du citoyen* da Revolução Francesa<sup>2</sup> de 1789.

No entanto, tais reconstruções passam ao largo do período de transição

<sup>2</sup> **Revolução Francesa**: nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de Maio de 1789 e 9 de Novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (Ancien Régime) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da Independência Americana (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (Liberté, Egalité, Fraternité), frase de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da IHU On-Line)

entre a concepção objetiva do direito natural, típica de grande parte da tradição antiga e medieval, para a concepção subjetiva dos direitos naturais. Esta passagem acontece entre os séculos XV e XVI e tem as suas raízes remotas na jurisprudência da Idade Média, nas posições assumidas pelos teólogos franciscanos e nominalistas, no debate sobre a pobreza do século XIV e XV, sobretudo a partir de Guilherme do Ockham e, finalmente, nos teólogos da Escola de Salamanca, sobretudo a partir do debate sobre o Novo Mundo na primeira metade do século XVI.

**IHU On-Line - Em que consiste a contribuição dos escolásticos de Salamanca**

para a história conceitual dos direitos humanos?

**Giuseppe Tosi** - Para o jusnaturalismo antigo, que havia dominado a história do conceito de direito natural desde Aristóteles até o final do século XV, o direito (*dikaion* em grego, *ius* em latim) era definido primariamente como uma relação objetiva, fundada não sobre os gostos e as preferências dos indivíduos, mas sobre o que objetivamente era devido nas relações entre os sujeitos, a partir de uma ordem natural e social que governava o mundo e que era legitimada por Deus, ordem com a qual os sujeitos deviam se conformar, cada um ocupando o seu lugar. Na verdade, cabiam aos súditos mais deveres para com a sociedade do que propriamente direitos.

A partir do fim da Idade Média e do início do Renascimento, o direito (*ius*) tende a ser identificado com o domínio (*dominium*), que, por sua vez, é definido como uma faculdade (*facultas*) ou um poder (*potestas*) do sujeito sobre si mesmo e sobre as coisas. Inicia assim uma concepção que desvincula e liberta progressivamente o indivíduo da sujeição a uma ordem natural e divina objetiva e lhe confere uma dignidade e um poder próprio e original, limitado somente pelo poder igualmente próprio e original do outro indivíduo, sob a égide da lei e do contrato social. É a passagem do direito para os direitos!

**IHU On-Line - Como esta doutrina foi aplicada à questão dos povos indígenas do Novo Mundo?**

**Giuseppe Tosi** - Francisco de Vitória, na famosa *Relectio de Indis*, de 1537, faz uma afirmação capital a respeito dos direitos dos índios, naquela época chamados de bárbaros: “*Sine dubio barbari erant et publice et privatim ita veri domini, sicut christiani; nec hoc titulo poterunt spoliari aut principes aut privati rebus suis, quod non essent veri domini.*” (“Sem dúvida esses bárbaros eram, do ponto de vista do direito público e privado, verdadeiros senhores, como os cristãos; e por este motivo não podiam ser despojados dos seus príncipes e privados dos seus bens, como se não fossem verdadeiros senhores/donos.”)

Faço duas observações importantes sobre esta frase:

**“Todos os homens, enquanto criados a imagem de Deus (tradição bíblica), e enquanto animais racionais (tradição aristotélica) são livres por sua própria natureza: por isso rejeita a doutrina aristotélica da escravidão natural”**

a) Vitória não fala de *homines*, mas de *domini*: a questão não é a humanidade dos indígenas, que nenhum teólogo sério colocou em questão; prescindindo de qualquer outro argumento, se o índios não tivessem alma, cairia por terra a principal justificativa da conquista, a evangelização. O que estava em jogo não era a humanidade dos índios, mas o seu *dominium*, ou seja, a legitimidade do poder político dos regimes indígenas, e a legitimidade da propriedade dos seus bens.

b) Sobre esta questão Vitória é categórico e assimila os bárbaros aos cristãos, introduzindo, assim, um argumento de reciprocidade de direitos muito significativo e, ao mesmo tempo, condenando a destituição dos legítimos senhores políticos e a apropriação indevida dos bens dos indígenas. Sem tais justificativas, o domínio espanhol sobre as Índias ficaria sem nenhum fundamento religioso, ético ou político.

**IHU On-Line - Qual é a importância de Bartolomeu de Las Casas<sup>3</sup> na formação da identidade latino-americana?**

**Giuseppe Tosi** - Bartolomeu de Las Casas (1485-1567), que era dominicano

<sup>3</sup> Bartolomeu de las Casas (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992). (Nota da IHU On-Line)

como Vitória, aplica de maneira rigorosa o princípio de reciprocidade dos direitos que Vitória introduz, levando-o até as últimas consequências. Em polêmica com Juan Ginés de Sepúlveda<sup>4</sup>, que era o intelectual orgânico dos conquistadores e com o qual terá uma famosa disputa na cidade de Valladolid em 1550 e 1551, Las Casas defenderá as seguintes teses:

a) Todos os homens, enquanto criados à imagem de Deus (tradição bíblica), e enquanto animais racionais (tradição aristotélica) são livres por sua própria natureza: por isso rejeita a doutrina aristotélica da escravidão natural que era aplicada por Sepúlveda aos índios.

b) Como os mestres de Salamanca, Las Casas afirma que o imperador não pode ser considerado dono das propriedades dos indivíduos (*dominus super rebus singulorum*) mas somente governante político, isto é, ele exercita somente uma jurisdição (*iurisdictio*). Mas, a diferença deles, Las Casas admite o poder temporal do Imperador e o poder espiritual do Papa (*in ordine ad spiritualia*) sobre o mundo inteiro. Las Casas permanece ancorado na visão universalista medieval dos dois poderes. Esta visão não contrasta com o reconhecimento da plena legitimidade do *dominium* indígena, porque Las Casas imagina o poder do imperador como uma autoridade suprema que governa sobre uma federação de estados e nações indígenas regidas pelos seus legítimos e originários senhores, que se submetem ao imperador somente quanto aos tributos, recebendo em troca proteção contra o cobiça dos conquistadores e encomenderos.

c) Para responder a Sepúlveda, que considerava os indígenas bárbaros e selvagens, elabora na *Apologia* uma tipologia de quatro tipos diferentes bárbaros que é considerada um dos primeiros exemplos de “etnologia comparada”.

d) Não admite os pecados contra a natureza e a infidelidade como causa de guerra justa contra os índios, mas procura entendê-los como manifestações culturais e expressões de uma forma de religiosidade que só podem ser modificadas com o tempo e persuasão, e nunca

<sup>4</sup> Juan Ginés de Sepúlveda: filósofo e teólogo espanhol. Segundo ele, os índios, assim como os negros, não tinham almas, não eram passíveis de salvação, não eram filhos de Deus, o que permitia sua escravização. (Nota da IHU On-Line)

com a força.

e) Não admite nenhum tipo de violência ou de guerra e propõe um *único modo* para a evangelização: a pregação pacífica que tentou, de várias maneiras, levar a cabo com a ajuda de outros pregadores. Aliás, será o único a justificar as guerras de legítima defesa dos índios contra a violência dos conquistadores.

### IHU On-Line - Há relação entre a Segunda Escolástica e a Teologia da Libertação?

**Giuseppe Tosi** - Podemos considerar Bartolomeu de Las Casas como o primeiro teólogo e filósofo da libertação latino-americana devido ao reconhecimento da alteridade dos índios enquanto indivíduos e enquanto povos. Nesta passagem crucial e trágica da história ocidental, a figura de Las Casas, não somente pelo seu valor moral, mas também pela sua originalidade e força teórica, é um dos pontos mais altos da relação entre “nós” e “os outros”. A compreensão que Las Casas adquiriu do encontro/desencontro, descobrimento/encobrimento entre o Velho Mundo e o Novo Mundo é uma das mais extraordinárias da nossa história. Na obra de Las Casas se manifesta um dos pontos mais altos da “descoberta que o *eu* faz do *outro*”, ponto que raramente foi alcançado na consciência moderna a ele posterior. Com efeito, a teoria que Las Casas tanto combateu, da superioridade de uma civilização sobre as outras, se consolidará nos séculos seguintes através das várias formas de eurocentrismo, alimentado pelas ideologias do progresso, do racismo, do (sub) desenvolvimento, que acompanham o longo processo através do qual a história da Europa se torna história do mundo.

Pela compreensão e o reconhecimento da alteridade oprimida, humilhada, ocultada dos povos indígenas, e pela relação constante entre a teoria e a práxis libertadora que ele soube realizar, podemos a justo título considerar Las Casas como um autêntico filósofo latino-americano da libertação. Com efeito, ele soube conjugar o conhecimento da tradição e da linguagem filosófica do seu tempo com as trágicas e dramáticas questões do Novo Mundo, elaborando assim um pensamento ao mesmo tempo universal e autenticamente latino-americano.

## O conceito de domínio na escolástica espanhola

Não é possível falar num fim delimitado da escolástica, senão num modelo paulatino deste modelo. A concepção de domínio tem posição central na teoria de direitos individuais e políticos, afirma Jorge Alejandro Tellkamp

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“O conceito de domínio é central tanto para o desenvolvimento de uma teoria de direitos individuais como de direitos políticos. E, neste sentido, a ideia de domínio não é importante apenas para o pensamento da Escolástica espanhola, senão também para a filosofia política moderna em geral”. A afirmação é do filósofo mexicano Jorge Alejandro Tellkamp, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Ele pontua que não se pode falar sobre um fim “temporalmente delimitado da escolástica, senão antes de uma mudança de percepções que se deu principalmente com o Renascimento e com pensadores como René Descartes ou David Hume e do desgaste paulatino deste modelo”.

Tellkamp leciona na Universidade Nacional Autônoma do México e na Universidade Autônoma Metropolitana, também na capital do país. É graduado, mestre e doutor em Filosofia. A graduação foi realizada na Universidade Friedrich-Alexander, na Alemanha, o mestrado na Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, e o doutorado na Universidade Martin-Luther, na Alemanha. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Por que o domínio é um conceito fundamental da Escolástica espanhola?

**Jorge Alejandro Tellkamp** - A noção de domínio (*dominium*) tem significado primordialmente legal e marca as discussões sobre como os indivíduos podem estabelecer relações com coisas e também com outras pessoas. Historicamente falando, não se trata de um conceito novo, dado que já é introduzido pelo direito romano. Sem dúvida, a partir dos séculos XIII e XIV começou a configurar-se um panorama político-legal inovador, no qual se destacava a aproximação de pensar o domínio como um direito. O conceito de direito, por sua vez, é

concebido como uma faculdade ou um poder a respeito de algo. Assim, ao falar de domínio, se está enfatizando a potestade inerente a qualquer agente racional de usar algo ou de estabelecer propriedades. Por isso, com razão se destacou que, na identificação de domínio como direito, se encontra a origem dos direitos subjetivos individuais, isto é, de direitos cujo cumprimento qualquer indivíduo pode reclamar.

Que esta ideia tenha sido central para alguns dos mais destacados pensadores da Escolástica espanhola (Vitoria, Soto, Bañez, Molina, etc.) não é de se estranhar, porque com ela dispuseram de um

instrumento conceitual valioso para poder discernir reclamações válidas (por exemplo, dos indígenas de exercer a posse de suas terras) daquelas que não o são (por exemplo, justificar a conquista com base no argumento de que os indígenas não são cristãos). Em definitivo, o conceito de domínio é central tanto para o desenvolvimento de uma teoria de direitos individuais como de direitos políticos. E, neste sentido, a ideia de domínio não é importante apenas para o pensamento da Escolástica espanhola, senão também para a filosofia política moderna em geral.

### IHU On-Line - Qual é a influência da Escolástica no México?

**Jorge Alejandro Tellkamp** - Desde que se estabeleceram estudos formais na Nova Espanha, quer dizer, no que agora é México, tanto o método escolástico de ensino como seus conteúdos tiveram importante papel. Isto tem a ver com o fato de que os transmissores do conhecimento formal foram quase exclusivamente integrantes das diferentes ordens religiosas, as quais, em princípios do século XVI seguiam o “modelo escolástico”. Desta maneira, seguiram-se as pautas consuetudinárias, principalmente de Aristóteles, porém desde logo também de Tomás de Aquino, João Duns Escoto, etc. Tal como o assinala Mauricio Beuchot, a característica distintiva da Escolástica mexicana não se dá tanto em propor um pensamento radicalmente novo, senão o de dar cabimento a uma série de problemas novos à luz de uma metodologia provada, sobretudo se pensarmos nos desafios morais, teológicos e legais que pressupôs a Conquista da América<sup>1</sup>. Não obstante, é preciso notar que, quanto à metodologia e formação, um pensador novo-hispano como Alonso de la Veracruz<sup>2</sup> não difere tanto de um jesuíta peruano como José de Acosta<sup>3</sup>.

1 Veja-se BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México colonial* (Herder: Barcelona 1966, p. 24 ss.). (Nota da IHU On-Line)

2 Alonso Gutiérrez (1507-1584): também conhecido como Frei Alonso de Vera Cruz, figura mais importante da filosofia do México durante o século XVI. (Nota da IHU On-Line)

3 José de Acosta (1539-1600): jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Desempenhou trabalhos mis-

## “Ao falar de domínio, se está enfatizando a potestade inerente a qualquer agente racional de usar algo ou de estabelecer propriedades”

### IHU On-Line - A que fatores se deve o fim da Escolástica?

**Jorge Alejandro Tellkamp** - Não se pode falar de um fim temporalmente delimitado da Escolástica, senão antes de uma mudança de percepções que se deu principalmente com o Renascimento e com pensadores como René Descartes ou David Hume<sup>4</sup> e do desgaste paulatino deste modelo. Isto não quer dizer que a Escolástica tenha chegado a um fim. De um ponto de vista historiográfico, não é sempre claro quando termina um período e quando começa outro. De fato, enquanto no século XIV Petrarca<sup>5</sup> já criticava o pensamento escolástico, este continuou vigente nos salões de classes por vários séculos mais até que a rigidez e o caráter esquemático da lógica e da filosofia natural foram vistos como obstáculo ao livre desenvolvimento do engenho humano. Não é por acaso que o *Fausto*, de Goethe<sup>6</sup>, se tivesse res-

sionários na América, regressando à Espanha em 1587. Escreveu *História natural e moral das Índias*. (Nota da IHU On-Line)

4 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

5 Francesco Petrarca (1304-1374): intelectual, poeta e humanista italiano, famoso, principalmente, devido ao seu *Romanceiro*. É considerado o inventor do soneto, tipo de poema composto de 14 versos. (Nota da IHU On-Line)

6 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo

trungido pelas botinas espanholas da lógica.

### IHU On-Line - Quais seriam os reflexos e a influência da Escolástica na filosofia de hoje?

**Jorge Alejandro Tellkamp** - É difícil falar de uma influência da Escolástica espanhola sobre o pensamento contemporâneo, porque isto iria beirar o anacronismo. Parece que não é boa ideia usar textos históricos e tratar de averiguar que problemas atuais resolvem. A tarefa do historiador do pensamento consiste antes em rastrear as ideias à luz de uma leitura exata dos textos e em mostrar o modo como ideias que os mesmos contêm foram se transformando ao longo dos tempos. Desta maneira se tem podido assinalar a influência que tiveram pensadores jesuítas sobre o pensamento político moderno, por exemplo, em Grócio, Pufendorf<sup>7</sup>, mas também em Locke e até mesmo em Wolff<sup>8</sup>. Porém, o mais visível testemunho da relevância do pensamento da Escolástica espanhola é a estátua de Francisco de Vitoria que adorna a praça das Nações Unidas em Nova Iorque.

européu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sutrm und Drang. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da IHU On-Line)

7 Samuel Pufendorf (1632-1694): jurista alemão. No campo do direito público, ensina que a vontade do Estado é a soma das vontades individuais que o constituem e que tal associação explica o Estado. Nesta concepção *a priori*, Pufendorf demonstra ser um precursor de Jean-Jacques Rousseau e do “contrato social”. Pufendorf defende a noção de que o direito internacional não está restrito à cristandade, mas constitui um elo comum a todas as nações, pois todas elas formam a humanidade. (Nota da IHU On-Line)

8 Christian Wolff (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da IHU On-Line)

## O *ius gentium* e a Segunda Escolástica

A origem, a fundamentação e a atualidade do conceito de “direito das gentes” são analisadas pela filósofa portuguesa Paula Oliveira e Silva. Forte racionalidade e aposta na capacidade humana de conhecer a realidade e o mundo que a circunda são algumas de suas características

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON

O direito dos povos, originariamente chamado de *ius gentium*, seria algo como “um direito decorrente da natureza humana; não porque uma tal natureza o exija de modo absoluto, mas pelas circunstâncias e pela condição concreta do gênero humano, situada no espaço e no tempo”. A análise é da filósofa portuguesa Paula Oliveira e Silva, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Esse conceito possui forte racionalidade e aposta na “capacidade humana de conhecer a realidade e o mundo circundante, na sua condição objetiva”. Para Tomás de Aquino, “o *ius gentium* distingue-se do direito natural mas deriva intrinsecamente dele, formando-se pelas soluções que a razão humana dele infere, de modo quase evidente, como conclusões próximas”.

Paula de Oliveira e Silva é pesquisadora no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, em Portugal. É licenciada em Filosofia, mestre e doutora em Filosofia Medieval. cursou pós-graduação em Bioética pela Universidade Católica Portuguesa. De sua produção bibliográfica destacamos *Santo Agostinho. Diálogo sobre o livre arbítrio* (Lisboa: INCM/CFUL, 2001). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - O que é o *ius gentium*?

Paula Oliveira e Silva - Tanto quanto pude entender da investigação que levei a efeito, ao conceito de *ius gentium* - que poderíamos traduzir em português por “direito das gentes” ou “direitos dos povos” - corresponde uma noção algo difusa, difícil de determinar. Deriva do fato de se apresentar como um produto da tradição jurídica romana. Ulpiano, logo no início do *Digesto*, divide o direito em público e privado, afirmando que este é tripartido e deriva ou dos preceitos naturais, ou dos povos ou dos civis (*Digesto*, I, 1,1). O direito das gentes situar-se-ia, então, entre o direito natural e o direito civil, o que lhe confere à partida uma posição de certo modo ambígua. O direito natural, prosseguem as *Instituições Justinianas*, é aquele que a natureza ensina a todos os animais - *quod natura omnia animalia docuit*. Este direito não é específico do gênero humano, mas de todos os animais que nascem no céu, na terra e no mar

(*Digesto*, II, 4). O direito civil e o dos povos aproximam-se por demais. De fato, prossegue o texto, todos os povos que se regem mediante leis e costumes, fazem uso de um direito que, em parte, lhes é próprio e em parte é comum a todos os povos. O direito civil é como que o direito próprio da cidade onde um povo se organiza.

Inversamente, o direito dos povos é aquele que a razão natural estabelece entre toda a comunidade humana, aquele que se conserva de modo equivalente entre todas as gentes, a modo de um direito de que todos os povos fazem uso. Como faz notar Velley, a noção de *ius gentium* não assume um papel preponderante no *Corpus Iuris Civilis*, pois o direito dos juristas romanos é sobretudo um direito da cidadania e da cidade, um direito civil. Ora, pelo Édito de Caracala, todos os habitantes do Império se tornaram cidadãos romanos, pelo que a consideração de um direito comum ao povo Romano e aos outros povos residentes no Impé-

rio deixou de fazer sentido. Porém, a noção de *ius gentium* terá ocupado um lugar importante na época do florescimento do Império Romano, quando este não era mais do que um agregado de cidades diversas e dispersas. O desenvolvimento das relações comerciais e a consequente troca de bens e serviços tornou premente a necessidade de um entendimento comum aos habitantes das diversas cidades, mesmo que provenientes de povos diversos (M. Velley, *La formation de la pensée juridique moderne*, p. 342). Os juristas romanos reconheciam, por conseguinte, um direito natural próprio de todos os homens e comum a todas as nações, promulgado pela razão humana e expresso em normas jurídicas.

### *Ius gentium*, direito natural ou positivo?

Mas algumas normas particulares deste direito natural eram catalogadas ora como de direito natural, ora

como de direito dos povos. O direito dos povos seria, neste caso, um direito positivo, pois dependeria da instituição humana. Por seu turno, há normas de direito positivo que são apenas válidas para alguns povos e cidades. Daí a tripartição que os juristas romanos fazem do direito propriamente humano em natural, dos povos e civil. O direito dos povos seria, então, algo como um direito decorrente da natureza humana, não porque uma tal natureza o exija de modo absoluto, mas pelas circunstâncias e pela condição concreta do gênero humano, situada no espaço e no tempo. Esta tripartição do direito é transmitida ao mundo medieval através de Isidoro de Sevilha<sup>1</sup> e pode ler-se nas *Etimologias*, Livro V, cap. 4-6 (PL, 82, 199-200). E é esta discussão que Tomás de Aquino retoma na II-IIae da *Suma Teológica*, no artigo 3, questão 57, recuperando as posições de Gaio e Ulpiano e citando Isidoro. Basicamente, são estas as questões que se discutem, na escolástica medieval e na tradição de comentário àquela questão e artigo do Aquinate, as quais se mantêm no século XVI, no período áureo da Escolástica Ibérica. O que está em discussão é saber se o direito das gentes é um direito natural ou um direito positivo e, em consequência, até que ponto as normas dele decorrentes são imutáveis - caso em que decorrem de um ditame da natureza racional - ou, porque de instituição humana, podem, e até, desejavelmente nalguns casos, devem ser abolidas.

#### IHU On-Line - Qual é a sua fundamentação teórica?

**Paula Oliveira e Silva** - Se a questão anterior poderia ser respondida com base na História e na Filosofia do Direito, esta outra indaga os fundamentos antropológicos e até metafísicos da concepção romana e depois medieval do *ius gentium*. Seria por isso necessário indagar cada um dos textos, desde aqueles de caráter jurídico, como pode ser o *Digesto*, àqueles que se inserem num debate filosófico ou mesmo teoló-

<sup>1</sup> San Isidoro de Sevilha (560 - 636 d. C.): bispo, teólogo, compilador e santo hispanoromano na época visigoda. Foi arcebispo de Sevilha durante mais de três décadas (599-636) e era considerado um dos grandes eruditos dos primeiros tempos da Idade Média. (Nota da IHU On-Line)

**“Daquilo que pode apreender, a proposta de um direito comum a todos os povos, quer natural, quer positivo, supõe, antes de qualquer coisa, a concepção de uma natureza humana comum, caracterizada pela racionalidade, integrando-se por isso numa concepção naturalista do direito”**

gico, como é o caso do referido texto de Tomás de Aquino, e verificar como cada autor responde à questão sobre a fundamentação do direito dos povos. É uma tarefa que excede o meu propósito. Todavia, daquilo que pode apreender, a proposta de um direito comum a todos os povos, quer natural, quer positivo, supõe, antes de qualquer coisa, a concepção de uma natureza humana comum, caracterizada pela racionalidade, integrando-se por isso numa concepção naturalista do direito. Supõe ainda que uma tal natureza não se esgota nos indivíduos humanos, nem se exaure nas expressões espacio-temporais que caracterizam o humano na sua individualidade. É, de fato, um bem comum e permite identificar características comportamentais comuns que estão para além da condição geográfica e histórica da vida das comunidades humanas. Em segundo lugar, a consideração de um conjunto de princípios comuns que viabilizem a coexistência pacífica entre os povos implica admitir que a condição humana é por natureza e essencialmente sociável e dada à partilha de bens e tarefas. Sem esta dimensão, o ser humano não se realiza como tal. Por último, a

admissão de um direito comum a todos os povos, decorrente de uma natureza humana também ela comum, supõe uma postura epistemológica igualmente determinada: a convicção de que a natureza humana é cognoscível na sua racionalidade e nas manifestações desta. Supõe, por isso, um conceito forte de racionalidade e uma aposta confiante na capacidade humana de conhecer a realidade e o mundo circundante, na sua condição objetiva.

#### IHU On-Line - Por que esse conceito é resgatado na Segunda Escolástica?

**Paula Oliveira e Silva** - Não creio tratar-se exactamente de um “resgate”. O contexto em que analisei o conceito de *ius gentium* foi efetivamente o do ensino da filosofia e da teologia na escolástica medieval. Quer isto dizer que o fiz em contexto do ensino nas universidades. A partir do brevíssimo artigo 3, da questão 57, da II-IIae de Tomás de Aquino, parti para os comentários posteriores, nomeadamente o de Caetano. Avancei depois para os comentários de Vitória e de Soto, já no século XVI e produzidos no contexto da Escola de Salamanca, para daí aceder a alguns daqueles produzidos nas Universidades portuguesas de Coimbra e Évora, na segunda metade do século XVI (nomeadamente, os comentários de Antônio de Santo Domingo e de Fernando Perez). Sendo assim, mais do que uma recuperação do conceito de *ius gentium* no século XVI, o que pude verificar foram elementos de continuidade na doutrina, os quais se prendem, eventualmente, com um fator externo, inerente à própria organização do ensino universitário da Teologia em torno da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, cujo comentário subsistiu paulatinamente aquele das *Sentenças* de Pedro Lombardo. Era assim já em Paris, ao tempo em que Vitória aí estudou e o sistema será importado pelo próprio para a organização dos estudos em Salamanca.

#### Entendimento universal

Do ponto de vista doutrinal, da leitura dos comentários dos autores que referi à *Suma Teológica*, II-IIae, questão 57, a.3 pude verificar a discussão acerca do

fundamento natural ou positivo do direito das gentes e da distinção entre aquelas normas que, promulgadas por ele, são perenes, e aquelas que podem ser mudadas. Para o Aquinate, o *ius gentium* distingue-se do direito natural mas deriva intrinsecamente dele, formando-se pelas soluções que a razão humana dele infere, de modo quase evidente, como conclusões próximas. Para Vitória, inversamente, o *ius gentium* é uma noção primordial, dado que pretende extrair dele regras expressas para a convivência e relação pacífica entre os povos. O direito das gentes mostra que os homens sempre se entenderam universalmente sobre alguns preceitos de direito, como resultado de uma reflexão racional sobre uma natureza comum. Desta reflexão, que a razão humana impõe, emergem leis como as da liberdade dos mares e as dos direitos dos embaixadores em contexto de guerra. Porém, deste modo Vitória - e Soto ainda com maior evidência - sublinha o carácter positivo do direito dos povos, enquanto resulta da instituição humana e depende do consentimento universal de todos os povos, mais do que o seu fundamento *ex ipsa natura rei*, como queria Tomás de Aquino.

Uma das questões latentes nesta discussão é a da origem e legitimidade da escravatura. Os autores que estudei coincidem em afirmar que a escravatura - considerada por Aristóteles como uma realidade de direito natural, posição que Tomás de Aquino de certo modo corrobora - é uma norma de direito das gentes que pode ser revogada, e, de fato, o foi, no que se refere à condição dos prisioneiros resultantes dos conflitos armados entre povos cristãos. Porém, esta afirmação, nestes comentários em particular, é feita de um modo pouco determinado. É como se a razão dissesse que assim deve ser, mas a prática de vida e a organização social da época, contradizendo a razão dos teólogos, se impusessem como realidade irrevogável.

**IHU On-Line - O *ius gentium* é um conceito pertinente nos dias atuais? Por quê?**

**Paula Oliveira e Silva** - Posso intuir que, se tivesse dirigido a minha resposta à questão anterior para onde ela parecia querer dirigir o diálogo, esta questão

faria agora mais sentido. De fato, se, como evidenciei, é verdade que há uma continuidade na doutrina acerca do direito das gentes, também é certo que a discussão acerca de conjunto de direitos comuns a todos os povos e nações é posicionado no século XVI de modo novo. Isso deve-se em parte à necessidade de repensar doutrinas e práticas face às realidades sociais e políticas que a descoberta do designado Novo Mundo trouxe à colação.

É hoje reconhecido o protagonismo que Francisco de Vitória, e dos seus seguidores na Escola de Salamanca, quer na defesa da causa indígena, quer muito concretamente no que diz respeito à fundação do Direito Internacional. Todavia, essas são questões bem mais complexas do que aquela discutida *stricto sensu* no horizonte do conceito de *ius gentium* ou, se quiser, este adquire um novo contexto hermenêutico, à luz da discussão sobre a dignidade humana dos povos indígenas, dos seus direitos, e da legitimidade da ocupação dos territórios das Américas pela coroa espanhola e pela coroa portuguesa. Esse é um debate interessantíssimo e pleno de atualidade, que se pode seguir de perto, entre outros textos, pela leitura das *Relectiones de Indis* de Vitória e também pelos documentos emanados da designada Junta de Valladolid, recolhendo a discussão entre Sepúlveda e Las Casas.

Respondendo diretamente à sua questão sobre a atualidade do conceito de *ius gentium* diria: sim e não. Por um lado, o conceito de Direito Internacional, fundado na ideia de um consenso universal entre as nações, substitui aquele de *ius gentium*, da mesma forma que o jusnaturalismo irá sendo atenuado (e até substituído) pelo direito subjetivo - o direito de fazer uso de uma coisa segundo o arbítrio próprio. Por outro lado, não deixa de ser profícua a compreensão do conceito de *ius gentium* e do seu lugar na história e na filosofia do direito. De fato, se ele é atualmente pouco operativo em termos de gestão das relações entre a comunidade internacional, as discussões teóricas que lhe estão na base - o fundamento natural ou subjetivo do direito, a objetividade ou subjetividade da norma jurídica - são hodiernas e de máxima pertinência.



# Orações Ilustradas.

Acesse em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A influência de Ockham na Segunda Escolástica

Há um nexos indiscutível entre a filosofia do filósofo nominalista com o pensamento desenvolvido pela Escolástica, analisa Alessandro Ghisalberti. Ideias ockhamianas chegam até a modernidade, em Kant e em sua filosofia moral

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**G**uilherme de Ockham não foi um nominalista no sentido negativo do termo, explica o filósofo italiano Alessandro Ghisalberti na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. “Neste sentido, muitos filósofos e teólogos da Segunda Escolástica valorizaram a teoria de Ockham sobre os universais (contra toda forma de realismo dos conceitos), sobre a linguagem científica (contra toda hipostatização de termos como essência, natureza, espaço, tempo, movimento), e contra a proliferação das distinções que não sejam a distinção real e a de razão (“Não se devem multiplicar entes sem necessidade”; eis a famosa navalha de Ockham!)” Outra contribuição importante desse pensador é para a ontologia, filosofia da natureza e da política ao afirmar o primado do indivíduo em relação ao gênero e à espécie. As influências de Ockham para a Segunda Escolástica são inegáveis, e chegam até a modernidade, na filosofia moral de Kant, por exemplo.

Ghisalberti é professor de História da Filosofia Medieval na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, onde é diretor do Departamento de Filosofia. Membro da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval (SIEPM), escreveu diversas obras, das quais destacamos *Introduzione a Ockham* (Roma: Bari, 1976) e *Guglielmo di Ockham* (Firenze: Scritti filosofici, 1991). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a influência de Ockham sobre a Segunda Escolástica?

**Alessandro Ghisalberti** - São dois os elementos emergentes da historiografia filosófica mais recente sobre a valoração da obra de Guilherme de Ockham: antes de tudo, o mestre inglês, considerado o iniciador da “via moderna”, não foi um nominalista, no sentido negativo do termo. Se por nominalismo se entende a teoria da insignificância do universal, do seu reduzir-se a um *flatus vocis*, a mera vocalização convencional destituída de toda carga semântica ligada ao mundo do pensamento e do conceito, Ockham não foi nominalista. Seu nominalismo é entendido como um terminismo, ou seja, como uma teoria do uso rigoroso dos termos (termos mentais, ou conceitos, orais e escritos), correspondente às peculiares características da lógica e da linguagem. Neste sentido,

muitos filósofos e teólogos da Segunda Escolástica valorizaram a teoria de Ockham sobre os universais (contra toda forma de realismo dos conceitos), sobre a linguagem científica (contra toda hipostatização de termos como essência, natureza, espaço, tempo, movimento), e contra a proliferação das distinções que não sejam a distinção real e a de razão (“não se devem multiplicar entes sem necessidade”: eis a famosa navalha de Ockham!).

### Primado do indivíduo

Em segundo lugar, Ockham deu contribuições inovadoras no plano da ontologia, da filosofia da natureza e da política, mediante a afirmação do primado do indivíduo com respeito ao gênero e à espécie: presença não-repetível e irremediável no cosmo criado e ordenado pela “infinita potência do

Criador”; o indivíduo, qualquer indivíduo pertencente ao mundo do devir, do movimento espaço-temporal, é originado do imperscrutável ato de liberdade com que o Criador fez surgir o mundo a partir do nada inicial na vertente dos entes finitos. O indivíduo tem a força de existir e se encontrar precisamente por sua não-repetibilidade, sua característica singularidade, a qual lhe impede de perder identidade e consistência: sem indivíduos a contingência já seria anulada em seu esforço de nascer. A influência destas doutrinas estará muito presente nos autores franceses do século XV ao XVIII, tanto escotistas como boaventurianos, os quais reivindicam o primado da liberdade do sujeito contra toda forma de absolutismo da razão (sobretudo criticando Descartes), ou do poder político e religioso.

## IHU On-Line - Como se deu a recepção de Ockham pela Segunda Escolástica na Itália e na Europa?

**Alessandro Ghisalberti** - É difícil elencar com precisão a recepção de Ockham na Segunda Escolástica (séculos XIV-XVII): são conhecidos os nomes dos mais renomados mestres dos séculos XIV-XV pertencentes à “via moderna” da qual Ockham foi o iniciador (*Venerabilis Inceptor*): Alberto Magno<sup>1</sup> e Alberto da Saxônia, Buridano, Strode, Paulo Veneto, no que se refere aos dialéticos verdadeiros e próprios; Giovanni Balbi de Gênova dito o Catholicós, Niccolò Trevet, Benvenuto da Imola entre os literatos; Bartolo di Sassoferrato, Baldo degli Ubaldi e Cino da Pistoia entre os juristas. A subsequente divisão, na Europa, dos ensinamentos segundo as cátedras (tomistas, escotistas, albertistas, ockhamistas), que durou até todo o século XVI, recolheu diversos seguidores, entre os quais Gabriel Biel e seu mais célebre discípulo Martinho Lutero<sup>2</sup>: sua escolha do ockhamismo se coloca sobre os desenvolvimentos de uma linha estritamente teológica (doutrina do mérito e da graça). Na modernidade, o influxo de Ockham é relevante também nos seguidores do empirismo, na lógica transcendente e na filosofia moral de Kant.

É certamente notável a obra dos

1 **Alberto Magno**: alemão, alquimista, conhecido como “Doctor Universalis”. Ingressou na Ordem Dominicana quando era estudante em Pádua, em 1223. No ano de 1245, torna-se mestre de teologia na Universidade de Paris. Após concluir os seus estudos em Pádua e em Paris, optou por seguir um caminho sacerdotal, entrando na Ordem de São Domingos. Devido sua crescente fé em Deus e em Jesus Cristo e sua dedicação à Ordem, foi promovido a superior provincial e mais tarde, nomeado Bispo pelo Papa. Alberto Magno dominava Filosofia e Teologia, matérias que aprendeu com Tomás de Aquino. Foi beatificado em 1622. Pio XI declara-o santo em 1931. Em 1941, Pio XII nomeia-o patrono daqueles que estudam ciências naturais. (Nota da IHU On-Line)

2 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/duDz1j>. (Nota da IHU On-Line)

pensadores da Segunda Escolástica que, nos séculos XV-XVII, retomaram e desenvolveram as doutrinas dos grandes mestres da Escolástica medieval: os nomes de maior realce são aqueles de Tommaso de Vio (dito o Gaetano), B. Mastri e B. Belluto para a Itália, e de F. Suarez, L. de Molina, F. de Vitoria, J. de Mariana e João de Santo Tomás para a Europa.

Em geral se pode afirmar que aquela, que comumente é chamada Segunda Escolástica, suportou, de fato, os desenvolvimentos e o ensinamento da Filosofia, da Teologia e do Direito nas instituições escolásticas oficiais, ligadas às escolas superiores (faculdades) religiosas ou públicas, habilitadas a emitir títulos acadêmicos na Itália e na Europa.

Os maiores filósofos da modernidade, presentes nos manuais de História da Filosofia, não têm sido docentes nas universidades, mas pertenceram a círculos de pensadores sábios ou *savants*, que atuavam em correspondência entre si (como o foram Descartes, Hobbes, Locke, Spinoza<sup>3</sup>, Pascal<sup>4</sup>, Hume). A Segunda Escolástica sustentou e cumpriu, ao invés, os programas curriculares dos estudos graduados de toda a Europa. Não se pode, portanto, qualificá-la como pensamento menor ou irrelevante, tanto porque tal não é um pensamento que resistiu por três séculos, como porque os seus desenvolvimentos produziram obras conspícuas e assinalaram a historicidade intelectual das universidades europeias do século XV ao século XVII.

## IHU On-Line - Qual é a relação da lei natural e direito natural em Ockham e na atualidade?

**Alessandro Ghisalberti** - Ockham constrói sua ética sobre a base da reconhecida liberdade da vontade

3 **Baruch de Spinoza** (1632 - 1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna, e o fundador do criticismo bíblico moderno. (Nota da IHU On-Line)

4 **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

do homem, e a liberdade permanece como requisito preliminar da ética, a qual parte do reconhecimento do alcance universal da lei natural. Ockham define o direito natural em sua acepção mais rigorosa como “o que é conforme à razão natural”, e é imutável e invariável. O apelo à retidão da razão natural se apóia sobre o reconhecimento de que o criador da natureza racional e das leis que a regulam é Deus.

Sobre a fundamentação teológica da ética, Ockham afirma como teólogo que, para que um ato seja moralmente relevante, é requerida a explícita conformidade à vontade de Deus. O sentido último da necessidade para que uma ação moral seja cumprida em adesão à vontade de Deus - ou seja, na consciência de cumprir uma ação que responde a um comando de Deus -, coincide com a afirmação que somente o amor de Deus é o fim beatificante do homem.

Já destes destaques, que desenvolverei melhor no meu relato ao simpósio na Unisinos, emerge a importância, direi até a necessidade, de refletir também hoje sobre temas da lei natural e do direito natural, para encontrar um acordo entre as teorias éticas dos filósofos e as doutrinas morais dos teólogos, indagando de modo equilibrado sobre os traços fundantes da ética racional e aqueles da ética revelada. Não estou pensando apenas no conhecido debate de tipo moral no plano da bioética ou das biotecnologias. Mas penso principalmente no âmbito da antropologia, na renovação do conceito de racionalidade e na elaboração de um projeto sobre o sentido do agir humano. Considero isso fundamental num mundo hoje marcado por uma avançada globalização, a qual ofuscou e marginalizou a reflexão sobre a importância do empenho de cada um sobre os valores irrenunciáveis da pessoa humana e sobre sua aspiração à verdadeira felicidade.

## A importância da Escolástica para a paleografia

Jacqueline Hamesse acentua a importância do estudo da filosofia escolástica na América Latina, e lamenta por essa ter sido considerada, durante muito tempo, como colonial e “importada” pelos jesuítas

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“**D**e maneira geral, as notas deixadas pelos eruditos da Segunda Escolástica nas margens dos manuscritos da Idade Média, sobre as quais eles trabalhavam, são com frequência mais difíceis de ler do que a escritura dos medievais”. A revelação é da paleógrafa francesa Jacqueline Hamesse, na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em sua opinião, a América Latina é o lugar ideal para se empreender estudos sobre a Escolástica. “A Segunda Escolástica permaneceu por demasiado tempo ignorada dos pesquisadores. Considerada como filosofia colonial importada principalmente pelos jesuítas, ela não tem sido estudada por ela mesma durante séculos”, assinalou. Ela contou, também, sobre os projetos de digitalização dos manuscritos e impressos na Europa e Estados Unidos, que podem inspirar projetos de conservação dos textos deste período.

Jacqueline Hamesse é paleógrafa, professora emérita da Université Catholique de Louvain. De sua produção intelectual, salientamos *La vie culturelle, intellectuelle et scientifique à la cour des papes d’Avignon* (Turnhout: Brepols, 2006) e *Repertorium initiorum mancriptorum latinorum medii aevi* (Turnhout: Brepols, 2009). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a importância da Segunda Escolástica para a paleografia?

Jacqueline Hamesse - Antes de poder responder a esta questão, seria necessário ter previamente um recenseamento de todos os textos conservados, que foram escritos durante este período. A maioria deles deve ser a obra de eruditos que provavelmente redigiram em latim. Em sua época os diversos tipos de escritura, em vigor durante o período medieval, não eram mais utilizados. Redigiam-se então os textos de maneira mais cursiva e as escrituras eram, conseqüentemente, mais personalizadas e menos padronizadas que antes. Esses textos serão, pois, de maneira geral, menos fáceis de ler e decifrar.

Já que este período ainda é mal conhecido e que numerosos textos ainda não foram editados, a análise desses documentos permitirá compreender melhor os métodos utilizados para com-

pô-los. Dever-se-ia, então, poder obter informações novas a propósito do ensino da escritura, das abreviações ainda em vigor, bem como novas maneiras de abreviar certas palavras, o que permitirá, no final, reunir esse novo material paleográfico para elaborar um dicionário de abreviações utilizadas na época. Este servirá, em seguida, a todos aqueles que abordarão a leitura dessa literatura e lhes fará ganhar tempo, propondo-lhes soluções adequadas para resolver bom número de problemas de leitura.

De maneira geral, as notas deixadas pelos eruditos da segunda escolástica nas margens dos manuscritos da Idade Média, sobre as quais eles trabalhavam, são, com frequência, mais difíceis de ler do que a escritura dos medievais. Haverá, pois, lá todo um material novo disponível que deverá ser posto à disposição dos pesquisadores para ajudá-los a ler mais facilmente certas escrituras mais individuais da época.

### IHU On-Line - Que sentido tem em estudar a Segunda Escolástica na América Latina?

Jacqueline Hamesse - A América Latina é o lugar ideal para se fazer este estudo. Com efeito, a Segunda Escolástica permaneceu por demasiado tempo ignorada dos pesquisadores. Considerada como filosofia colonial importada principalmente pelos jesuítas, ela não tem sido estudada por ela mesma durante séculos. Os pesquisadores não viam o papel desempenhado pelos escritos deste período que, de fato, permitem compreender melhor a Idade Média e a passagem à época moderna. Vítima deste preconceito, a importância das doutrinas filosóficas originais que ela ilustra ainda não teve muito impacto sobre os estudos filosóficos. E, no entanto, numerosos documentos que datam deste período estão reunidos nas bibliotecas deste continente e deveriam ser conservadas

em condições ótimas, já que eles são os principais testemunhos desta evolução.

Os espanhóis e os portugueses que vieram a esta parte do mundo nos séculos XVI e XVII trouxeram com eles textos importantes da Segunda Escolástica, obras devidas notadamente a professores de Salamanca e de Coimbra. Eles continuaram a ensinar na América latina com a ajuda dos mesmos a fim de transmitir as doutrinas mais representativas deste movimento e continuar a desenvolvê-las. A Segunda Escolástica deu nascimento a novos escritos que merecem ser tomados em consideração e que estão na linha dos ensinamentos da Escola de Salamanca ou de Coimbra, para citar apenas dois exemplos entre outros. Eles constituem uma transição essencial entre a época medieval e a filosofia moderna e contribuem amplamente para melhor compreender a continuidade e as diferenças existentes entre as doutrinas medievais e a filosofia moderna.

A contribuição da América Latina ao estudo deste movimento é, pois, fundamental e esta parte do mundo, que foi o lugar privilegiado para a constituição de doutrinas novas. Não é por acaso que numerosos pesquisadores, que são daqui originários, escolheram concentrar seus estudos sobre este período que ainda tem muitos segredos a revelar. A Segunda Escolástica ainda é demasiado pouco estudada e mal conhecida no mundo. É, pois, tempo de remediar esta lacuna e é aos pesquisadores deste continente que cabe fazer frutificar a herança intelectual que eles recolheram. Existe aí um campo de estudos totalmente original que pode revelar-se muito rico em descobertas e abrir novas pistas de investigação.

**IHU On-Line - Como podemos compreender a necessidade da manutenção e preservação deste material bibliográfico antigo, já que os custos de conservação serão muito elevados?**

**Jacqueline Hamesse** - Os colegas da América Latina têm neste nível uma responsabilidade muito grande. Eles detêm toda uma parte do patrimônio mundial que pertence à história

**“A Segunda Escolástica permaneceu por demasiado tempo ignorada dos pesquisadores. Considerada como filosofia colonial importada principalmente pelos jesuítas, ela não tem sido estudada por ela mesma durante séculos”**

cultural da humanidade. Esta riqueza não pode ser perdida por falta de conservação adequada ou de meios financeiros suficientes. Depositária de uma herança insubstituível, a América Latina tem o dever de velar sobre esta herança. Conscientes deste problema, os pesquisadores devem unir-se para trabalhar em equipe, cada um trazendo sua pedra ao edifício graças a suas competências e a uma interdisciplinaridade indispensável. Os professores atualmente em atividade devem preparar jovens para sua sucessão, a fim de que eles possam assumir a tarefa de substituí-los. O trabalho será longo e uma geração não será suficiente para realizar todos os trabalhos inerentes a esta conservação.

Parece-me que estudantes de valor devem ser formados prioritariamente, desde hoje, para poderem ajudar de maneira adequada para o êxito deste empreendimento. A primeira exigência é a de terem um bom conhecimento do latim. Seus professores deveriam, além disso, encorajá-los a completarem sua formação estudando de maneira aprofundada as ciências auxiliares da história (paleografia, codicologia, diplomática, crítica textual etc.), a fim de que

possam primeiramente compreender o conteúdo exato dos documentos que têm sob seus olhos e, a seguir, descrevê-los, a fim, igualmente, de poder fazer relatos exaustivos de tudo o que eles contêm. A conservação adequada dos documentos da época, conservados nas bibliotecas dos diversos países da América Latina, constituirá um trabalho de longo hálito que durará anos e necessitará da ajuda de numerosos colaboradores. Para serem eficazes, os mesmos devem ter a possibilidade de ir completar sua formação em outros países mais avançados nestes trabalhos de conservação e que tenham longa tradição de catalogação dos manuscritos. Existem atualmente estudos especializados destinados a formar futuros catalogadores: são *summer schools*, que dão cursos intensivos para essas diferentes matérias cujo conhecimento é indispensável para levar a bom termo o trabalho. Especialistas de outros continentes poderiam também vir dispensar aqui cursos intensivos e guiar os jovens pesquisadores em suas pesquisas, a fim de lhes dar os rudimentos indispensáveis para efetuar as diversas etapas de conservação e catalogação dos documentos originais.

O trabalho em equipe se comprova indispensável para o êxito de tal projeto. Um instituto ou um centro de pesquisa deveria ser fundado para coordenar o conjunto do material recolhido e ser uma equipe da tecnologia moderna indispensável para aí chegar. Os esforços não devem ser dispersos, mas uma estreita colaboração deve existir entre todos com o intuito de nada se perder dos resultados já obtidos e se otimizar as informações disponíveis. Cada um, ao seu modo, poderá ser útil e trazer sua pedra ao novo edifício.

**IHU On-Line - Existem ajudas internacionais para preservar estes patrimônios da Segunda Escolástica?**

**Jacqueline Hamesse** - Já existem grandes projetos de digitalização dos manuscritos e de impressos na Europa e nos Estados Unidos que poderiam servir de modelo para a conservação dos textos da Segunda Escolástica.

Certas etapas poderiam ser financiadas para permitir aos pesquisadores da América Latina aprender a tarefa neste terreno, sendo enquadrados por especialistas. Uma colaboração internacional deveria ser organizada a seguir. Financiamentos de grandes projetos já existem na Europa e nos Estados Unidos. A América Latina poderia certamente ser associada aos mesmos.

**IHU On-Line - Qual é seu ponto de vista a propósito da realização do 17º Colóquio anual da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval - SIEPM no Brasil?**

**Jacqueline Hamesse** - Trata-se de uma excelente iniciativa desejada pelos membros do conselho da SIEPM a fim de fazer conhecer melhor as realizações aí concretas já existentes no domínio filosófico. Seria indispensável hospedar um evento científico desta dimensão para sensibilizar os pesquisadores dos outros países sobre as potencialidades presentes neste país. Este evento também permitirá pôr em contato os participantes europeus e americanos com seus colegas dos diversos países da América Latina, intensificando os elos que, em certos casos, já existem e permitindo a todos de melhor se conhecerem. Depois de 2007, pela primeira vez na história da SIEPM (fundada em 1958), um brasileiro foi eleito membro do bureau (conselho) da Sociedade. Isto é um reconhecimento importante da Comunidade internacional para o trabalho já concluído e a qualidade dos trabalhos realizados por certos pesquisadores da América Latina. Graças a este encontro, a SIEPM poderá sensibilizar de maneira mais eficaz a comunidade internacional e conduzir, deste modo, seu padroado aos projetos futuros concernentes à Segunda Escolástica. A obtenção de subsídios e de créditos de pesquisa locais será facilitada pela presença da SIEPM no Brasil e valorizará os esforços já realizados por nossos colegas deste país.

## O ser humano repensado pela escolástica

Compreensão cristã do ser humano e suas bases de convivência social marcam a Segunda Escolástica, que vai de 1500 a 1800, assinala o filósofo Alfredo Storck. Através dos jesuítas, essa corrente de pensamento filosófico influenciou decisivamente na formação das universidades brasileiras

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON

**T**ambém chamada de escolástica moderna, tardia ou barroca, a Segunda Escolástica abarca o período de 1500 a 1800 e é caracterizada “pela necessidade de repensar a compreensão cristã do ser humano assim como as bases de sua convivência em sociedade frente às grandes mudanças políticas, sociais e econômicas que atravessaram o período”. A afirmação é do filósofo gaúcho Alfredo Storck, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, “um dos traços mais característicos desse movimento é a criação de um modelo de direito natural no qual o Direito e o Estado são concebidos como fundados na concepção teocêntrica cristã da qual é derivada a autoridade do rei, bem como diversas obrigações éticas e jurídicas”. A respeito da influência da escolástica na formação das universidades brasileiras, Storck relembra a importância dos jesuítas desde a formação cultural no Brasil colônia: “Durante todo o período colonial, os principais estabelecimentos de ensino serão os colégios jesuítas”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e em Direito pelo Centro Universitário Ritter dos Reis - Uniritter, é mestre em Filosofia pela UFRGS e doutor nessa mesma área pela Universidade François Rabelais, na França, com a tese *Les modes et les accidents de l'êtré: Etude sur la métaphysique d'Avicenne et sa réception en Occident*. É pós-doutor pela Universidade de Paris. Professor no departamento de Filosofia da UFRGS, escreveu *A filosofia medieval* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003) e organizou *Norma, moralidade e interpretação: temas de filosofia política e do direito* (Porto Alegre: Linus Editores, 2009). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a influência da Segunda Escolástica no Brasil?**

**Alfredo Storck** - A Segunda Escolástica, também conhecida como escolástica moderna, escolástica tardia ou ainda escolástica barroca, é o período que vai de 1500 a 1800 e que se caracterizou pela necessidade de repensar a compreensão cristã do ser humano assim como as bases de sua

convivência em sociedade frente às grandes mudanças políticas, sociais e econômicas que atravessaram o período, mas também face às mudanças provocadas pela reforma religiosa e pelos novos modelos científicos surgidos nos séculos XVI e XVII. Durante a Segunda Escolástica, teólogos espanhóis e portugueses enfrentaram esses desafios com uma intensa ati-

vidade criativa em diversas áreas do conhecimento e que fazia acompanhar a especulação teórica pela atividade mais prática ligada aos assuntos da Igreja e pela atuação como conselheiros dos reis.

Um dos traços mais característicos desse movimento é a criação de um modelo de direito natural no qual o Direito e o Estado são concebidos como fundados na concepção teocêntrica cristã da qual é derivada a autoridade do rei, bem como diversas obrigações éticas e jurídicas. Debates sobre a usura, sobre o valor de troca ou o sobre preço justo a ser pago por um bem são recorrentes, como também o são os problemas ligados à ocupação do novo mundo e à condição de seus habitantes. Lembremos aqui a célebre defesa, por Bartolomeu de las Casas, de que os índios são seres livres, dotados de dignidade e que são plenamente capazes de realizar uma sociedade mais próxima dos evangelhos. Há ainda debates importantes à época, como a liberdade dos mares, que envolveu Hugo Grócio, e a defesa da autoridade do rei por direito divino. O Colóquio Anual da Sociedade Internacional para Estudo da Filosofia Medieval, que neste ano ocorrerá em Porto Alegre, enfocará esses temas e conferirá especial interesse ao pensamento jusnaturalista.

### A escolástica no Brasil

Quanto à influência da Segunda Escolástica no Brasil, há diversos aspectos a considerar. Em primeiro lugar, basta levarmos em conta que os principais expoentes do período pertenciam à Península Ibérica, para percebermos que a difusão de suas ideias esteve associada à expansão marítima e ao processo colonizador espanhol e português. Essa influência deixa-se perceber em diversos aspectos da cultura e da vida administrativa do Brasil colonial. Um bom exemplo de intelectual do período é o Padre Antônio Vieira (1608-1697), nascido em Portugal, mas que veio com seis anos para o Brasil, estudou no Colégio dos Jesuítas em Salvador e passou boa parte da vida entre Portugal e o Brasil. Além de notabilizar-se pelo gênio literário que conhecemos em seus *Sermões*, Vieira

## “A partir de meados do século XVI, os jesuítas instalam no Brasil (Rio de Janeiro, Bahia e Pará) colégios semelhantes ao Colégio das Artes português, para o ensino da Filosofia, Teologia e Humanidades”

foi defensor dos índios, opondo-se à sua exploração e escravidão, defendeu ainda a causa dos judeus, o que lhe valeu alguns problemas com os dominicanos da Inquisição.

### IHU On-Line - A formação das universidades no Brasil recebeu influência da escolástica? Se sim, qual seria?

**Alfredo Storck** - Antes de falar do surgimento das universidades no Brasil, convém lembrar alguns fatos acerca da formação cultural no Brasil colônia. Nesse sentido, não há como não destacar a participação da Companhia de Jesus nesse período, reflexo do papel que os jesuítas exerciam na cultura portuguesa, sobretudo desde que D. João III lhes entregou, em 1555, o Colégio das Artes. A partir de meados do século XVI, os jesuítas instalam no Brasil (Rio de Janeiro, Bahia e Pará) colégios semelhantes ao Colégio das Artes português, para o ensino da Filosofia, Teologia e Humanidades. Os primeiros cursos superiores de Filosofia e Teologia no Brasil foram criados na Bahia e foram ministrados por Inácio Tolossa (teologia) e Gonçalo Leite (dialética e filosofia) em 1574. Olhando para a formação desses professores, teremos uma boa ideia de como os cursos eram concebidos. Inácio Tolossa, por exemplo, era um espanhol que entrou na Companhia em 1560 e doutorou-se na Universidade de Évora. Ensinou por algum tempo em Coimbra, fez seus votos e solicitou ser enviado para o Japão, mas veio parar no Brasil. De sua obra,

nós conhecemos o que ele deixou em dois manuscritos (que, aliás, eu pretendo editar) e que são um comentário à *Física* de Aristóteles e um outro ao *Tratado da Interpretação*, também de Aristóteles. Tolossa redigiu esses comentários em um ambiente cultural de grande fecundidade entre os jesuítas do Colégio das Artes de Coimbra, talvez mesmo o período áureo da filosofia portuguesa e que será conhecido como a época dos conimbricenses. Tolossa foi o quarto provincial do Brasil e o seu sucessor foi José de Anchieta, personagem com diversas qualidades e de grande importância também para a literatura brasileira.

Durante todo o período colonial, os principais estabelecimentos de ensino serão os colégios jesuítas. Cabe também salientar que, ainda no século XVI, os jesuítas tentaram transformar seus colégios, sobretudo o baiano, em universidades, mas o pedido encontrou resistência da Coroa portuguesa, fazendo com que os egressos dos colégios devessem ir estudar em Portugal. Os primeiros cursos superiores são criados com a vinda da família real para o Brasil. O primeiro a ser criado é o curso médico de cirurgia da Bahia. Em 1827, surgem os cursos jurídicos em São Paulo e Olinda. Mas esse movimento de criação de cursos ocorre após a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759. Já a primeira universidade a ser criada em nosso país será a Universidade do Rio de Janeiro, mas isso em 1920.

### IHU On-Line - Como os paradigmas desenvolvidos pela primeira e Segunda Escolástica impactaram no direito brasileiro?

**Alfredo Storck** - A expulsão dos jesuítas de Portugal e do Brasil deve ser vista no contexto político maior das mudanças introduzidas pelo Marquês de Pombal<sup>1</sup> (1699-1782) e que levarão à reforma dos estatutos da universidade portuguesa, em 1772. A Universidade de Évora é extinta e a Universidade

<sup>1</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês do Pombal - 1699-1782): nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

de Coimbra sofre grandes mudanças, afetando diretamente os estudos jurídicos. Tentava-se com isso banir a influência dos grandes juristas medievais e intérpretes do direito romano, como Bártolo de Sassoferato, bem como o uso do método escolástico. Os cursos jurídicos criados no Brasil seguem o espírito dessa reforma.

Um bom exemplo de intelectual brasileiro e jurista brasileiro que vive nesse período é Tomás Antônio Gonzaga. Na verdade, trata-se de alguém nascido em Portugal, de mãe portuguesa, pai brasileiro, e que veio morar muito cedo no Brasil. Bastante conhecido na literatura brasileira por *Marília de Dirceu*, Tomás era, além de poeta, jurista. Cursou direito na Universidade de Coimbra, formando-se bacharel em 1768, ou seja, pouco antes da reforma dos estatutos. Tomás escreveu um *Traçado de Direito Natural* bem ao sabor do pensamento da Segunda Escolástica. Ele cita amplamente os autores do direito romano e os autores escolásticos e ataca os jusnaturalistas modernos, como Pufendorf e Hugo Grócio.

Até o momento, mencionei alguns aspectos da influência direta da segunda escolástica no Brasil colonial, pois o país foi, naquela época, marcado pelo pensamento de autores portugueses. Todavia, seria um erro pensar que a influência dos grandes filósofos limita-se à sua época. No Brasil, um autor da primeira escolástica que marcou e continua marcando as mentalidades, tanto no mundo jurídico quanto fora dele, é, sem dúvida, Tomás de Aquino. A influência do tomismo praticado por diversos filósofos cristãos no século XX é bastante forte, sobretudo na primeira metade do século passado. Mesmo hoje, autores como John Finnis<sup>2</sup>, australiano radicado nos Estados Unidos e que ensina filosofia do direito em Harvard, reivindica uma versão do direito natural inspirada em Tomás de Aquino.

<sup>2</sup> Confira nas Notícias do Dia 12-01-2008, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a entrevista com o Prof. Dr. Wilson Engelmann, intitulada *As nanotecnologias, Uma reflexão ética a partir de John Finnis*, disponível para download em <http://bit.ly/9DZ2vQ>. (Nota da IHU On-Line)

## A escolástica e os direitos humanos

João Madeira entende que a formação escolástica não foi incompatível com uma postura crítica da colonização das Américas

POR ALFREDO CULLETON, MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

“Um estudo aprofundado de temas escolásticos, como a diferença entre o direito natural e o direito positivo, o problema do mal, e a noção de ‘corpo político’, certamente enriqueceriam o debate sobre as bases da política latino-americana, desde o período colonial, passando pelos processos de independência dos vários estados e chegando até os dias atuais”. A consideração é de João Madeira, filósofo, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Para ele, “o aristotelismo português assume no Brasil, tanto quanto em Portugal, uma posição média e estratégica para uma perfeita concepção da Filosofia, não só como disciplina normativa suscetível de contingências históricas, mas também como atitude reflexiva atemporal. Os missionários e autoridades da administração do Brasil eram egressos daquele ensino”. E lembra que “a escolástica sempre se pautou pela abertura a ideias e a saberes de outras fontes, que não se restringiam ao familiar e já conhecido”.

Graduado em Filosofia pelas Faculdades Claretianas de Batatais e em Teologia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, João Madeira é especialista em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain-la-Neuve e doutor em Filosofia pela mesma instituição, com a tese *Pedro da Fonseca's Isagoge Philosophica and the Predicables from Boethius to the Lovanienses*. Fez pós-doutorado em História das Ciências na Universidade de São Paulo (USP). Membro do Centro de Filosofia Brasileira (CEFIB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professor de História da Filosofia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como a Segunda Escolástica se insere na filosofia no Brasil?**

**João Madeira** - Para contextualizar a relação entre a Segunda Escolástica e a filosofia no Brasil, é necessário lembrar o fato de que os missionários e os encarregados da administração, enviados de Portugal para o Brasil ao longo dos primeiros séculos de colonização, foram todos formados no contexto da Segunda Escolástica. Talvez, o caso mais emblemático seja o dos missionários jesuítas. Isto porque o Colégio das Artes de Coimbra

foi entregue aos jesuítas em 1º de outubro de 1555. Os jesuítas tinham ainda outros colégios em Portugal e a direção da Universidade de Évora. O ensino dos jesuítas foi gestado no contexto da Contra-Reforma e tendo como pano de fundo a luta entre aristotélicos e antiaristotélicos, que precedeu o surgimento da ciência e da filosofia modernas. Conhecido como *Ratio Studiorum*, o método de estudos dos jesuítas estabeleceu regras para o ensino de disciplinas como a lógica, a psicologia, a ética, as matérias referentes às ciências da

natureza (especialmente a física) e a metafísica. O grande objetivo declarado era não apenas ser a melhor preparação para os estudos posteriores de Teologia, de Medicina e de Direito, mas também ser o mais solidamente fundado na doutrina aristotélica, em Filosofia e no tomismo, em Teologia, sem, contudo, jamais descuidar da busca pela verdade, quaisquer que fossem suas fontes.

### Humanismo renascentista e escolasticismo

Frequentemente se considera que o humanismo renascentista foi uma superação completa e que estava em oposição total ao escolasticismo. Se esta separação radical entre estas duas orientações filosóficas fosse real, grande parte da filosofia dos séculos XVI e XVII seria totalmente incompreensível. A mútua influência e interdependência entre renascimento e filosofia escolástica ainda é mais evidente na filosofia da península ibérica daqueles dois séculos. O ensino da Filosofia em Portugal, entre 1500 e 1772, foi pautado pelo estudo dos clássicos e dos principais autores de cada escola da filosofia medieval. Este estudo era possível, sobretudo, pela ênfase no ensino cuidadoso das línguas grega e latina. Um dos objetivos principais do estudo dos clássicos era inculcar nos jovens estudantes os mesmos sentimentos e a mesma nobreza de caráter que brotava dos textos de autores como Cícero<sup>1</sup> e Quintiliano<sup>2</sup>. O caráter escolástico do ensino de Filosofia sob o *Ratio Studiorum* é evidente. Todavia, convém destacar que o aristotelismo defendido no Colégio das Artes de Coimbra, desde a sua fundação, não é o mesmo aristotelismo escolástico combatido em várias universidades europeias dos séculos XV e XVI. Humanistas controversos como Pedro Ramus<sup>3</sup>, que foi um conhecido professor da Universidade de Paris, entraram em polêmica com os aristotélicos de seu tempo.

1 Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.): filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. (Nota da IHU On-Line)

2 Marcus Fabius Quintilianus (35-95): professor de Retórica na Roma Antiga. (Nota da IHU On-Line)

3 Petrus Ramus (1515-1572): filósofo e humanista francês. (Nota da IHU On-Line)

## “O ensino dos jesuítas foi gestado no contexto da Contra-Reforma e tendo como pano de fundo a luta entre aristotélicos e antiaristotélicos”

### Validade objetiva no ensino filosófico

No âmbito da mudança de uma tradição científica decadente - o aristotelismo escolástico refratário ao humanismo - para o modelo matemático-experimental das ciências da natureza, a introdução da necessidade de validade objetiva no ensino filosófico permitiu aos jesuítas contribuir, através do *Ratio Studiorum*, não só para a formação de homens como Galileu e Descartes, como também para a superação definitiva do dogmatismo de que se revestira aquele tipo de aristotelismo. Independentemente de qualquer juízo de valor, a exigência de validade objetiva no estudo filosófico é por si só suficiente para caracterizar um autêntico aristotelismo português como sendo também o âmbito das primeiras pesquisas filosóficas no Brasil. O aristotelismo português assume no Brasil, tanto quanto em Portugal, uma posição média e estratégica para uma perfeita concepção da Filosofia, não só como disciplina normativa suscetível de contingências históricas, mas também como atitude reflexiva atemporal. Os missionários e autoridades da administração do Brasil eram egressos daquele ensino.

### IHU On-Line - Quais são as influências da escolástica na política latino-americana?

João Madeira - Tenho um pouco de dificuldade para responder a esta questão, pois as áreas da Filosofia em que tenho trabalhado nos últimos anos são a lógica, a metafísica e a história da Filosofia. Na graduação em Filosofia, ainda na juventude, cursei a disciplina Filosofia Política. Contudo, além dos quase vinte anos que já se passaram

desde aquele tempo, há também o fato de que era uma disciplina geral e, portanto, não específica sobre a política latino-americana. O que posso dizer a este respeito é que um estudo aprofundado de temas escolásticos, como a diferença entre o direito natural e o direito positivo, o problema do mal, e a noção de “corpo político”, certamente enriqueceriam o debate sobre as bases da política latino-americana, desde o período colonial, passando pelos processos de independência dos vários estados e chegando até os dias atuais.

### IHU On-Line - O senhor percebe uma relação entre a escolástica e os movimentos revolucionários em nosso continente? Se sim, quais seriam esses nexos?

João Madeira - Novamente, tenho que dizer que não sou estudioso dos movimentos revolucionários no continente americano e, desta maneira, não tenho como analisar possíveis relações com a escolástica. O que sei é que o método escolástico favorecia o debate. Havia inclusive um momento importante dos estudos que os escolásticos chamavam de “disputas”. Contudo, entre a abertura para as disputas em torno de ideias e os movimentos revolucionários há um passo enorme. Ainda que revoluções sejam inspiradas por ideias e executadas por indivíduos com talento e combatividade aguçados, não são travadas apenas ao nível das discussões teóricas, mas envolvem ações decisivas. Não era o caso das “disputas” escolásticas, que exigiam talento e combatividade, mas que não eram voltadas para ações. Talvez, não se deva generalizar a partir de poucos exemplos, mas pelo menos no caso de Bartolomeu de Las Casas e de Antonio Vieira, a formação escolástica não foi incompatível com uma postura crítica da colonização das Américas. Pode-se dizer que, tendo sido formados dentro do contexto da Segunda Escolástica, Las Casas em Salamanca e Vieira em Salvador da Bahia, foram árdios defensores de uma mudança radical no foco da ação de espanhóis e portugueses nas Américas, principalmente ao defenderem que os indígenas não podiam ser vistos como meios para o

enriquecimento das metrópoles, em nenhuma circunstância.

**IHU On-Line - Pode-se falar entre uma convergência de princípios entre a escolástica e os direitos humanos? Por quê?**

**João Madeira** - Do ponto de vista da metafísica, ou seja, dos princípios e abordagens gerais da natureza em geral e da natureza humana em particular, fica claro que há uma relação entre alguns postulados da escolástica e os direitos humanos. Uma questão discutida na escolástica era a das diferenças entre as várias espécies que pertencem a um mesmo gênero e a diferença que pode haver entre os indivíduos de uma mesma espécie. No que se refere às diferenças entre diferentes espécies de um mesmo gênero, os escolásticos diziam haver uma *differentia specifica* (característica própria de uma espécie que estaria ausente de todas as outras espécies do mesmo gênero). Assim, os escolásticos diziam que a racionalidade era uma diferença específica dos seres humanos e que, portanto, não estaria presente em qualquer dos outros animais. O ponto importante era que os escolásticos diziam que entre os seres

**“Entre a abertura para as disputas em torno de ideias e os movimentos revolucionários há um passo enorme”**

humanos, ou seja, entre um ser humano e outro, não haveria diferença específica, mas que cada ser humano é igual em dignidade. Ora, este último ponto está justamente na base da declaração universal dos direitos da pessoa humana, pois tal declaração inicia-se afirmando a “dignidade inerente a todos os membros da família humana”. A declaração soma, ao reconhecimento desta dignidade, a afirmação dos “direitos iguais e inalienáveis” da pessoa humana e diz que são “o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. A metafísica escolástica seria, assim, a base da base ética da declaração dos direitos humanos.

**IHU On-Line - Qual é a atualidade da escolástica em termos de diálogo com outros saberes?**

**João Madeira** - A abertura para o diálogo com opiniões diferentes e para contribuições de outras áreas da cultura sempre foi uma característica marcante da escolástica. Desde Boécio<sup>4</sup> até Francisco Suárez houve grande preocupação com o estudo das sete artes: as três artes da linguagem e as quatro artes matemáticas. Foram os escolásticos que se preocuparam em traduzir as obras dos filósofos árabes para o latim e que os estudaram com grande interesse, mesmo sabendo que se tratavam de autores de outra religião, com a qual o ocidente cristão esteve por séculos em guerra. Isto me parece sinal evidente de que havia abertura para buscar a verdade, qualquer que fosse a fonte onde pudesse ser encontrada. Mesmo diante de tantas diferenças, os escolásticos não recuaram. Portanto, parece acertado dizer que a escolástica sempre se pautou pela abertura a ideias e a saberes de outras fontes, que não se restringiam ao familiar e já conhecido.

<sup>4</sup> Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (480-524 ou 525): mais conhecido simplesmente por Boécio, foi um filósofo, estadista e teólogo romano que se notabilizou pela sua tradução e comentário do *Isagoge* de Porfírio, obra que se transformou num dos textos mais influentes da Filosofia medieval europeia. (Nota da IHU On-Line)

## XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

XII Simpósio Internacional IHU  
A experiência missioneira:  
território, cultura e identidade

25 a 28 de outubro de 2010



DATA DE INÍCIO: 25 DE OUTUBRO  
DE 2010  
INFORMAÇÕES EM  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Local: Unisinos - Auditório Pe. Werner  
Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo - RS  
Informações e inscrições:  
www.ihu.unisinos.br ou (51) 3591 1122



## A Escola de Salamanca e a Segunda Escolástica

Contexto e importância da Segunda Escolástica, bem como o projeto Scholastica Colonialis, conduzido por Roberto Hofmeister e Alfredo Culleton, são tema do artigo do filósofo espanhol Angel Poncela González

POR ÁNGEL PONCELA GONZÁLEZ | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Uma proposta ambiciosa e necessária para “ativar o interesse pelo estudo e pela difusão do pensamento da Segunda Escolástica em nível mundial”. Assim o filósofo espanhol Angel Poncela González define o Projeto Scholastica Colonialis, conduzido por Roberto Hofmeister, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Alfredo Culleton, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. A respeito da Escola de Salamanca, González afirma que “não existe um acordo unânime dentro da comunidade científica acerca da natureza, dos traços característicos e da relação de autores que a integram”. As reflexões fazem parte do artigo a seguir, escrito especialmente à IHU On-Line.

Ángel Poncela González é licenciado em Filosofia e em Humanidades pela Universidade de Salamanca. Sua monografia está em processo de edição e intitula-se *As raízes do pensamento jurídico europeu. Teorias da justiça e do direito das gentes*. É doutor em Filosofia pela Universidade de Salamanca com a tese *Francisco Suárez, leitor de Metafísica IV e XII. Possibilidade e limite da aplicação da tese Onto-teo-lógica às disputas metafísicas*, também em processo de edição. Desde 2008, é professor no Departamento de Filosofia e Lógica e Filosofia da Ciência da Universidade de Salamanca e é coordenador do bacharelato da mesma. Confira o artigo.

Penso que deveríamos situar o principal influxo de Salamanca precisamente na origem do movimento de recuperação do pensamento escolástico medieval, ou seja, da Segunda Escolástica. Salamanca e, em concreto, as aulas de seu “Estudo Geral” na atual universidade, é o lugar no qual se produziu a renovação da Filosofia Escolástica e, de maneira particular, da via tomista, que acabou exaurida no século XIV pelos excessos e sutilezas das diversas interpretações lógicas às quais foi submetida, sendo finalmente eclipsada pelo humanismo italiano. Tal recuperação daria lugar ao período histórico que, dentro da Filosofia, conhecemos como a Segunda Escolástica. Assim tem sido reconhecido pela maioria dos filósofos do século vinte, se bem que com diversos matizes, tais como Ortega y Gasset<sup>1</sup>, Heidegger ou

<sup>1</sup> José Ortega y Gasset (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Car-

Zubiri<sup>2</sup>, deixando à margem toda uma plêiade de historiadores cuja menção seria quase impossível esgotar.

Partindo do magistério do dominicano Francisco de Vitoria - catedrático de *Prima Teologia* no estudo salamanquense desde 1526 até 1546 e sua ação de implantar a *Suma Teológica* como livro-texto, em substituição do manual oficial (o conhecido *Libro de las Sentencias de Pedro Lombardo*), junto à imposição do método do ditado nas salas de aula -, foi se forjando uma tendência filosófica caracterizada

valho, Pampa. Um espaço humano de promessas e realizações, concedida à IHU On-Line nº 190, de 07-08-2006, disponível em <http://migre.me/16MA9>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Xavier Zubiri (1898-1983): filósofo espanhol cuja pesquisa e reflexão se concentrou, fundamentalmente, nos campos da Teoria do Conhecimento, da Ontologia e da Gnoseologia. Em sua juventude, Zubiri estudou filosofia no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, na Bélgica. Em 1921, Zubiri obteve doutorado em filosofia pela Universidade Complutense de Madrid. No mesmo ano, foi ordenado diácono. (Nota da IHU On-Line)

por pensar os problemas de seu tempo desde uma ótica aristotélico-tomista.

### Interesses do Império

Tais problemas constituíam os mesmos que foram demandados pelo sistema político do momento, ou seja, a monarquia imperial espanhola caracterizada, entre outras muitas coisas, por atribuir a si a tarefa apostólica da salvação das almas de todo o orbe por meio da evangelização da doutrina cristã católica. É a partir deste apostolado, primeiro nas Índias e mais tarde no continente europeu, que surge toda uma série de problemas de tipo pragmático que o Império deve resolver. São frequentes, nesta época, as consultas dos políticos espanhóis aos teólogos de Salamanca, presenciais ou mediante correio, buscando os modos teóricos de harmonizar o que denominamos o “choque de civilizações”

com os interesses do Império espanhol, tanto materiais quanto espirituais. E, são igualmente frequentes as publicações de escritos dos escolásticos salamanquenses, nos quais se oferece resposta aos problemas gerados pela conquista, por exemplo, à questão concreta das Leis Novas (1542); e, em particular, à fórmula do “requerimento”, ilustrada na apaixonante polêmica sustentada entre Sepúlveda e Las Casas e que terminará nas instruções de Valladolid, de 1556, nas quais se autorizou o estabelecimento dos espanhóis no Novo Mundo, sem dano nem violência aos indígenas.

### Escola de Salamanca

Em primeiro lugar, é mister assinalar que, pese ao aparente do caso, não existe um acordo unânime dentro da comunidade científica acerca da natureza, dos traços característicos e da relação de autores que integram a chamada Escola de Salamanca. E, por isso, é fundamental mostrar, de saída, o conceito que cada investigador maneja acerca da Escola. Se adotarmos uma visão rígida, característica, embora não exclusiva nem excludente dos estudos puramente teológicos, a escola se vê reduzida à solução dos problemas que concernem às questões de fé por parte de um número de teólogos inferior a trinta. Existe na matéria uma relação diretamente proporcional entre os enfoques dos investigadores e os interesses de cada um de nós. Assim, falamos igualmente da Escola de Salamanca, da Escola espanhola de Paz, ou da Escola espanhola de direito internacional, como também da Escola espanhola de moral econômica, ou de Renascimento teológico salamanquense do século XVI, etc. Qualquer uma destas denominações é correta, na medida em que corresponde à verdade histórica contemplada como história dos efeitos, ou seja, ao conjunto das diversas soluções que o numeroso e heterogêneo grupo de pensadores, adscritos às diversas cátedras de Salamanca, ou antes, educados nesses bancos do Estudo Geral por mestre e discípulos, apresentaram aos problemas que

**“Desta maneira, a Escola de Salamanca abandona sua forma circular perfeita para converter-se numa semente comum da qual brota o pensamento moderno hispano-americano”**

lhes foi demandando sua época. É um eixo que podemos estabelecer desde o começo da docência vitoriana até meados do século XVII, dois séculos que coincidem historicamente com o predomínio da instituição monárquica espanhola, no primeiro século, e do papado agasalhado pela Companhia de Jesus, no século seguinte. Desta maneira, a Escola de Salamanca abandona sua forma circular perfeita para converter-se numa semente comum da qual brota o pensamento moderno hispano-americano. Somente a partir desta concepção ampla e flexível - como convém observar -, tem cabimento propor a questão da possível influência do pensamento da Escola de Salamanca na ideologia independentista americana. É uma questão interessante, em relação à qual se tem realizado movimentos de rastreamento muito válidos, dedicados a assinalar a presença de algumas teorias de pensadores desta Escola, concretas e de determinado país, mas sobre as quais carecemos hoje de um estudo de conjunto.

### Projeto Scholastica Colonialis

Acerca do Scholastica Colonialis, projeto dirigido pelos doutores das universidades brasileiras UFRGS e Unisinos, Roberto Hofmeister e Alfredo Culleton, hei de comentar-lhes que me parece uma aposta tão ambiciosa como necessária para ativar o interesse pelo estudo e pela difusão

do pensamento da Segunda Escolástica em nível mundial. O estudo da História da Filosofia em geral e, com particular insistência da Filosofia do século XX, na qual nos educamos como jovens investigadores que participamos do projeto, revela uma reutilização constante, por parte daquelas, das metodologias, conceitos e teorias herdadas da escolástica, como modo de enfrentar os problemas contemporâneos. Cabe, portanto, pensar não só na genialidade daqueles pensadores do período moderno e barroco, senão na potencialidade daquelas teorias e conceitos, a fim de serem aplicados a âmbitos diversos dos originais, de maneira semelhante ao modo como fizeram os membros participantes do movimento filosófico salamanquense.

O projeto se encontra, na atualidade, em fase de aprovação, embora caiba pensar que terá uma valoração positiva, dado seu grande interesse. Além de fomentar o intercâmbio de alunos de mestrado e de investigadores entre todas as universidades participantes, se facilitará o acesso e a difusão do conhecimento científico através de ações concretas de implementação informática ao campo respectivo; bem como de congressos internacionais em cada uma das sedes e seminários de investigação. A Faculdade de Filosofia da Universidade de Salamanca colaborará de duplo modo: em primeiro lugar, tratando de levar tudo a termo, dentro das competências específicas encomendadas e, em segundo lugar, economicamente. Com o fim de auxiliar na execução do projeto, solicitamos uma ajuda à Agência Espanhola de Cooperação Internacional, que acaba de financiar um novo projeto intitulado Scholastica Salmanticensis e que vem complementar o anterior, cruzando os objetivos compartilhados pelas universidades participantes e por ela própria. Esperamos sinceramente que ambos os projetos logrem o financiamento público necessário para que possamos desenvolvê-los e, assim, oferecer aos alunos e à comunidade científica novas idéias e materiais para o estudo e a reflexão, contribuindo deste modo ao fomento real do conhecimento.

# O papel de Salamanca na Segunda Escolástica

Um pensamento complexo e extenso. Assim pode ser definida a filosofia desenvolvida na Escola de Salamanca, aponta José Luis Fuertes Herreros

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Muito complexo e extenso. Assim é o papel da Escola de Salamanca na Segunda Escolástica, avalia o filósofo espanhol José Luis Fuertes Herreros na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. A originalidade e as contribuições inovadoras de Salamanca num segundo momento “e, em concreto, de Francisco de Vitoria se devem à sua nova proposta do pensamento escolástico, o qual parte de uma reta interpretação do sistema tomista. Neste sentido, Vitoria insiste na distinção entre a ordem natural e a sobrenatural”. E continua: “Em Salamanca, desde a segunda metade do século XV, o pensamento foi se concentrando em torno ao que podia ser um núcleo de elementos seguros e fundamentais para servir de guia nessa etapa do Renascimento”.

Herreros é catedrático e diretor do departamento de Filosofia e Lógica e do de Filosofia da Ciência, ambos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Salamanca, na Espanha. Confira a entrevista.

## IHU On-Line - Qual é o papel de Salamanca na Segunda Escolástica?

**José Luis Fuertes Herreros** - O papel de Salamanca na Segunda Escolástica, a qual pode abarcar desde a segunda metade do século XV até todo o século XVII, é muito complexo e extenso<sup>1</sup>. Por isso vou restringir-me a dois momentos: O primeiro, que estaria representado por Pedro Martínez de Osma (1424-1480), a partir da segunda metade do século XV, e o segundo que se iniciaria com Francisco de Vitoria (1483-1546), quando chega a Salamanca, em 1526, a cátedra de Prima Teologia, e nos quais teremos, como algumas das notas distintivas importantes, o tomar-se como guia Santo Tomás para a renovação da Teologia, bem como a elaboração de uma teoria do direito internacional e dos povos, uma teoria econômica e a incessante proclamação da igualdade de todos os seres humanos que “foram naturais das terras de lá como de cá”.

Com respeito ao primeiro momen-

to, Pedro Martínez de Osma ocupava a cátedra de Filosofia Moral (1457-1463) e em 1463 ele acedia à cátedra de Prima Teologia na Universidade de Salamanca, sucedendo na mesma os dominicanos que o haviam precedido, Lope de Barrientos (1416-1436?) e Álvaro de Osório (1436?-1463). Pedro de Osma permaneceria em dita cátedra até 30 de abril de 1479.

Em tempos posteriores se está no Concílio de Basileia (1431-1437 [-1449]). Após a experiência do que havia sido o cisma de Avignon, fazia-se necessário oferecer uma doutrina comprovada e segura para guiar e blindar frente aos perigos da Fé e da Igreja e para permitir uma navegação serena nestes novos tempos que se haviam aberto. E já estamos no Renascimento e ante a diversidade de filosofias e linhas de pensamento que se haviam aberto. A Universidade de Salamanca não iria ser alheia a estas exigências e, sentindo com estes tempos e, desde a fidelidade à Igreja, trataria de dar resposta às mesmas. E Pedro Martínez de Osma seria um de seus mestres mais notáveis em buscar e encontrar o caminho adequado.

O principal pressuposto que envolve

a obra de Pedro de Osma, para discernir e orientar os novos tempos é o da fé e o relato que a partir dela emerge como ordem que dá sentido e inteligibilidade. É o discurso que, tal como já havia acontecido com Santo Agostinho, ao transfigurar a realidade e colocar-nos num âmbito distinto de significações e sentido, mostrava as insuficiências dos outros discursos ou filosofias. A fé, tal como é confessada pela Igreja no *Symbolum quicumque*, o credo da Igreja universal, é sobre este que ele publicará um importante comentário, *In symbolum quicumque*: (1472-1474).

## Cristandade resplandecente

E os demais pressupostos, como fontes e rios, da mesma forma como ocorrerá em Melchior Cano<sup>2</sup> em *De locis theologicis* (Salamanca, 1536), que de algum modo derivam e são necessários para vir em socorro e ajudar a fé: *obsequium rationale* da razão à fé, o valor da tradição e dos *doctores antiqui*, não às novidades e às coisas não necessárias ou supérfluas, retóri-

1 FUERTES HERREROS, J. L. *Lógica y Filosofía en la Universidad de Salamanca, siglos XII-XVII*, In: Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares e Juan Luis Polo Rodríguez (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, vol. III, 1: *Saberes y confluencias* (Ediciones Universidad de Salamanca 2006), p. 491-586. (Nota do entrevistado)

2 Frei Melchior Cano (1590-1560): teólogo espanhol, entrou na Ordem dos Pregadores no convento de Salamanca. (Nota da IHU On-Line)

ca em vez de dialética, existência em sua finitude e contingência, concórdia e melhor república a partir de seus comentários a Aristóteles. Estes são, em definitivo, os conteúdos de suas obras que foi expondo e a direção que claramente foi marcando para a Universidade de Salamanca nas cátedras que ocupou e que a Ordem dominicana se encarregaria de seguir.

Santo Tomás era o melhor guia que se oferecia. A *Suma teológica* dispunha, como discurso, dos elementos necessários. Só era preciso pegá-la e haurir, como de uma fonte, a água viva para que fecundasse em seu comentário o presente que devia ser o de Igreja e cristandade resplandecente.

Assim se empreendia um caminho em Salamanca, na nave de um discurso perfeitamente blindado na fé e encaixado em Santo Tomás e Aristóteles, com o qual se pretendia navegar antes do Descobrimento da América no tempo da história, em direção à eternidade, tal como nestes mesmos anos, desde outra perspectiva, assinalava Wernerus Rolewinck (1425-1502) em seu *Fasciculus temporum* (Colônia, 1474).

Neste primeiro momento seguirão Pedro de Martínez de Osma na cátedra de Prima Teologia, Diego de Deza O.P. (1480-1486), Fernando de Roa (1494-1497), Juan de Santo Domingo O.P. (1497-1507) e Pedro de León O.P. (1507-1526). Pode-se considerar que um segundo momento acontece em torno às três primeiras décadas do século XVI.

Neste século parecia que o âmbito espiritual da cristandade se sentia comovido. Era a recuperação da antiguidade clássica, a transformação do mundo pela ciência, a técnica e a arte, a descoberta de novos mundos e o impacto de novos modelos de racionalidade, a pujança das nacionalidades, as propostas de reforma para a cristandade e para a vida cristã, pondo em circulação renovadas filosofias, valores distintos e tantas esperanças.

Eram tempos de efervescência, de pujança e de novidade, tempos que, na expressão de muitos, foram se tornando robustos depois destas três primeiras décadas, conforme iam se produzindo os sucessivos dilaceramentos na cristandade pelas reformas;

mas, eram também, se assim se quiser contemplá-los, tempos de generosidade e de paixão. Era preciso pensar e repensar, ordenar e reordenar, nascer e renascer e, em meio de tudo isso, apostar, com o risco de equivocarse. Era preciso encontrar o caminho, fazer o caminho para ir à verdade e não *ad narragoniam* com os loucos e néscios de Sebastián Brant e Erasmo de Rotterdam<sup>3</sup>. E também restaurar a cristandade nesta que parecia ser nova Idade de ouro.

### Impulsos renovadores

As frentes de reflexão para a escolástica de Salamanca e para o magistério que, a partir dela, se iria exercendo a partir deste momento serão principalmente duas, que vão a par: o da cristandade europeia no contexto da Monarquia hispânica e a elaboração de uma nova teoria unificadora da história e da comunidade humana que fosse capaz de nela integrar todas as gentes e povos recém-descobertos, a partir de uma consideração de uma dignidade igual para todos os humanos<sup>4</sup>. Era a primeira vez que se assumia uma empresa desse porte, fazendo-a merecedora de ser a criadora do direito das gentes e do direito internacional, ao mesmo tempo em que se elaborava uma nova teoria econômica, como meio de conduzir uma nova gestão do planeta e administrar recursos a favor de seus moradores.

Neste novo contexto e com novos impulsos renovadores, aparece Francisco de Vitoria (1483-1546) que, em 1526, recebe a cátedra de Prima Teologia (1526-1546) na Universidade de Salamanca, onde atuou no sentido de impor progressivamente a *Suma teológica* como livro-texto. Renovação que seria continuada por Melchior Cano O.P. [(1509-1560), 1546-1551], Domingo de Soto [(1495-1560), 1552-1560], Pedro De Sotomayor [(1511-1564), 1560-1564]. Mancio de Corpus Christi

3 Erasmo de Rotterdam (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

4 FUENTES HERREROS, J. L. *Relatos sobre el hombre en torno al De indis prior de Francisco de Vitoria*. In: Cuadernos Salmantinos de Filosofía, XXX (2003), 371-384. (Nota do entrevistado)

O.P. [(1507-15760, 1564-1577)] e Bartolomé de Medina O.P. [(1527-1580), 1577-1580] até chegar a Domingo Bañez O.P. (1528-1604), [1580-1604].

A Ordem dominicana, através do controle ininterrupto que exercerá em torno a dita cátedra de Prima Teologia, será a valoradora de um discurso dos saberes que, com Domingo Bañez, se expressará em sua *Apología* (1595), confrontando na polêmica *De auxiliis* o novo discurso que a Companhia de Jesus ia pondo em circulação.

A doutrina de Santo Tomás era a que parecia mais segura, ou ao menos ela assim aparecia até fins desse século XVI, quando Francisco Suarez terminava em 1597, aqui em Salamanca, no velho Colégio da Companhia, as *Disputationes Metaphysicae*, depois de ter permanecido vários anos em Roma, entre 1580-85, no Colégio Romano, fundado por Santo Inácio, e após perceber para onde ia a ciência e o mundo moderno e contemplar o distanciamento que estava se produzindo com respeito àquele sistema filosófico e teológico; e isso ocorria enquanto a filosofia cética, com atitudes nitidamente pirrônicas, estava abrindo seu próprio caminho e se expressava nos *Ensayos* (1580-1588) de Montaigne, ou naquele *Que nada se sabe* (1581) de Francisco Sánchez.

Luis de Molina (1535-1600) com seu *Concordia liberi arbitrii com gratiae donis, divina praescientia, providentia, praedestinatione et reprobatione*<sup>5</sup>, que publicava em Lisboa em 1588, havia tecido novos caminhos em filosofia e teologia<sup>6</sup>. E Francisco Suarez (1548-1617) com suas *Disputationes Metaphysicae* e seu *Tractatus de legibus ac Deo legislatore* (1612) abria outros caminhos e perspectivas.

### IHU On-Line - Qual é a importância do pensamento desenvolvido em

5 MOLINA, Luis de. *Concordia de libero arbitrio con los dones de la gracia y la presciencia, providencia, predestinación y reprobación divinas*. Tradução, introdução e notas por Juan Antonio Hevia Echevarría, Pentalfa Ediciones, Oviedo 2007. (Nota do entrevistado)

6 BAÑEZ, Domingo. *Apología de los hermanos dominicos contra la "Concordia" de Luis de Molina*. Tradução, introdução e apêndice por Juan Antonio Hevia Echevarría, Pentalfa Ediciones, Oviedo 2002, cf. XX e XXIII. Bañez é lúcido neste sentido e se dá perfeitamente conta de para onde conduz Molina. (Nota do entrevistado)

## Salamanca durante a conquista da América?

**José Luis Fuertes Herrerros** - A originalidade e as contribuições inovadoras de Salamanca neste segundo momento e, em concreto, de Francisco de Vitoria se devem à sua nova proposta do pensamento escolástico, o qual parte de uma reta interpretação do sistema tomista. Neste sentido, Vitoria insiste na distinção entre a ordem natural e a sobrenatural. Embora já Santo Tomás tenha levantado a questão, será Vitoria quem lhe dará uma formulação exata. Segundo Francisco de Vitoria, a ordem natural é o que é próprio da natureza humana enquanto tal e independentemente da ordem da Graça, à qual pode ser elevado: esta última seria a ordem sobrenatural. O homem, enquanto ser criado com corpo e alma, pertence à ordem da Natureza e tem, por sua simples condição de homem, um conjunto de direitos fundamentais inerentes à sua personalidade. A ordem sobrenatural, por suposto, não os nega, já que ambas as ordens não só não se contradizem, senão que se complementam.

Ambas as ordens correspondem a dois tipos de sociedade, a natural ou civil e a sobrenatural ou eclesiástica, com fins e meios, súditos e autoridades distintos. E, no âmbito desta doutrina, ocupa lugar preeminente a doutrina da pessoa humana. Segundo esta, o homem, centro da Criação, é uma pessoa racional, livre, moral e responsável, composta de dois elementos substanciais, corpo e alma, que o constituem em sujeito jurídico com uma série de direitos naturais inatos. A sociedade natural ou civil é possível porque existe uma dimensão social da pessoa.

Para Vitoria a comunidade internacional resulta da sociedade natural do homem, o qual não se detém nos limites de seu povo, senão que se estende à universalidade do gênero humano. Sua origem não é contratual, como não o é o da comunidade estatal. Seu vínculo é o *ius gentium*, que Vitoria concebe num duplo sentido: por um lado, como direito universal da humanidade, à maneira romana, e, por outro, como direito dos povos como tais em suas relações recíprocas (*ius inter gentes*). Nesta última acepção,

Vitoria define o *ius gentium* segundo a fórmula de Gaio, na qual substitui a palavra *homines* por *gentes*. O direito das gentes é aquele que a razão natural estabeleceu entre todas as gentes [ou povos]<sup>7</sup>, assim definido, é parte do direito natural; porém a vontade humana, expressa ou tácita, dá lugar ademais a um direito das gentes positivo, porque o orbe todo, que de certa maneira forma uma só república, tem o poder de dar leis justas e a todos convenientes.

Consequência da ideia do orbe e de um direito natural e positivo das gentes, de alcance ecumênico, é o reconhecimento da personalidade jurídico-internacional das comunidades não-cristãs. O domínio não depende de um título religioso, senão simplesmente de um título jurídico-natural. Com isso obtínhamos a doutrina vitoriana da comunidade jurídica internacional<sup>8</sup>.

E, são suas contribuições sobre o direito natural e das gentes o que fará que se vá construindo toda uma tradição, ou a Escola espanhola, ou os clássicos do direito natural e das gentes, entre os quais cabe destacar: Domingo de Soto, *De iustitia et iure* (1540), Melchior Cano, *De iustitia et iure* (1545), Miguel de Palácios, *De legibus* (1554), Diego de Covarrubias, *Questionum practicarum liber unus* (1556), Juan de la Peña, *De iustitia et iure* (1559), Mancio de Corpus Christi, *De iustitia et iure* (1566), Fray Luis de León, *De legibus* (1571), Bartolomé Medina, *De legibus* (1574), Luís de Molina, *De iustitia et iure* (1578), Domingo Bañez, *De iustitia et iure* (1580), Francisco Suarez, *Quaestiones de iustitia et iure* (1585) e *De legibus et de Deo legislatore* (1612), Gregório de Valencia, *De legibus* (1603), Gabriel Vázquez, *De legibus* (1605), e Pedro de Lorca, *De legibus* (1609)<sup>9</sup>.

## IHU On-Line - Como era tratado o tema da conquista e da escravidão

<sup>7</sup> TRUYOL SERRA, A. *Historia de la Filosofía del Derecho y del Derecho y del Estado. II. Del Renacimiento a Kant*, Revista de Occidente, Madrid 1975, 55-56. (Nota do entrevistado)

<sup>8</sup> LEÓN, Fray Luis de. *De legibus o tratado de las leyes, 1571*. Introducción y edición crítica bilingüe por Luciano Pereña, CSIC, Madrid 1963, LXXXIII-LXXXVI. (Nota do entrevistado)

<sup>9</sup> *Idem, ibidem.*

## pela Escola de Salamanca?

**José Luis Fuertes Herrerros** - Em Salamanca, desde a segunda metade do século XV, o pensamento foi se concentrando em torno ao que podia ser um núcleo de elementos seguros e fundamentais para servir de guia nessa etapa do Renascimento. É a volta aos *doctores antiqui*, a Santo Tomás, às fontes, à fé da Igreja, à Sagrada Escritura, à tradição e a um começar a priorizar a existência sobre a essência.

Após a ampliação da *imago mundi* com os novos descobrimentos, tratar-se-á de responder aos novos desafios que ia levantando tanto o Renascimento e a situação da cristandade europeia como os que se iam suscitando no Novo Mundo, onde nos primeiros momentos parecia que a ambição e os interesses iriam sobrepor-se à razão e à fé. É neste momento que, a partir das aulas de Salamanca, se começa a ouvir o juízo moral que mereciam estes acontecimentos.

E, com Francisco de Vitoria, em sintonia com as fidelidades da etapa anterior, se começa, no *De Indis* (1539), a elaborar uma doutrina que busca na existência o ponto de concórdia e encontro entre todos os seres humanos. E se visa o relato da criação do Gênesis, onde Deus fez o homem à sua imagem e semelhança e se fundamenta aí sua dignidade e grandeza e também se constrói uma nova história, a de uma comunidade humana que saiu das mãos de Deus. O restante já o indiquei, assim como os grandes mestres, até se elaborar o direito das gentes e o direito internacional.

Quiçá tudo isto se poderia compreender melhor caso se lesse também um breve tratado de profunda meditação de Domingo de Soto, ou seja, o *Tratado del amor de Dios*, que nos acerca da *via del beneficio*, e a Fray Luis de Granada (1504-1588), onde o homem aparecerá como a obra mais formosa e excelsa da criação. Porém, sempre também estarão presentes as Juntas de Valladolid (1550-51), Bartolomeu de las Casas (1484-1566) e Ginés de Sepúlveda (1490-1573), para assinalar, mais além das aulas de Salamanca, o dolente que realmente acontecia ou convinha fazer.

## A contribuição dos jesuítas à Segunda Escolástica

Junto dos dominicanos e franciscanos, os jesuítas desenvolveram o conceito de “formação pela ciência”. Método do “Direito natural” fundamenta uma ética e um direito que “ultrapassa culturas”, acentua Ludger Honnefelder

POR MÁRCIA JUNGES E ALFREDO CULLETON | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“**A**o lado das ordens religiosas mais antigas dos franciscanos e dominicanos, são os jesuítas que, no âmbito da segunda escolástica, já no século XIII desenvolveram ulteriormente o emergente conceito da ‘formação pela ciência’, tornando-a o fundamento da formação para as pessoas da modernidade”. A afirmação é do filósofo alemão Ludger Honnefelder, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, através do método do Direito natural, “os jesuítas desenvolveram uma ética e um direito que ultrapassa as culturas e permite uma ação responsável em vista da moderna ampliação e transformação do Velho no Novo Mundo”.

Ludger Honnefelder é professor emérito de Filosofia da Universidade de Bonn, na Alemanha. Em 1999 foi diretor do Centro de Referência Alemã para a Ética nas Ciências da Vida. Coursou Filosofia nas universidades de Bonn, Innsbruck e Bochum, na Alemanha. Tem doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Bonn. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o valor e a importância da segunda escolástica?**

**Ludger Honnefelder** - A Segunda Escolástica tem pensamentos centrais que, surgidos na primeira Escolástica, isto é, na filosofia da Idade Média, foram ulteriormente desenvolvidos e transmitidos à Idade Moderna.

- Em *nível teórico* trata-se do pensamento que só podemos entender a realidade por uma rede de diversas ciências. Pertence a isso uma nova racionalidade científica diferenciada e uma disciplina básica (na forma da metafísica), na qual é tratada a questão da compreensão da realidade pela qual nos guiamos.

- No *nível prático* é dada válida ao pensamento de que é traço distintivo do ser humano ser ele próprio autor de seu agir e determinar-se livremente a si próprio pela razão. A cada homem é própria a “lei natural” que, por força de sua razão, o capacita a distinguir entre o bem e o mal e vincular-se em seu agir ao bem por concepção pessoal.

**“A Segunda Escolástica tem pensamentos centrais que, surgidos na primeira Escolástica, isto é, na filosofia da Idade Média, foram ulteriormente desenvolvidos e transmitidos à Idade Moderna”**

**IHU On-Line - Qual é o papel dos jesuítas na segunda escolástica?**

**Ludger Honnefelder** - Ao lado das ordens religiosas mais antigas dos

franciscanos e dominicanos, são os jesuítas que, no âmbito da segunda escolástica, já no século XIII desenvolveram ulteriormente o emergente conceito da “formação pela ciência”, tornando-a o fundamento da formação para as pessoas da modernidade. O conceito por eles desenvolvido da *ratio studiorum* tornou-se modelo para o desenvolvimento ulterior da universidade.

Além disso, pelo método do “Direito natural”, sobretudo por Francisco Suarez e Gabriel Vásquez, os jesuítas desenvolveram uma ética e um direito que ultrapassa as culturas e permite uma ação responsável em vista da moderna ampliação e transformação do Velho no Novo Mundo.

**IHU On-Line - Por que é relevante estudar em nossos dias a Escolástica?**

**Ludger Honnefelder** - O mundo atual encontra-se ante uma questão decisiva, a saber, como pode ser pensada a “unidade na diversidade”.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## Grandes grupos industriais são donos do Rio Uruguai

“As hidrelétricas são obras gigantes, de lucros vultuosos e estão totalmente atreladas a um modelo explorador e exportador que nada tem a ver com o desenvolvimento equilibrado e equitativo das regiões do país”, afirmam Lucia Ortiz e Bruna Cristina Engel

POR GRAZIELA WOLFART

“**A** produção de metano é outro problema ambiental grave que pouco se discute. A hidrelétrica vendida com energia limpa e renovável é na verdade uma falsa solução para o combate às mudanças climáticas, pois produz grandes quantidades de metano devido à massa verde submersa pelo lago e sedimentos carreados pelo rio e depositados no fundo do lago. As hidrelétricas podem ter o mesmo grau de poluição de uma termelétrica”, afirmam Lucia Ortiz e Bruna Cristina Engel, da Organização Não-Governamental Amigos da Terra Brasil, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Elas contribuem para o debate levantado na última edição da revista, sobre as hidrelétricas no Rio Grande do Sul (<http://bit.ly/cvHKgp>).

Lucia Ortiz é coordenadora do Núcleo Amigos da Terra e do GT Energia do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. É geóloga e mestre em Geociências. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como os Amigos da Terra Brasil definem hoje a política de construção de hidrelétricas no Brasil e no Rio Grande do Sul, principalmente na região do Alto Uruguai?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - Uma política atrasada que prioriza os interesses do setor industrial sem avaliar outras dimensões senão a econômica. Enquanto o setor elétrico apresenta supostas novas estratégias de comunicação e de opções técnicas, como as tais “usinas plataforma”, os projetos são os mesmos inventariados que lotearam os rios brasileiros na ditadura militar e são impostos com o mesmo autoritarismo que desconsidera outras opções e demandas por melhores condições de vida por parte das populações regionais.

Segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o setor industrial foi responsável pelo consumo de 46,1% da energia elétrica em 2008, enquanto o setor residencial por apenas 24%. Este desbalanço na distribuição de energia

deve-se ao fato da concentração no Brasil dos setores industriais eletrointensivos, voltados à exportação de alumínio, ferro, aço, celulose e a produção de cimento, que tem na água e na energia barata uma fonte de lucro. Obviamente as indústrias são o principal consumidor de energia no país e batem constantemente seus recordes de consumo: no mês de julho consumiram 15.915 GWh (Gigawatts hora), 13,7% a mais que o mesmo período do ano passado.

### **Cresce demanda total por energia elétrica**

Dados da EPE revelam também que a demanda total por energia elétrica cresceu 8,5% comparada com igual período do ano passado. A leitura que pode ser feita desses dados é o aumento do poder de consumo da atividade industrial, e o resultado disso são mais investimentos em construção

de hidrelétricas. Para o Brasil crescer, precisamos de mais energia! Essa é a frase que ouvimos durante décadas e que caracteriza um sistema de crescimento econômico atrelado a processos industriais altamente dependentes de grande quantidade de energia e bens naturais que não vêm na destruição dos rios um limite para o seu crescimento. Com financiamento público através do BNDES (principalmente fundos de pensão), licenciamento ambiental feito a toque de caixa, audiências públicas de fachada e atropelo da legislação ambiental, grandes grupos industriais como a Votorantin Cimento, Alcoa Alumínio S.A., Vale, Gerdau, CPFL Energia, GDF Suez, CSN, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Bradesco e outros são considerados os donos do rio Uruguai. As hidrelétricas são projetadas e construídas sem respeito pela população local e sem objetivar o seu abastecimento energético. A energia gerada e lançada no SIN - Sistema Interligado Nacional - atende a demanda

de indústrias instaladas em todo o Brasil. Ou seja, se a Alcoa está precisando de energia para transformar a bauxita lá no Pará e é oportuno construir uma hidrelétrica aqui no sul, ela o faz, joga a energia produzida no SIN e paga um valor subsidiado muito inferior ao MWhora que pagamos os cidadãos e cidadãs brasileiros. A região do rio Uruguai não é diferente do resto do país. O rio Uruguai é um rio de corredeiras encachado na serra da mata atlântica, entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e com alto potencial elétrico, 12.816 MW ou 5,1% do potencial nacional, dos quais 5.186MW já foram aproveitados e o restante está inventariado. As sete usinas já instaladas geram aproximadamente R\$3,2bi anuais de lucro para os consórcios que possuem a concessão das usinas. As hidrelétricas são obras gigantes, de lucros vultuosos e estão totalmente atreladas a um modelo explorador e exportador que nada tem a ver com o desenvolvimento equilibrado e equitativo das regiões do país.

**IHU On-Line - Como entender a desenfreada expansão de hidrelétricas no Brasil e no Rio Grande do Sul? O que está na origem disso?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - Ainda na época do regime militar o Brasil iniciou uma abertura aos investimentos internacionais e à colonização da região norte do país. Para atender a demanda crescente por energia que as mineradoras precisavam, o Estado inventariou os rios brasileiros de forma a aproveitar cada MW em potencial existente. Exemplo dessa política são as megarepresas de Tucuruí e Itaipu. Muitos daqueles projetos hidrelétricos foram arquivados por serem inviáveis tecnicamente, ou polêmicos demais, como as dezenas de hidrelétricas projetadas para o coração da Amazônia que hoje estão sendo impostas goela a abaixo com a justificativa do crescimento do país. A partir dos anos 1990 com a privatização do setor elétrico houve, além do aumento do desemprego e da precarização do trabalho, um período de ausência do planejamento energético por parte do Estado que levou à crise de energia de 2001, quando se iniciou uma nova onda de retomada

**“Para o Brasil crescer, precisamos de mais energia. Essa é a frase que ouvimos durante décadas e que caracteriza um sistema de crescimento econômico atrelado a processos industriais altamente dependentes de grande quantidade de energia e bens naturais que não vêm na destruição dos rios um limite para o seu crescimento”**

de antigos projetos de aproveitamento hidrelétrico projetados no regime militar. Um planejamento setorial voltado a apresentar oportunidades de negócios, desvinculado de um projeto de futuro para o país. A usina de Barra Grande no rio Pelotas é um exemplo disso, com histórico de irregularidades e mobilizações que não foram suficientes para barrá-la. Outra é a UHE Garibaldi, no rio Canoas, ambas nas cabeceiras do rio Uruguai. A UHE Garibaldi, com LP emitida pela FATMA - SC, está locada dentro do PAC e visa atender a demanda crescente por energia principalmente na região sudeste do país onde se dá a maior concentração de indústrias eletrointensivas.

**IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre a construção de hidrelétricas e o agronegócio?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - A construção de hidrelétricas está mais relacionada à fabricação de insumos, como

fertilizantes agrícolas. A partir da liberação da exploração mineral em todo território nacional para fabricação de fertilizantes, encabeçada pela Vale, a produção de energia precisa acompanhar o crescimento do setor do agronegócio que, ao contrário do modelo da agroecologia, é altamente intensivo em energia, consumida na fabricação destes insumos, bem como no uso de maquinário pesado e na logística ineficiente de distribuição globalizada. Outra demanda é a produção e exportação de celulose, também um setor eletrointensivo que tem crescido sua autoprodução de energia utilizando resíduos madeireiros e carvão mineral nos seus processos industriais, mas também investido em projetos conjuntos de geração hidrelétrica. No Rio Grande do Sul, onde o Pampa está sendo dizimado por monoculturas de árvores exóticas para atender a demandas das plantas de produção de celulose, estas se erguem como gigantes famintos de energia, água, terras, madeira e mão de obra barata.

**IHU On-Line - Como as hidrelétricas impactam especificamente a realidade social e ambiental do Rio Grande do Sul?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) aponta que aproximadamente 60 mil pessoas já foram atingidas por empreendimentos hidrelétricos no Rio Grande do Sul e no máximo 30% dessa população foi indenizada e reconhecida como atingida por barragens. Um estudo da Universidade de Passo Fundo - UPF aponta que após alguns anos de implantação de uma hidrelétrica na região do alto rio Uruguai, os indicadores de desenvolvimento mostram queda de aproximadamente 40%. Por exemplo, a produção (-40%), o comércio (-43%), o emprego (-43%), produção agropecuária (-36%), as relações sociais e culturais (-40%), as relações de amizade e familiares (-71%), meio ambiente natural em geral (-31%). Isso mostra que a chegada de um empreendimento hidrelétrico está longe de promover o desenvolvimento local ou aquecer a economia a nível regional. Outros estudos feitos pela Comissão Mundial de Represas, na década de

1990, apontam para o mesmo cenário de retrocesso e desestruturação das relações sociais, culturais e econômicas que chegam com as barragens independente da região do globo. O impacto no ambiente natural talvez seja mais grave devido às proporções do impacto social associado. Pegando o caso de Barra Grande, onde foram inundados mais de 6000 ha de matas de araucárias, se deu a migração de animais para regiões habitadas nos campos de cima da serra. O aparecimento de animais silvestres em sítios e cidades da região tem deixado os moradores preocupados com a segurança de crianças, por exemplo. Esses animais agora perambulam em busca de um lar e alimento e por conta disso acabam atacando animais domésticos e pessoas.

A região do Alto Uruguai, característica por ter solos férteis, rios ricos em peixes e uma economia baseada na agricultura familiar corre o risco de mudar drasticamente o perfil econômico e sofrer forte impacto ambiental nas cabeceiras, como está ocorrendo no rio Canoas, onde mais de mil famílias de pequenos agricultores que são atores da economia local e vivem com qualidade de vida nas margens do rio estão ameaçados de serem deslocados. Os projetos hidrelétricos Garibaldi, Pai Querê e Passo do Cadeia, se implantados, podem iniciar um processo de morte do bioma Mata Atlântica na região. A área do Alto Uruguai, rica em espécies endêmicas, corre o risco de desaparecer por causa dos lagos artificiais que impedem a passagem de animais de uma margem a outra, isolando populações, além da modificação rápida e radical do ambiente aquático que afeta não só a população de fauna e flora aquática mas toda a cadeia trófica, inclusive o modo de subsistência de populações humanas que dependem do rio para sobreviver. A produção de metano é outro problema ambiental grave que pouco se discute. A hidrelétrica vendida com energia limpa e renovável é na verdade uma falsa solução para o combate às mudanças climáticas, pois produz grandes quantidades de metano devido à massa verde submersa pelo lago e sedimentos carregados pelo rio e depositados no fundo do lago. As

## “As hidrelétricas são projetadas e construídas sem respeito pela população local e sem objetivar o seu abastecimento energético”

hidrelétricas podem ter o mesmo grau de poluição de uma termelétrica.

**IHU On-Line - Quais as principais questões políticas que envolvem a construção de barragens no Rio Grande do Sul?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - São empreendimentos que da mesma forma que a construção de estradas, dão votos porque vendem a falsa ideia de desenvolvimento. Atualmente políticos e empresas renovaram o discurso na tentativa de vender a ideia da sustentabilidade, sem mudar a sua lógica de exploração da natureza. Os governos têm ajudado na organização e concentração dos atores do grande capital, planejando, promovendo e financiando com dinheiro público as grandes obras das mesmas grandes indústrias que financiam as campanhas eleitorais, de direita ou de esquerda. A concentração da produção de celulose, o aço da Gerdau, o Pólo Petroquímico, assim como o parque industrial da região sudeste, exigem alta produção de energia. Apesar da pressão da sociedade por fontes alternativas, a falta de políticas de incentivo e planejamento para a produção descentralizada segue uma forma de criminalizar como cara as fontes mais sustentáveis de energia. Por outro lado, políticas públicas subsidiam energia cara e suja de termelétricas a carvão e nuclear e fortalecem a indústria das hidrelétricas.

**IHU On-Line - Como os órgãos públicos responsáveis e os governos do estado têm lidado com a questão das hidrelétricas ao longo da história?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - Quando no

regime militar os governos eram totalmente favoráveis às hidrelétricas, os órgãos públicos responsáveis tinham pouca autonomia para barrar o processo de expansão da oferta. Atualmente, em regime democrático, a situação não mudou quase nada. O Estado, ao promover políticas desenvolvimentistas, com programas de aceleração do crescimento (os PACs), afeta a demanda por energia abrindo mercado para expansão da oferta. O PDE 2010 aponta aumento da produção de energia de 3.333 MW anuais para acompanhar as taxas de crescimento econômico. O desmonte e enfraquecimento dos órgãos públicos tem se intensificado na medida em que os investimentos em projetos de alto impacto ambiental aumentam. Casos de demissão semanas antes da emissão das licenças ou a troca de técnicos para outros setores são comuns em época de falta de diálogo entre os políticos, pesquisadores e a sociedade civil. O exemplo da Fepam, que alertou antecipadamente o IBAMA sobre a fraude da UHE Barra Grande em 2004, nos últimos anos foi gritante: de um órgão público ambiental exemplar para todo o Brasil em termos de qualificação dos seus técnicos e de transparência na obtenção de informações por parte da sociedade, virou um balcão de atendimento prioritário às empresas com casos de emissão de licenças prévias ao recebimento e análise dos estudos de impacto ambiental para a construção de barragens, onde os técnicos passaram a ser perseguidos e afastados dos processos de licenciamento ou de formulação de políticas como as que se discutem no Consema-RS.

**IHU On-Line - Quais os principais danos que as hidrelétricas podem provocar à biodiversidade gaúcha?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - A bacia do rio Uruguai se caracteriza por altas taxas de endemismo nos vales formados nas cabeceiras, no Alto Uruguai. A construção de lagos provoca a morte de populações de animais, a extinção de espécies endêmicas e a consequente perda da biodiversidade. A região abriga uma das maiores populações de araucárias, o pinheiro brasileiro, que está em risco eminente de extinção.

O Salto do Yucumã, maior queda longitudinal do mundo e símbolo cultural, pode desaparecer com a construção de usinas como a de Itapiranga e Garabi, esta última com 2800MW, projetada para o rio Uruguai entre o Rio Grande do Sul e a Argentina, outro projeto da época do regime e que voltou um pouco reformulado, mas com o mesmo potencial de destruição que o anterior. Não se sabe ainda qual a exata localização da usina, sabe-se que está entre as províncias de Corrientes e Misiones do lado argentino e Garruchos do lado brasileiro. Só em solo argentino estima-se que cerca de 30000 pessoas serão atingidas pela obra. A projeção da área de alagamento é de 730km<sup>2</sup>. As pessoas que vivem na terra manejam e resguardam agrobiodiversidade que pode ficar sob as águas em regiões importantes do nosso território.

#### **IHU On-Line - Quais as possíveis consequências de uma alteração na sensibilidade ambiental do clima gaúcho em função das hidrelétricas?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - A mudança no clima pode ocorrer em escala regional, o lago pode aumentar a umidade relativa e alterar o regime de chuvas da região. O conjunto de lagos pode também tornar-se um corredor de ventos fortes e aumentar a vulnerabilidade regional a eventos climáticos extremos, como tornados e vendavais. Os rios sofrem alterações no fluxo onde a consequência pode ser desde o assoreamento até diminuição da fertilização das margens, afetando diretamente a agricultura tradicional. Estudos da Secretaria Estadual de Saúde demonstram também o aumento de vetores de doenças, como a proliferação de ratos e mosquito, devido às alterações climáticas e ambientais locais no entorno das barragens do rio Uruguai.

#### **IHU On-Line - Qual deveria ser a postura do BID e outros bancos em relação ao financiamento dos leilões de construção de hidrelétricas?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - Se antes os principais atores financeiros eram bancos internacionais multilaterais como o BID e o BIRD, hoje o BNDES

atua como principal banco de fomento e chega a financiar 80% das obras de hidreletricidade para depois entregar todos os lucros ao capital privado. São investimentos de alto risco ambiental e social em expansão no Brasil e fora de forma autoritária para alavancar o país a qualquer preço, mesmo que seja para destruir com a diversidade biológica e social dos territórios. Segundo levantamento da Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais, de 2004 a 2009, quase 70% dos desembolsos do BNDES para a região Sul do país foram para a construção de hidrelétricas, o equivalente a R\$ 4.672.617.910,00 (4,67 bilhões de reais). Ao contrário das instituições internacionais mencionadas, o BNDES não tem uma política de informação sobre seus investimentos públicos no exterior e não apresentou à sociedade sua política de salvaguardas ambientais, enquanto que muitos empreendimentos financiados pelo banco são denunciados na justiça pelo descumprimento das leis ambientais e princípios da administração pública, como é o caso das usinas do rio Madeira e Belo Monte no Xingu, ou da condenação do banco pela propaganda tendenciosa dos financiamentos para o setor de celulose no Rio Grande do Sul. A iniciativa da Plataforma BNDES é que disponibiliza as informações sobre os financiamentos públicos do Banco no Brasil, assim como um mapa onde os casos controversos podem ser denunciados por organizações da sociedade civil.

#### **IHU On-Line - O que é desenvolvimento sustentável para os gaúchos hoje, quando pensamos, por exemplo, na questão das hidrelétricas no estado?**

**Lucia Ortiz e Bruna Engel** - A produção de energia no estado não se sustenta. Uma mega barragem que impede o fluxo natural de um rio, provoca a morte e extinção de espécies, desestabiliza os sistemas sociais e quebra com a economia local não pode ser considerada sustentável. Além do mais, essa energia é produzida principalmente para atender a demanda industrial eletrointensiva extrativa, uma cadeia produtiva alta-

mente concentradora de lucros, comparativamente a outros setores menos geradora de empregos, poluidora e que põe em risco a biodiversidade e a qualidade de vida da população. A hidroeletricidade pode ser considerada sustentável, talvez, se produzida de forma descentralizada, com controle social para atender a demanda local. Deve-se ter muito cuidado ao apoiar iniciativas de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), as quais se reproduzem em projetos de autoprodução das mesmas indústrias que investem nas UHEs, pelo risco de essas usinas minarem a calha de um rio, desviarem as águas, secar trechos à jusante e impedir a reprodução de peixes. O que vemos hoje é a proliferação de PCHs em escada num único rio, inclusive em áreas na bacia do rio Uruguai para onde populações afetadas pelas grandes barragens já foram reassentadas, sendo vendidas como uma solução às grandes hidrelétricas, novamente uma falsa solução. A sustentabilidade de uma sociedade não se encontra apenas na busca de alternativas de fontes de energia para suprir seus modos de vida, mas sim no questionamento das causas e dos valores que levam a sociedade a destruir a natureza da qual faz parte e depende para viver. Este questionamento é o que pode gerar maior criatividade, soluções e mudanças estruturais no caminho da construção de sociedades sustentáveis.

#### **LEIA MAIS...**

>> Sobre o tema das hidrelétricas leia também:

\* *Hidrelétricas no Rio Grande do Sul. Impactos sociais e ambientais.* Revista IHU On-Line, número 341, de 30-08-2010, disponível em <http://bit.ly/cvHKgp>;

\* *Hidrelétricas no Rio Uruguai: uma floresta inteira extinta.* Entrevista com Rafael Cabral Cruz, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU e disponível em <http://bit.ly/ddoKus>

\* *Itapiranga: uma luta de mais de 30 anos.* Entrevista com Pedro Melchior, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU e disponível em <http://bit.ly/9qmfeu>

\* *Manifesto de Itapiranga. "Em defesa da natureza, do povo, pelo desenvolvimento sem barragem"*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU e disponível em <http://bit.ly/8X4h96>



## Passione! A indústria da telenovela no balizamento entre o merchandising social e o comercial

POR JACQUELINE LIMA DOURADO\*

As emissoras de televisão, enquanto indústrias culturais, desenvolvem processos estratégicos desenvolvidos que estão relacionados, muitas vezes, com temas ou questões que se reportam a situações enfrentadas por uma sociedade em diferentes domínios. Esses atuam desde a coletividade, no campo educacional, político, religioso, tecnológico e ambiental, como na esfera individual, em relação ao comportamento, práticas urbanas, solidariedade, usando para isso táticas de merchandising social, protagonismo social e marketing social.

A telenovela “das oito”, *Passione* (da Rede Globo, 21h:00min), retoma temas sociais, tais como dependência química, infidelidade, sexualidade, pedofilia, prostituição entre outros antes demarcados, somente, à esfera íntima. Com a mediação televisiva, migram para a esfera pública, proporcionando novas pautas e debates, além do agendamento de outras mídias.

Dessa vez, a Rede Globo afirma não fazer de forma mais explícita nenhum merchandising social. Contudo, retoma temas sociais que resgatam a prática especulativa do tema ao trazer o consumo e dependência de drogas ao enredo com

alegorias bem peculiares, como a decadência física, desequilíbrio emocional, desagregação da família que servem de mote de discussão intra e extranovela. Traz ainda a esfera do debate temas motes como pedofilia, exploração e prostituição de menores. Essas abordagens não são colaterais ao enredo, mas a partir delas há um novo olhar sobre o tema da novela. Ressalte-se que os dois assuntos dominam noticiários e revistas no país.

Esses movimentos é o que chamamos de cidadania televisiva. Entendemos que, para adotar este conceito, é necessário concebê-lo como conjunto de temas voltados para os direitos sociais, educativos e morais presentes na programação. De alguma maneira, surge na grade, sob a forma de diferentes temas, problemáticas que, tradicionalmente, antes, não estavam inseridas. Começam a ganhar contornos próprios por meio de operações e estratégias peculiares, inerentes ao próprio regime e à discursividade da TV. Supomos que são escolhas deliberadas via agendas que a mídia faz para tratar simbolicamente, e, com sistematicidade, questões relativas a desafios enfrentados em dados mo-

\* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, professora do mestrado em Políticas Públicas e do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí - UFPI, e líder do Grupo de Pesquisas COMUM/UFPI. Email: jacdourado@uol.com.br.

mentos por determinada sociedade.

Ao observarmos o fenômeno por meio do eixo da Economia Política da Comunicação - EPC, avaliamos que, pela ordem capitalista contemporânea, tais injunções são absorvidas como alerta para a integração com outros agentes do capital, na tentativa de manter barreiras à expansão desmesurada de corporações comunicacionais. Qualquer que seja o país, a inserção da programação televisiva como elemento estratégico fortalece relações de poder, embora a função macro da comunicação midiática deva se restringir a acompanhar as mudanças sociais e não a produzi-las.

Também como elemento indissociável ao estudo está a ponderação acerca da postura do telespectador frente à programação da Rede Globo de Televisão. É preciso verificar se há espaço para a reflexividade ou se a grade somente fortalece eventuais mecanismos regulatórios, responsáveis por coletividades passivas e meramente consumidoras. Há indicativos de que esses mecanismos representam fonte de interferência na autonomia das pessoas e em sua capacidade de discernir sobre a participação em questões importantes à sua própria vida, tornando-as, cada vez mais, reféns dos ditames do modo de vida imposto pelas regras de convivência entre Estado, mercado e sociedade, a partir da lógica capitalista contemporânea.

**“Qualquer que seja o país, a inserção da programação televisiva como elemento estratégico fortalece relações de poder, embora a função macro da comunicação midiática deva se restringir a acompanhar as mudanças sociais e não a produzi-las”**

Concomitantemente a esses mecanismos, observam-se ainda determinadas práticas de mercado com o fito do enfrentamento da multiplicidade de ofertas de produtos culturais à disposição do público tais como CDs com a trilha sonora da novela nacional e internacional entre outros subprodutos.

A fase da multiplicidade da oferta é perceptível desde o início da década de 1990, quando há mais opções para os telespectadores e crescente disputa por audiência. Porém, somente em

1995 se define essa fase da TV brasileira, a partir da obra de Valério Brittos, e é nesse panorama que se dá a reestruturação dos mercados televisivos contemporâneos, ávidos por alternativas para seu fortalecimento frente à concorrência.

Ocorre ainda a associação dos atores a práticas de merchandising como Hospital São Luiz e o ator como personagem X, Houston Bike com os personagens Danilo e Sinval (Cauã Reymond e Kaiky Brito), e a C&A - rede de varejo de moda do Brasil com a personagem Melina (Mayana Moura).

“Cidadania, a gente vê por aqui!” - O que se observa na Rede Globo de Televisão é a autorreferência (a partir dos slogans adotados que surgem como palavras de ordem), como *locus* promotor de cidadania ao longo da programação. Mas não se pode esquecer é que, enquanto instituição privada, cujos interesses são, em sua essência, particulares, essa cidadania é tematizada na grade e imprime uma feição de prática capitalista, ou seja, emerge como configuração de administração do capital.

O capitalismo, como qualquer outro sistema, mesmo abarcando um rol de injustiças, às vezes, irreparável, não pode estar sujeito às críticas contínuas. Se assim for, inviabilizará qualquer tipo de adesão. Precisa oferecer, minimamente, vantagens que assegurem sua manutenção e, quiçá, sua melhoria.



**Ouçá o programa!**

**Sexta 20h**

**Domingo 21h**

**PERISCÓPIO DA MÍDIA**

**Unisinos Fm 103.3**

periscopiodamidia@gmail.com

A indústria da Comunicação  
Social de cabeça para baixo

**Fone: 3591.1122**  
**Ramal:1356**



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 31-08-2010 a 03-09-2010.



Direito, trabalho e novas tecnologias  
Entrevista com Marcos Wachowicz, professor na Universidade Federal de Santa Catarina

Confira nas Notícias do Dia de 31-08-2010

Disponível no link <http://bit.ly/bga9OE>

Marcos Wachowicz propõe uma discussão sobre o uso das novas tecnologias e defende que a partir delas o esforço humano, que antes era braçal, virou intelectual. E questiona: “Qual sociedade nós queremos para o futuro?”.



Quatro rios unidos contra as “monstro-hidrelétricas”

Entrevista com Telma Monteiro, coordenadora de Energia e Infraestrutura Amazônia da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé

Confira nas Notícias do Dia de 01-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/9VeUrV>

Telma Monteiro, comenta sua participação no I Encontro dos Povos e Comunidades Atingidas e Ameaçadas por grandes projetos de infraestrutura, nas bacias dos rios da Amazônia: Madeira, Tapajós, Teles Pires e Xingu, que aconteceu em Itaituba, no Pará. Mais de 600 pessoas protestaram contra Belo Monte.



Usina de Estreito e seus impactos socio-ambientais

Entrevista com Cirineu da Rocha, coordenador do Movimento dos Atingidos

por Barragens (MAB)

Confira nas Notícias do Dia de 02-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/b00Zfi>

Cirineu da Rocha comenta a situação dos moradores que vivem próximo à obra da nova usina hidrelétrica na divisa do Tocantins com o Maranhão. Segundo ele, a construção da hidrelétrica na cidade de Estreito, no Maranhão, irá atingir doze cidades, povos indígenas, ribeirinhos e outras pessoas que dependem do rio.



O Brasil em chamadas

Entrevista com Saulo Freitas, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e no Instituto Nacional de Pesquisas

Espaciais - INPE

Confira nas Notícias do Dia de 03-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/975R99>

De acordo com o físico Saulo Freitas, o mês de setembro deve seguir a tendência do mês de agosto, com tempo extremamente seco em função das queimadas. Ele explica que “a fumaça fica na atmosfera por uns 10 dias, mas os gases do efeito estufa ficam centenas de anos”.

**EAD - JESUS E O REINO NO EVANGELHO DE MARCOS**  
**DATA DE INÍCIO: 16/08/2010**

**INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)**

Confira, a seguir, algumas das entrevistas que foram publicadas pela IHU On-Line no site, no período em que a revista esteve em recesso, coincidente com as férias dos alunos da Unisinos.



**Homeopatia: medicina popular a serviço de todos**  
 Entrevista com Edna do Amaral, psicóloga  
 Confira nas Notícias do Dia de 17-07-2010  
 Disponível no link <http://bit.ly/axPJoc>

A psicóloga Edna do Amaral analisa a relação das mulheres e das comunidades em relação à medicina alternativa. E explica: “Se a pessoa não conseguir perceber essa relação dela com o ambiente, com as pessoas e com ela mesma, a homeopatia se inviabiliza enquanto tratamento”.

**Imposto sobre grandes fortunas: 22 anos sem regulamentação**

**Entrevista com Rodrigo Vieira de Ávila e Luciana Genro**

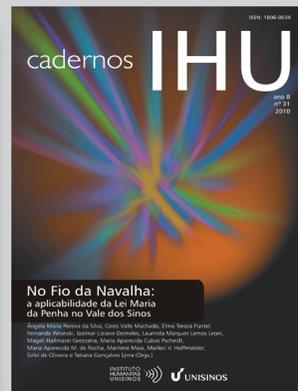
Confira nas Notícias do Dia de 18-07-2010  
 Disponível no link <http://bit.ly/9z94fr>  
 De volta à pauta da Câmara, o Imposto sobre Grandes Fortunas está na Constituição, mas nunca foi regulamentado. “Grande parte dos parlamentares representa os interesses da burguesia, que é quem detém grandes fortunas”, diz Luciana Genro.

**Um homem ameaçado de morte**  
 Entrevista com Javier Giraldo

Confira nas Notícias do Dia de 19-07-2010  
 Disponível no link <http://bit.ly/bhDmqo>  
 “A Colômbia é realmente um país que não vai bem. Creio que o presidente Santos compartilhará das mesmas coisas que Uribe defende. Não acredito que ele vá mudar essa estratégia de manejar dois tipos de grupos paramilitares”, opina o jesuíta ameaçado de morte.



## PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU DISPONÍVEIS EM WWW.IHU.UNISINOS.BR





INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Data: 6-9-2010</b>
<b>Evento:</b> EAD - Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos SEGUNDA ETAPA - JESUS RESPONSÁVEL PELA VIDA (Mc 1,16-3,6)
<b>Dia 8-9-2010</b>
<b>Evento:</b> Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável A questão energética no mundo contemporâneo
<b>Dia 9-9-2010</b>
<b>Evento:</b> Ciclo de Palestra Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: <b>A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade</b> Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins - Unisinos As missões e reduções dos Guarani
<b>Evento:</b> Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea - Pré-evento ao XI Simpósio Internacional IHU: <b>O (des)governo biopolítico da vida humana</b> Prof. Dr. Carlos A. Gadea - PPGCS/ Unisinos Exibição e debate do Filme <i>Blade Runner</i> , de Ridley Scott (EUA)
<b>Dia 13-09-2010</b>
<b>Evento:</b> XI Simpósio Internacional IHU: <b>O (des)governo biopolítico da vida humana</b> <b>Conferências simultâneas:</b> Prof. Dr. Paulo C. Leivas - MP/RS, Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva - Unicamp. Abertura: Prof. Dr. Frédéric Gros - Université de Paris XII <b>XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana</b>
<b>Evento:</b> Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 As concepções teórico-analíticas e as proposições de políticas econômica de KEYNES - John Maynard Keynes, 1883-1946

LEIA A ENTREVISTA DO DIA EM  
[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

# **XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O (DES)GOVERN DA VIDA HUMANA**

**13 a 16 de setembro de 2010**

Informações e inscrições: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122

Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

# UHU: NO BIOPOLÍTICO NA

Apoio:



Promoção:



# Eventos

## Ajuda para reverter as mudanças climáticas

Em setembro, pessoas, organizações civis e igrejas se unem pela proteção do meio ambiente e pela conscientização sobre as mudanças climáticas. O “Tempo da Criação”, período de oração promovido pelas Igrejas cristãs, começou no dia 1º de setembro e irá se estender até o dia 10 de outubro, data-chave para a campanha 10:10:10

POR MOISÉS SBARDELLOTTO

É possível reverter as mudanças climáticas? Segundo Julia Marton-Lefèvre, diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza - UICN, que reúne governos, ONGs e cientistas, em entrevista à IHU On-Line (<http://bit.ly/bqpWNW>), “o impacto das mudanças climáticas (...) se tornarão sempre mais graves se as emissões de gás de efeito estufa não forem imediatamente reduzidas”. Felizmente, afirma, “a natureza também está em condições de nos fornecer utensílios poderosos para lutar contra as mudanças climáticas”.

Talvez, um dos “utensílios” mais poderosos fornecidos pela natureza contra as mudanças climáticas seja, em primeiro lugar, o próprio ser humano. “Cabe a cada um adotar gestos ecológicos no cotidiano”, diz Marton-Lefèvre. E esse é o desafio proposto pela campanha mundial 10:10:10. A proposta é assumir o compromisso de reduzir 10% do consumo de carbono ao longo de um ano, a partir do dia 10 de outubro de 2010.

Nessa data, serão realizadas inúmeras ações concretas e de conscientização em todo o mundo, para que esse seja o dia com o maior número de ações positivas contra as mudanças climáticas da história. O foco é a redução das emissões de CO<sub>2</sub> e um menor consumo de carbono.

A campanha é promovida pela 10:10 Global, organização fundada em 2009 por Franny Armstrong, diretora do filme-documentário *A Era da Estupidez*,

e pela 350.org, campanha que busca soluções para a crise climática a partir de uma conscientização em torno das 350 partes por milhão de CO<sub>2</sub>, taxa que, se for superada, segundo os cientistas, acelerará ainda mais os danos causados pelo aquecimento global, que são já visíveis.

Outra grande parceria da campanha 10:10:10 é o Conselho Mundial de Igrejas, que organiza anualmente o “Tempo da Criação”, um período privilegiado para que as igrejas cristãs reflitam e rezem pela proteção do meio ambiente “como Criação divina e herança compartilhada”, nas palavras do Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa, Bartolomeu I. Neste ano, excepcionalmente, o Tempo da Criação irá encerrar no dia 10 de outubro, para se unir à campanha 10:10:10 com orações, vigílias e ações concretas. O tema deste ano - *Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado* - também está relacionado ao Ano Internacional da Biodiversidade das Nações Unidas.

Por ocasião do Dia da Proteção do Meio Ambiente, celebrado pela Igreja Ortodoxa no dia 1º de setembro, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I<sup>1</sup> divulgou uma mensagem em que convoca os fiéis a “tomar parte na batalha titânica e justa para aliviar a crise ambiental e prevenir os resultados ainda piores que derivam de suas consequências. Motivemo-nos a harmonizar nossa vida

1 Sobre Bartolomeu I leia mais nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em <http://bit.ly/aBpk2F> (Nota da IHU On-Line)

e atitudes pessoais e coletivas com as necessidades dos ecossistemas da natureza, para que toda a fauna e a flora do mundo e do universo possam viver, florescer e ser preservadas”.

Dentro desse espírito ecumênico, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU também se somou à campanha 10:10:10 e publicará diversos materiais de conscientização e reflexão sobre o Tempo da Criação, nas Notícias do Dia, nas Entrevistas do Dia, no Blog do IHU e na revista IHU On-Line, assim como irá dar passos concretos nesse sentido.

Uma iniciativa é a publicação, nas Notícias do Dia, publicadas de segunda a domingo no sítio do IHU, de reflexões sobre as principais leituras das celebrações dominicais do Lecionário Comum das Igrejas Cristãs. Entre os dias 5 de setembro<sup>2</sup> e 10 de outubro, sempre aos domingos, serão publicados textos de autoria do reverendo anglicano inglês Keith D. Innes, membro do Churches Together in Britain and Ireland ([www.ctbi.org.uk](http://www.ctbi.org.uk)), órgão ecumênico que reúne diversas Igrejas cristãs dos dois países nórdicos. Os artigos buscam incentivar e apoiar estas igrejas na observação do Tempo da Criação a partir das leituras bíblicas, para a proteção da criação de Deus e a promoção de estilos de vida sustentáveis.

As *Notícias do Dia* também iniciaram a publicação de uma seção cha-

2 O título da primeira reflexão é “*Tempo da Criação*”: *Soberania de Deus, responsabilidade humana* e está disponível em <http://bit.ly/cRSA7T> (Nota da IHU On-Line)

mada “[Faça a sua parte](#)” como mais um gesto concreto de participar da campanha 10.10.10 e do **Tempo da Criação**.

O IHU também está divulgando e participando da campanha do Dia sem Carro, no dia 22 de setembro.

Além disso, no Blog do IHU, também serão disponibilizados subsídios para uma semana de oração pela Criação, entre os dias 4 e 10 de outubro. Preparados pela pastora valdense italiana Letizia Tomassone, vice-presidente da Federação das Igrejas Evangélicas da Itália - FCEI, os momentos de oração, de segunda-feira a domingo, são compostos por uma leitura bíblica, informações científicas sobre a ecologia e a Criação, gestos concretos que podem ser feitos no dia a dia para preservar a natureza e uma oração final.

Para dar um pontapé inicial nos gestos concretos em torno da proteção da Criação, buscando a meta proposta pela campanha 10:10:10, publicamos aqui 20 medidas simples e inteligentes que podem ser realizadas em nosso cotidiano para ajudar o meio ambiente e reduzir o nosso consumo de carbono e emissão de CO<sub>2</sub>. As sugestões também são de autoria da pastora Letizia Tomassone.

1. Faça de conta que as sacolas plásticas não existem: use bolsas e sacolas de algodão para carregar compras.

2. Consuma produtos locais: o transporte de produtos que vêm de longe consome petróleo e aumenta o efeito estufa.

3. Diminua a temperatura de geladeiras, ar condicionados e estufas no inverno e aumente no verão: assim, você vive melhor e polui menos.

4. Use melhor os eletrodomésticos: desligue o computador e a televisão quando não são utilizados. O modo stand-by consome energia e, portanto, polui.

5. Pegue sol. Como? Com painéis solares.

6. Troque (se puder) de carro; prefira os movidos a gás ou etanol. E, principalmente, use-os o menos possível.

7. Fique com os pés no chão: os aviões provocam 10% do efeito estufa mundial.

8. Coma frutas e verduras (se orgânicas, melhor): carne de ovinos e carne de bovinos são responsáveis por 18% das emissões mundiais de gás carbônico, além de favorecer o desmatamento devido à sua exploração intensiva.

9. Use fraldas ecocompatíveis: a biodegradação das fraldas tradicionais leva 500 anos.

10. Para conservar os alimentos, use vidro e não alumínio ou plástico: estes poluem e, para a sua produção, o desperdício energético é enorme.

11. Informe-se com inteligência: existem centenas de sítios, revistas e canais

de TV que falam sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

12. Não use papel: utilize a tecnologia digital para enviar e receber documentos e para se informar. Assim, você salva árvores e não polui com o transporte.

13. Escove os dentes, mas com inteligência: se deixar a torneira aberta, você joga fora 30 litros de água. Abra a torneira só quando for preciso.

14. Use lâmpadas econômicas: consomem cinco vezes menos e duram 10 vezes mais.

15. Coma de forma sadia, prefira o orgânico: é um método de cultivo que respeita o meio ambiente.

16. Coma com consciência: os hambúrgueres são bons, mas, para serem produzidos, destroem florestas inteiras. Pense nisso.

17. Um banho é bom se dura pouco: em três minutos, você consome 40 litros d'água. Em 10 minutos, mais de 130 litros.

18. Pense sempre que todo objeto que você usa irá se tornar lixo: faça com que ele dure o máximo possível.

19. Usar e jogar fora? Não, obrigado. Por exemplo, use pilhas recarregáveis: podem ser recarregadas até 500 vezes.

20. Faça a coleta seletiva: é a contribuição mais inteligente e mais importante que você pode dar ao meio ambiente.

## CICLO DE PALESTRA JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI. PRÉ - EVENTO DO XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

INFORMAÇÕES [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

# IHU Repórter

## Hélio Paz

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

**N**ascido em Porto Alegre e apaixonado pela internet, o professor Hélio Paz, do curso de Comunicação Digital da Unisinos, conta nesta entrevista os principais aspectos de sua trajetória pessoal e profissional. Encantado com a carreira acadêmica, ele relata sua experiência em sala de aula e ainda divide um pouco da sua visão de mundo e seus sonhos. Confira:



**Origens** - Nasci em Porto Alegre. Meu pai era engenheiro de minas e metalurgia, trabalhava na rede ferroviária federal. Minha mãe sempre foi dona de casa. Tenho três irmãos e eu sou o filho mais novo. Quando eu nasci meu pai já estava estabelecido em Porto Alegre. Meus irmãos passaram por uma época em que meu pai, que recém tinha iniciado a carreira, era transferido de cidade em cidade. Me criei no Bairro Auxiliadora, um bairro de classe média, com amigos que tenho até hoje. Foi uma infância divertida, andando de bicicleta, brincando de esconde-esconde, pulando dentro da casa dos outros, porque não tinha grades. A gente jogava futebol e sempre fazia algum outro esporte, como natação, karatê ou judô.

**Formação** - Estudei em colégio público, na Escola General Daltro Filho. Era uma escola muito boa se compararmos com o ensino público de hoje. Fui privilegiado e talvez eu seja da última geração que pegou o ensino público de uma qualidade excelente. Os professores de todas as disciplinas eram ótimos. Depois, fiz o segundo grau no Instituto Porto Alegre - IPA, que é uma escola particular. Todo mundo teria continuado no Daltro Filho se tivesse segundo grau. O IPA dava muita ênfase aos esportes. Eu não cheguei à seleção nenhuma porque eu não tinha tanta habilidade, mas fui do grupo de teatro

da escola. Assim que acabei o terceiro ano, passei no vestibular da UFRGS para Jornalismo. Depois, quando estava no terceiro semestre, pedi transferência interna para Publicidade. Não é que eu não tenha gostado do Jornalismo, mas criei mais afinidade com os colegas de Publicidade e, ao mesmo tempo, comecei a descobrir qualidades minhas que eu não conhecia até então, de trabalhar com foto e manipular imagem com computação gráfica. Passei a gostar muito de tudo isso, que eram coisas mais relacionadas com a Publicidade. Depois de vários anos tentando, passei na seleção do mestrado em Ciências da Comunicação da Unisinos, que concluí em 2009.

**Paixão pela internet** - Descobri a internet no final da faculdade. E passei a me apaixonar por esse universo. Dentro da UFRGS, no Centro de Processamento de Dados - CPD, eles davam uma conta de e-mail para a gente. Não existia nem web ainda, não tinha interface gráfica. Era tudo por linha de comando, bem rudimentar. Mesmo assim já se podiam estabelecer relações com as pessoas. Quando apareceu a web, comecei a utilizar acesso discado em casa, mas era muito lento, uma carroça.

**Trajetoária profissional** - Comecei trabalhando em algumas agências de publicidade. Já familiarizado com a in-

ternet, vi um anúncio de que estavam precisando alguém para trabalhar com criação. Comprei um livro de HTML e aprendi a desenhar uma página. Fiz a entrevista e entrei em 1997 para a empresa que virou o Zaz que, depois de comprado pela Telefônica, virou Terra. Fiquei um ano e meio ali. Nesse meio tempo eu dava alguns cursos de Photoshop. Em 2002, o professor Alex Primo<sup>1</sup>, da UFRGS, estava saindo para fazer o doutorado e me avisou que abria vaga para professor substituto. Ele sabia que eu queria dar aula. Eu levei a documentação até lá, fui aprovado e fiquei um ano dando aula como substituto na UFRGS. Essa experiência foi fantástica e decidi que não queria saber de fazer outra coisa na vida. Também trabalhei um semestre na Unifra, em Santa Maria. Mas quando terminei o mestrado, não tinha instituição para lecionar. Praticamente quase um ano depois da minha defesa fui chamado pelo professor Daniel Bittencourt para trabalhar na Comunicação Digital da Unisinos. Estou bastante satisfeito, porque é um curso de vanguarda. Nosso currículo não tem igual no Brasil. Temos uma divisão clara entre a prática e a teoria.

**União** - Vivo com a Lúcia, minha companheira, há mais de cinco anos.

<sup>1</sup> Leia uma entrevista exclusiva com Alex Primo, publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU e disponível em <http://bit.ly/dzOKFO> (Nota da IHU On-Line)

Não tenho filhos. Ela tem um filho do primeiro casamento, que já tem 21 anos, o Leo. Ele não mora com a gente. E nós moramos com a minha mãe, que é viúva. Eu tenho vontade de ter filhos, mas a Lúcia já vai fazer 43 anos. Não sei se a gente arrisca ou se de repente adotamos uma criança mais adiante. Eu sou filho adotivo. No começo eu tinha uma certa preocupação em relação a isso, mas agora já não tenho mais. A Lúcia trabalha o dia inteiro em uma farmácia e faz faculdade de História da UFRGS, estando 12 horas ocupada todos os dias. Então agora quero mais é ajudá-la a concluir o curso.

**Nas horas livres** - Gosto de cinema, de assistir vários tipos de filmes, de drama, comédia e filme europeu. Adoro esportes em geral.

O que não posso praticar, gosto de assistir. Ah, e sou gremista.

**Sonhos** - Tenho vários sonhos. Um deles é que quero que todos saibam que aquilo em que eu participei, no esforço conjunto com várias outras pessoas, levou a um passo além. Outro sonho é entrar no doutorado. Quero seguir a vida no ensino, na pesquisa e na extensão. Sonho em ver uma sociedade com mais conhecimento, com mais segurança e mais saúde. O grande problema é a baixa autoestima das pessoas, principalmente nas camadas mais populares.

**Unisinos** - Sensacional. Aqui na universidade é muito difícil chegar em algum setor e encontrar um funcionário de má vontade ou alguém que não tenha a informação correta para ofere-

cer. Percebo que estamos lidando com pessoas especiais, com um propósito muito humano em tudo o que fazem. O espírito da Unisinos é de trabalhar em prol das comunidades onde ela está inserida. E é isso o que faz com que a Unisinos seja hoje uma das melhores universidades particulares do país e a melhor da região sul. É um privilégio, uma responsabilidade e um orgulho muito grande estar aqui.

**IHU** - Visito seguidamente o site do IHU para ler as matérias, pego algumas revistas e cadernos do IHU para ler e gosto muito. Esse trabalho é muito difícil de encontrar em qualquer universidade. Até porque aqui dentro da Unisinos o IHU é muito divulgado, é apresentado para toda a comunidade.

twitter

Home Profile Find People Settings Help Sign out

**ih\_u**

That's you! Lists

Orações interreligiosas. O homem humano de Adélia Prado <http://bit.ly/9hMXWc>  
41 minutes ago via web

Dom Dadeus e o debate sobre pedofilia. A desautorização da CNBB. <http://bit.ly/9JW2je>  
about 2 hours ago via web

A violência institucionalizada: ausência do Estado e do poder público. Entrevista especial com Julio Jacobo Waiselfisz <http://bit.ly/d9RozW>  
about 2 hours ago via web

**Si\_Sampaio** Chegaram as peças, para última revisão, do Simpósio O (des)governo Biopolítico da vida humana.

**Name** IHU  
**Location** São Leopoldo  
**Web** <http://www.ihu.un...>  
**Bio** O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...

69 following 598 followers 64 listed

**Tweets** 1,900

**Favorites**

**Lists**

- educa-o
- parceiros
- contatos
- equipe-ihu
- organiza-es
- leitores

**View all**

**Following**

- DP
- opera mundi
- Enx
- R
- tic

**SIGA O IHU NO TWITTER**  
[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

# Destaques



## “Tempo da Criação” e a campanha 10:10:10

Desde 1º de setembro, as Igrejas cristãs iniciaram um tempo de reflexão e de oração pela natureza chamado “Tempo da Criação”. Do dia 1º de setembro (primeiro dia do ano para a Igreja Ortodoxa) até o dia 4 de outubro (festa de São Francisco de Assis para a tradição católica), o “Tempo da Criação” é um período para que as igrejas reflitam e rezem pela proteção do meio ambiente. Neste ano, o “Tempo da Criação” irá encerrar no dia 10 de outubro, para se unir à campanha 10:10:10 com orações, vigílias e ações concretas. Essa campanha visa incentivar indivíduos e organizações a reduzir o consumo de carbono em 10% durante um ano, a partir de 2010. O IHU também se somou à campanha 10:10:10 e publicará diversos materiais de conscientização e reflexão sobre o “Tempo da Criação”, nas **Notícias do Dia**, nas Entrevistas do Dia, no blog e na revista **IHU On-Line**, assim como irá dar passos concretos nesse sentido. Saiba mais em <http://bit.ly/aJidHn>

## 22 de setembro: Dia Mundial Sem Carro

Você anda de carro todos os dias? Seria capaz de ficar um dia sem usá-lo? Pois no dia 22 deste mês, é hora de aderir ao Dia Mundial Sem Carro. O principal motivo da celebração é diminuir a quantidade de carros individuais nas cidades, poupando grandes congestionamentos, poluição do ar e sonora, isolamento urbano, acidentes fatais, problemas de saúde, alto consumo de combustíveis fósseis, gastos aos cofres públicos, queda de produtividade e redução da qualidade de vida. Hoje, mais de 40 países celebram o Dia Mundial Sem Carro. Combater a “cultura do carro” que se instalou fazendo com que as pessoas sonhem com carro próprio suportando um modelo insustentável, também é uma forma de contribuir para a Campanha 10:10:10, no intuito de reduzir o consumo de carbono. Para saber mais clique em <http://bit.ly/bWLt0Y> e leia a revista **IHU On-Line** número 116, “Na cidade sem carro”, disponível em <http://bit.ly/aIWWfv>



## Platão e os guarani

O texto *Platão e os Guarani*, de autoria da Prof. Dra. Beatriz Helena Domingues, da UFJF, acaba de ser publicado no número 140 dos **Cadernos IHU ideias**, cuja versão em PDF estará disponível no sítio do IHU dia 08 de setembro. A publicação é mais um subsídio para o **XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, que acontece em outubro na Unisinos. A versão impressa pode ser adquirida na Livraria Cultural da Unisinos. Saiba mais em <http://bit.ly/bn5tcH>



Apoio:

